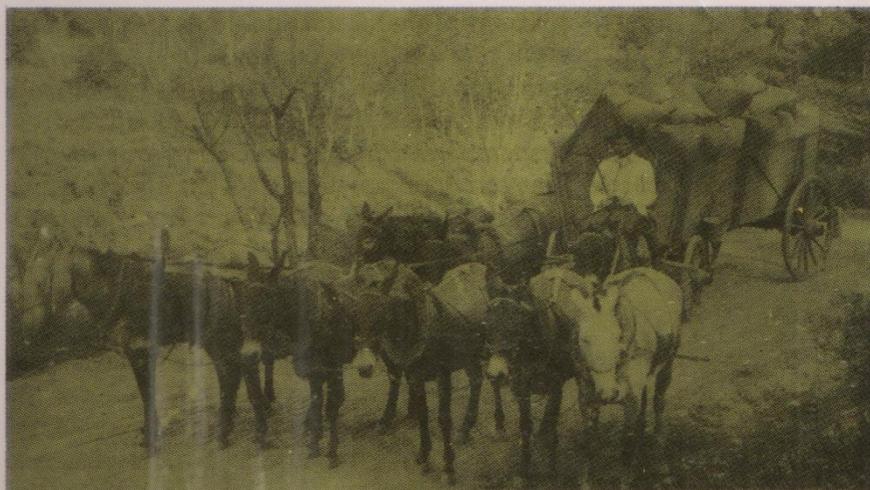


FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

SEMBLANTES DE PIONEIROS

2ª EDIÇÃO



EDIÇÕES EST

Mansueto Bernardi ao Autor:
"Recebi e li com atenção o manuscrito do seu livro referente à colonização italiana do Rio Grande do Sul. Vários dos seus capítulos já eram meus conhecidos, impressos que haviam sido no 'Correio do Povo', de Porto Alegre.

Sem entrar em detalhes, afirmo-lhe francamente que o seu trabalho me pareceu muito interessante, valioso e oportuno. Impõe-se, portanto, a sua publicação quanto antes, de vez que a nossa bibliografia sobre o assunto é excessivamente pobre. Em setembro último, proferi na Faculdade de Filosofia, de Porto Alegre, uma conferência intitulada 'A bibliografia italiana referente ao Rio Grande do Sul'. No final da mesma, fiz menção das 'Memórias dum imigrante', escritas e deixadas inéditas pelo italiano Giulio Lorenzoni, as quais abrangem um período de meio século da história rio-grandense (1875-1925) a referência despertou o máximo interesse e logo foram feitas gestões junto aos herdeiros do autor no sentido de darem à estampa aquele trabalho. É pena que eu não tivesse conhecimento, naquela oportunidade, da existência do seu manuscrito, porque teria anunciado os dois ao mesmo tempo, tanto mais que tratam do mesmo argumento, ainda não explorado pelos nossos historiadores, romancistas e sociológicos.

No seu volume, agradaram-me sobremaneira os capítulos intitulados 'A odisseia de m imigrante' (Memórias de José Gelain), 'Carreteiros', 'Tropeiros', 'Balseiros', 'Bugreiros', 'Uma partida de bochas' e 'A epopeia de um imigrante' (Memórias das famílias Merlo-Dolzan), que li com verdadeira emoção, pois conheci pessoalmente quase todos os personagens que intervieram nas ações escritas.

Minha impressão, em face do exposto, é que a edição do seu livro constituirá um êxito, seja sob o ponto

Fidélis Dalcin Barbosa

Semblantes de pioneiros



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Fidélis Dalcin Barbosa

Semblantes de pioneiros

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, História, 2ªEd. -Porto Alegre: Edições EST, 1995. 116p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 06/09/2013

Capa e ilustrações de: Carroça de carga pesada, transportando trigo, e sendo dirigida e guiada por Fiorelo Décimo Fiori.

B238s Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-
Semblantes de pioneiros [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-040-0

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Italianos – Rio Grande do Sul – Migração. 2. Rio Grande do Sul – História. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

AGRADECIMENTO	9
ROTEIRO	11
PROÊMIO Discurso aos Pioneiros.....	13
1. A ODISSEIA DE UM IMIGRANTE.....	21
2. CARRETEIROS.....	61
3. TROPEIROS	82
4. BALSEIROS	95
5. BUGREIROS.....	107
6. UMA PARTIDA DE BOCHAS.....	122
7. A EPOPEIA DO IMIGRANTE	128

AGRADECIMENTO

Frei Rovílio Costa resolveu reeditar o livro *Semblantes de Pioneiros*, quando, em 1995, completo 80 anos de idade.

Sou muito agradecido ao Frei Rovílio. A ele, com sua Editora EST, devo a publicação da maioria de meus 50 livros.

Por esta oportunidade, desejo prestar especial agradecimento aos Superiores dos Padres Capuchinhos, na pessoa do seu atual Província I, Frei Aldo Colombo, meu companheiro de redação do Correio Riograndense nós anos de 1969 e 1970.

Devo também gratidão ao amigo e emérito professor e escritor Luis Alberto De Boni, pelo seu apoio e colaboração, prefaciador de alguns livros meus.

Outro grande amigo a quem muito devo é o professor Mario Gardelin, de Caxias do Sul, apresentador de algumas obras minhas.

Ainda de Caxias do Sul, não posso esquecer o saudoso Frei Alberto Stawinski, por sua valiosa colaboração, especialmente a respeito do meu livro mais volumoso “A Diocese de Vacaria”.

Ao saudoso José Maciel Júnior e a sua filha Véra Lucia Maciel Barroso devo muita gratidão. Juca Maciel foi meu mestre de História, colaborador nós livros “História do Rio Grande do Sul”, “Vacaria dos Pinhais” e “Nova História de Lagoa Vermelha”. Sua filha Véra Lucia sempre me distinguiu convidando-me a proferir palestras em todos os encontros dos municípios oriundos de Santo Antônio da Patrulha.

Outro mestre de História, já desaparecido, é Abeillard Barreto.

Gratidão, ainda, devo aos historiadores Moacir Flores, Júlio Posenato e Itálico Marcon. Este último participou da comissão

organizadora do concurso para a escolha do hino do centenário da Imigração Italiana, havendo escolhido a minha letra.

De modo especial, recordo a decisiva colaboração de Mansueto Bernardi, responsável pela publicação deste livro.

São incontáveis as pessoas que me apoiaram e colaboraram ao longo de minha modesta carreira literária, iniciada em 1961, com este livro, que teve uma tiragem de quatro mil exemplares. Recebeu as mais elogiosas referências por parte da crítica.

Estas apreciações deram chance para que várias editoras se prontificassem a editar cerca de duas dezenas de livros, todos com tiragem de dez mil exemplares e sucessivas edições. As principais editoras são: Edições Paulinas, a antiga Flamboyant, de São Paulo, e Lar Católico, de Juiz de Fora, dos Padres do Verbo Divino. São mais de 300 edições, na média com cinco mil cópias.

Por fim, lembro um colaborador financeiro, o hoteleiro Daniel Bertelli, dono do maior hotel da fronteira, o Jandaia Hotel, com mais de 200 apartamentos de luxo, em Santana do Livramento.

Fidélis Dalcin Barbosa

ROTEIRO

Gevaldino Ferreira

Aquele que tiver, de fato, uma história a contar, um assunto a expor, uma ideia a ser defendida - dispõe do primeiro elemento para escrever. E o material coletado por Fidélis Dalcin Barbosa para traçar este seu "Semblantes de Pioneiros" é farto e humano. Além disso, inexplorado. E ele o emprega com tamanha naturalidade, num estilo tão simples, que o livro ressubra autenticidade em cada frase, e a gente o lê com gosto, com vivo interesse, não obstante a sua despretensão literária. No meu caso, muito especialmente, pois que - tendo dez anos de trabalho profissional na zona de colonização italiana, de 1934 a 1944, dirigindo um laboratório de bromatologia, orientando e fiscalizando a vinificação, convivendo com os colonos, conhecendo-lhes a dura luta do dia-a-dia e com isso o preço da conquista dos seus bens materiais, inclusive pelo sacrifício dos antepassados - sei bem o quanto é justo que se narre e enalteça o heroísmo silencioso e humilde desses legítimos desbravadores, os imigrantes.

Muito interessantes os apontamentos de José Gelain, as suas memórias, com que Fidélis Dalcin Barbosa inicia o seu livro. Conheci em Nova Pádua divers os descendentes desse valoroso imigrante. Dentre eles o seu filho Luiz Gelain, professor primário e maestro da banda local, e seu neto Henrique, hoje Bispo de Lins em São Paulo.

No capítulo "Carreiros" o autor reivindica para a carreta de quatro rodas, a carreta do imigrante italiano, um lugar de relevo no registro de prestação de serviços na feitura do nosso progresso, como acontece com a famosa carreta de duas rodas, de origem açoriana, hoje glorificada em prosa e verso e revivida a cada passo em miniaturas de metal ou madeira. Aqui o ensaísta relembra essa "bruta instituição" italiana que é a blasfêmia.

É assim que ele começa a desenhar o "semblante" de Bernardo Índio. Eu me lembro de Bordó, um carreteiro que conheci em Vacaria no meu tempo de guri, e ao qual o escritor se refere pouco depois. A semelhança entre ambos não é física, reside no modo de ser. Bordó, quando atolava a carreta e, depois de muito grito e muito laço, se convencia da impotência dos animais para arrancar o "tatu", ficava religioso, apelava para os seus santos preferidos, gritando, dramático, de braços abertos, às vezes de joelhos. Mas, ao ver que a ajuda não vinha, virava o vento e xingava, dizendo "nomes" de arrepiar a pele até dos palanques das cercas. Chamava os mesmos santos, um por um, para dentro do seu chapéu e, depois de um discurso terrível, descia-lhes o facão, numa fúria de louco, espumando de raiva.

É excelente o capítulo sobre os balseiros, principalmente pelo conhecimento minucioso do itinerário. E começa bonito: "Açorianos e bandeirantes habitaram o litoral e os pampas gaúchos. Circundaram, com medo e respeito, o negror da mata virgem. Como outrora, no mapa do mundo, um ponto escuro da África trazia a legenda '*Hic sunt leones*', aqui a extensa região montanhosa do Rio Grande do Sul envolta no denso mato do mistério, incutia pavor. Paraíso das aves e das feras, telheiro do selvagem, dormia o sono dos séculos sob a verde umbela protetora dos pinheirais sem termo".

(Publicado no Diário de Notícias, 25.03.1962.)

PROÊMIO Discurso aos Pioneiros¹

Mansueto Bernardi

No princípio era a selva. A selva estava em tudo. Cobria tudo com seu verde manto.

Com estas palavras, que lembram o intróito do IV Evangelho, poderia ser iniciado o primeiro capítulo da história deste município e, portanto, desta localidade. Foi somente em 1884 - um decênio depois da fundação de Caxias do Sul- que se estabeleceu no local onde hoje assenta a nossa formosa Veranópolis, a Comissão de Terras, que lançou as bases da Colônia de Alfredo Chaves. E foi nessa época, entre os anos de 1884 e 1890, que se povoou a maior parte desta circunscrição.

Os colonos vinham chegando e eram alojados no Barracão dos Imigrantes, exatamente no sítio preciso em que hoje se erguem os edifícios da União Montanhesa de Indústrias. De lá eram distribuídos, pouco a pouco, pelos lotes rurais que lhes cabiam. Tudo era floresta rude e agressiva, povoada de animais bravios de toda espécie.

Não havia estradas. A única via de acesso era um estreito pique, aberto na mata a golpes de foice e de facão, pelo qual transitavam, a custo, em fila indiana, as tropas de muares, os cavaleiros e os pedestres. Nesse deserto medonho, somente se descobria uma clareira: a ROÇA REIÚNA, situada ao nascente da atual cidade e onde faziam pouso os tropeiros que, de quando em vez, dos campos de Vacaria e Lagoa Vermelha, demandavam os centros de São João de Montenegro, São

¹ O "DISCURSO AOS PIONEIROS" foi proferido no dia 6 de janeiro de 1960, na Vila do Lajeado, município de Veranópolis, ao ensejo da inauguração do Monumento aos Colonizadores daquela região.

Sebastião do Caí, São Leopoldo e mesmo de Porto Alegre, onde iam vender os artigos de sua produção e comprar os de que necessitavam.

Os próprios colonos ajudavam os engenheiros e agrimensores a abrir as picadas que os deviam conduzir a seus pontos de destino.

Se não havia estradas, muito menos existiam casas de habitação. As suas primeiras noites no sertão bruto, os imigrantes foram forçados a dormi-las sob as copas das árvores ou debaixo de toscas ramadas, que eles mesmos improvisavam e junto das quais, desde o pôr-do-sol, acendiam grandes fogueiras, para se protegerem contra as feras.

Assim vieram para o Lajeadozinho, no ano de 1886, os sete primeiros povoadores, cujos nomes constam da lista nº 1, na placa de bronze que, em memória do fato, acabamos de inaugurar. E assim, em seguida, vieram todos os mais.

As famílias ficaram no Barracão na sede da Colônia e só depois de erguidas as primeiras cabanas é que as mesmas se juntavam a seus chefes. Começou nesse instante a sua luta contra o ambiente hostil. A golpes de foice e de machado, foi derrubada a primeira fração da mata secular. Crepitaram, pouco depois, as chamas da queimada. Surgiu a primeira plantação, o primeiro milharal, o primeiro trugal, o primeiro vinhedo.

São o trigo e a vide as duas plantas sagradas que, se não introduzidas, foram definitivamente aclimatadas no Rio Grande do Sul pelos colonos peninsulares, constituindo hoje uma das nossas mais poderosas fontes de saúde, de bem-estar e de riqueza coletiva. Surgiram ao mesmo tempo os dois primeiros moinhos, no profundo vale do Rio Retiro, um no fim da Linha Dois-de-Julho, outro no término da Linha Sete-de-Setembro.

E como não havia animais para o transporte dos-produtos, os próprios colonos levavam nós ombros os grãos a moer naqueles engenhos, e, ainda nós ombros traziam, de volta, os sacos de farinhas para as suas casas.

Enquanto isso, a esposa, a mãe-de-família ficava labutando no lar, dividindo o seu tempo entre o interior e a horta, entre o forno e a fonte, entre o estábulo e o berço, entre a cozinha e a máquina de costura, durante dez, doze e até quatorze horas por dia, sem vagares nem assistência de espécie alguma!

Hoje, as casas dos colonos dispõem de relativo conforto; possuem rádio, luz elétrica, fogão de ferro e algumas até refrigerador. Naquele tempo, era o humilde candeeiro e o rudimentar "larim". Em verdade, foi dura a vida no dealbar da Colônia!

A primeira batalha dos imigrantes foi travada contra a selva, como vistes. A segunda, contra os inimigos naturais das plantações, de vez que, plantado e espigado o milho, por exemplo, foi preciso defendê-lo, dia e noite, contra os papagaios e porcos-do-mato, os macacos e os coatis.

Em sua maioria, os imigrantes, desprovidos de recursos, mas ansiosos de se tornarem proprietários, pagaram com serviços na abertura de estradas os preços de suas colônias. E foi essa, por certo, a sua primeira e profícua contribuição ao progresso do Rio Grande, pois é da estrada que depende em toda a parte a regular circulação da corrente da vida.

Quando viajamos, hoje, rapidamente, em ônibus confortáveis, nós não pensamos no pretérito, não atentamos para esse detalhe particular, mas a verdade é que, na chapa de rodagem em que deslizam os veículos a motor está ainda impressa a marca das mãos calosas dos colonos, ainda se evola da mesma o cheiro de seu suor.

Naquele tempo, não existiam as maravilhosas máquinas de hoje. Tudo era trabalho manual, tudo era fruto do esforço do corpo humano.

O que ocorreu com as estradas, ocorreu com quase tudo o mais. Tudo o que atualmente por aí se depara à nossa comovida admiração - os caminhos gerais e vicinais, as casas, as fontes, os pomares, os vinhedos, as pastagens e as plantações, as igrejas e as escolas, os estábulos e os celeiros, os animais domésticos e os utensílios agrários - tudo, de certo

modo, e espólio que recebemos de nossos ancestrais vanguardeiros. Mesmo o que nós, por ventura, tenhamos acrescentado a esse patrimônio, esse ainda é um benefício que eles nos concederam, quando nos outorgaram o dom da vida.

Este que ora praticamos é, por esse motivo, um gesto de resgate, uma forma de remissão, o cumprimento de um encargo imprescritível. E o pagamento da dívida de gratidão que moralmente com eles contraímos, no próprio instante de nascer.

Sob outro ponto de vista, esta cerimônia se reveste igualmente de certo caráter religioso, pois importa na observância de um preceito divino: HONRA TEU PAI E TUA MÃE.

Em todos os tempos e entre todos os povos, com efeito, sempre existiu o culto dos mortos, variando apenas a sua forma de expressão. Outrora, os mortos eram sepultados com suas armas de caça ou de guerra e os seus instrumentos de trabalho. Os vivos depositavam em suas sepulturas comidas e bebidas e até panos para defesa contra o frio, crentes de que, na outra vida, tais coisas eram necessárias. Quando um morto não era cultuado, não recebia os seus manjares e beberes, saía do seu túmulo a se lamentar, durante a noite, até que fosse atendido. Daí é que provém a superstição das almas penadas, que eram as almas dos mortos esquecidos, abandonadas pelos seus descendentes.

Hoje, nós já não cremos nessas abusões, mas continuamos a cultuar nos nossos mortos, lhes dedicamos até um dia especial de saudades e reverência, quando, a par de oferendas florais, os assistimos com as nossas preces, certos de que a oração é o único repasto e a verdadeira cobertura dos mortos.

A par do tom religioso, esta solenidade assume também um caráter cívico, patriótico, porque, no conceito do sábio Fustel de Culanges, o patriotismo não consiste apenas no amor do solo, do pátrio solo, da terra em que jazem os nossos pais é onde também nós algum dia havemos de repousar, mas principalmente no amor do passado, no respeito às coisas que foram dos antepassados, na admiração de tudo quanto de nobre,

grande e belo criaram os nossos ancestrais; em suma, no cultivo da história e da tradição.

É com especial apazimento, por isso, que vejo, neste instante, o Centro de Tradições Roça Reiúna compartilhar desta homenagem aos heróicos Pioneiros, desbravadores da Serrania das Antas. Têm, por ora, os Centros de Tradições a finalidade de cultuar principalmente as tradições campeiras. Está bem que assim seja. Conviria, entretanto, que, no futuro, eles ampliassem o seu programa, para fim de abranger também as tradições coloniais, pois, tanto os descendentes das tribos indígenas como os originários da Lusitânia, tanto os rebentos das famílias que partiram das terras banhadas pelo rio Reno, o mar Báltico ou o mar do Norte como os filhos dos que embarcaram nas praias azuis do Mediterrâneo, todos estamos destinados a formar um só amálgama social, um só bloco étnico, uma só nação coesa, a qual, mais dia menos dia, há de implantar a ordem e fazer florir a civilização cristã nesse imenso Império que é o Brasil.

Por isso e para isso, os Centros de Tradições deveriam ser, como o Guaíba, um vasto estuário, aberto, em toda a extensão de seu curso, tanto as águas que fluem do Sul, nos leitos dos rios Jaguarão e Camaquã, como às que derivam dos plainos litorâneos ou do sopé dos Aparados com os rios dos Sinos e Gravataí; tanto as que se precipitam, com o Caí e Taquari, dos campos de Vacaria e de Cima da Serra como as que resvalam das Missões e da Campanha, pelos dois braços formadores do Jacuí.

O ideal do tradicionalismo deve ser a unidade, resultante da diversidade.

A data que hoje transcorre é dedicada pela Igreja aos Reis Magos, a rememoração da visita que três potentados terrestres fizeram, há cerca de dois mil anos, ao Rei Celestial, ao Menino Deus recém-nascido na Gruta de Belém.

Ensinam as Escrituras que o local do nascimento do Messias foi indicado aos visitantes por um prodígio: uma grande e estranha estrela a brilhar no céu, sobre o berço de Jesus.

De certo modo e sem qualquer intenção de comparar um fato com outro, nós também aqui no Lajeadozinho, à semelhança daqueles Reis do Oriente fomos hoje testemunhas de um prodígio. E foi a ressurreição, no bronze que lhes perpetuará os nomes, dos fundadores da Igreja, da escola e desta localidade, os quais dormiam no cemitério vizinho. Todos eles nossos progenitores, nossos parentes, nossos amigos - simbolicamente abandonaram hoje a Cidade dos Mortos, para vir conviver outra vez conosco, participar da nossa vida, alertar-nos com a sua presença, estimular-nos com seu exemplo, infundir-nos confiança nas decisões a adotar e rumos a seguir.

Doravante, todos esses redivivos - alguns dos quais já haviam caído num completo esquecimento, que corresponde a uma verdadeira segunda morte -, doravante todos esses redivivos nunca mais deixarão de estar entre nós, e, do alto da singela coluna de granito e bronze, que lhes dedicamos, eles assistirão, de novo, alegoricamente, ao fluir da nossa vida cotidiana, às mutações e melhorias das casas e colônias que foram suas, às nossas festas e procissões, à vozeria dos escolares no recreio, ao vai-e-vem dos passantes na estrada que ajudaram a construir.

Creio que esses mortos queridos, que hoje figuradamente ressurgiram de seus modestos sepulcros, não terão motivos para estar descontentes conosco, pois continuamos fielmente a sua trilha e a sua obra. E alguns dos seus descendentes se destacaram da gleba e subiram na escala social, exercendo postos de direção, orientação e comando. Outros prosperaram no comércio, na indústria, no funcionalismo, sem esquecer que numerosos elementos, originários de famílias locais, já integraram e ainda estão integrando os quadros do magistério rio-grandense, leigo e religioso, público e particular. Ainda outros tiveram a fortuna e o mérito de ascender aos mais altos postos da administração, no Município, no Estado e na União.

Todos nós nos sentimos hoje ufanos de ver os nomes dos nossos pais gravados no metal imperecível. E se assim acontece conosco, decorridos apenas alguns decênios do passamento dos Fundadores, é bem de ver o que sucederá daqui a cem ou duzentos anos, quando os

descendentes dos Pioneiros se contarem não mais às centenas como agora, mas sim aos milhares, e estiverem espalhados por todo o Brasil, e se distinguirem no exercício de cargos no comércio e na indústria, nas ciências, nas letras e nas artes, no magistério e na magistratura, na medicina e na advocacia, na engenharia e nas forças armadas, na deputação e na senatoria, assim como - por que não dizê-lo? - nós governos dos Estados e da própria União. Esta ambição nada tem de ilícito e o prognóstico nada tem de extravagante, porque tudo depende de uma infusão maior ou menor do Espírito e o Espírito sopra onde quer.

Quando se alude ao concurso dos imigrantes para o progresso do Rio Grande, costuma-se destacar principalmente o seu aspecto econômico, o qual se manifestaria, acima de tudo, no comércio, na indústria e na agricultura. Relevante é, por certo, essa contribuição, porém, a nosso ver, não é a principal. A nossa quota para a formação do capital social do Estado não foi apenas de natureza econômica, material. Foi também étnica, religiosa, intelectual, moral e espiritual. Um filho de imigrantes já foi governador do Estado e outro foi o seu sucessor. Dezenas de descendentes de colonos foram e são secretários de Estado, deputados, senadores, professores universitários, juizes, médicos, advogados, engenheiros, escritores e artistas.

Todo o Episcopado Rio-grandense e quase todo o nosso clero secular e regular, é de origem alienígena. Ao estalar a revolução de 30 todos os jornais e revistas de Porto Alegre eram dirigidos por filhos ou netos de imigrantes: Truda, Pila, Carrazzoni, Metzler, Bernardi.

Ao lado da econômica, que constitui a base, essa é a contribuição colonial que reputamos de maior valia.

Da mesma forma, na partilha do espólio dos Pioneiros, a parte que nós coube e que nós mais apreciamos, não são as suas casas, as suas terras, os seus bens corpóreos. É, sobretudo, o seu acervo moral. É o seu amor de Deus, da Pátria e da Família. É o seu gosto de trabalho. É o seu sentido da ordem. É o seu respeito à autoridade. É o seu espírito de iniciativa e economia, a sua honradez, a sua fidelidade à palavra

empenhada, o seu instinto de solidariedade social. Em suma, todo aquele conjunto de virtudes que constitui o núcleo, o cerne, a substância da personalidade humana.

Ao ensejo desta hora de expansão afetiva, neste preito de reverência e gratidão que estamos prestando aos Pioneiros, fazemos questão de salientar que o seu maior legado foi, e continua sendo para nós, aquele complexo de virtudes cristãs acima referido. Numa palavra, é o fermento, a energia, o dom divino da sua religião e do seu sangue.

Esse patrimônio sagrado, que herdamos dos nossos ancestrais, nós assumimos nesse instante, perante Deus e o mundo, o compromisso não só de guardá-lo intato, mas também de transmiti-lo, possivelmente aumentado, às gerações que nós não de suceder.

M.B.

1. A ODISSEIA DE UM IMIGRANTE

É insignificante, quase nula, a bibliografia do imigrante italiano no Rio Grande do Sul. A empolgante odisseia dos anônimos desbravadores das impenetráveis florestas da serra gaúcha não encontrou poeta para cantá-la na epopeia de heroísmo que encerra.

Não houve pena que tracejasse no papel, imortalizando nas páginas da História, os feitos inenarráveis destes autênticos titãs de bravura e estoicismo, perpetuando os lances impressionantes que os velhos avos contavam em roda do fogão, em noites de cruel invernia.

Foi, pois, com emocionante surpresa e vivo interesse que vim a saber, por intermédio do meu aluno, Américo Gelain, da existência de um manuscrito deixado por seu avô, José Gelain, um dos vanguardeiros da imigração italiana em nosso Estado.

O que nos contam estas interessantes memórias constitui, como afirma o próprio autor, legítimo romance. No entanto, é a pura verdade. A realidade nua e crua.

A descrição da vida do fundador de São José do Ouro, escrita por ele mesmo, retrata, com impecável fidelidade e comovente realismo, o poema sublime de trabalho e sofrimento, de tenacidade e arrojo, de aventura e confiança desses milhares de colonizadores que, à semelhança de José Gelain, fizeram surgir do solo rude, regado a suor e sangue, a fulguração estupenda de tantas cidades, pletóricas de beleza e progresso.

Aqui vai, pois, o homérico relato deste intrépido bandeirante, em cujas veias corria talvez o sangue de antiga nobreza, quiçá daquele Duque Gelain de que nós falamos nos livros da Idade Média, conforme se lê em "Os Feudos" de Laurence Pleux.

* * *

A pedido de meus parentes - assim começam as memórias de

José Gelain - eu, o mais velho da família, tomo a iniciativa de escrever tudo o que se sabe acerca da nossa geração até a presente data.

Sou filho primogênito de Vittore Gelain e me chamo José.

Vim para o Brasil com a idade de 20 anos, seis meses após a vinda de meus pais, irmãos e tios. Fui o último da família a imigrar.

No momento em que ia partir com meus pais, fui detido para servir à Pátria. A minha classe deveria enfrentar a guerra na África.

Profunda tristeza apoderou-se de mim ao despedir-me dos meus caros e diante do perigo que a guerra me oferecia.

Meu avô, que muito me amava pelo bem que eu lhe queria, disse-me:

- Caro José, vejo que estás muito triste pela separação. Como sabes, sou Conselheiro Municipal. Procurarei fazer o possível para que em breve te juntes aos queridos pais.

Com dinheiro e amizade, como diz o adágio italiano, o avô cegou os olhos da Justiça, do Síndico e seus Secretários.

Fui apresentado ao Ministério da Guerra da Província de Pádua. Levei comigo as recomendações do cônsul italiano de Porto Alegre que invocava o direito que me cabia como primogênito de assistir os pais pelo espaço de dois anos.

O avô, satisfeito com o feliz êxito das tratativas, comprou a minha passagem por 800 liras. Fez-me inúmeras recomendações. Disse-me que era seu desejo de, após dois anos, se unir novamente aos queridos filhos. Assim que tivéssemos casa pronta e o necessário sustento, ele iria também para o Brasil.

Como eu era o único membro da família que sabia escrever, pediu-me que lhe enviasse seguidamente minuciosas informações acerca da vida no país longínquo.

Por minha vez, entre outras indagações, solicitei que me contasse

algo dos nossos antepassados.

- Gostei do teu pedido, caro neto. Sei que levarás em conta a história da nossa genealogia melhor do que teus tios que nunca se importaram com as coisas do nosso sangue.

Meu avô chamava-se Bernardo Gelain. Eis o que ele me disse sobre a nossa ascendência.

Pelo ano de 1790, houve guerra aqui na República Vêneta. Meu avô, jovem ainda, foi também convocado para combater na Itália como soldado que era do exército francês.

Este lugar onde moramos foi então campo de guerra, e aqui lutou meu avô. Como foi dito a meu pai, era ele soldado valoroso. Finda a guerra, não mais voltou à França. Casou. Viajado e rico, estabeleceu-se nestas vastas e férteis planícies da Província de Pádua.

Para residência escolheu um castelo no distrito de Cittadella, de rara beleza, de sorte que diziam: "*Cittadella, piccola, ma bella*".

Era um castelo todo circundado de altas muralhas e com quatro portas: porta padovana, porta vicentina, porta bassanesa e porta trevisana.

Um rio corria ao redor de Cittadella, construída no tempo de Ezzelino Romano.

Gostava de sair pelos campos e vivia a la grande, como homem rico. Sua ocupação era a caça, juntamente com outros senhores. Andava por estas planuras sem fim onde ainda não havia habitação alguma. Nas inúmeras lagoas e banhados imensos daquele tempo abundava a caça.

Todas as manhãs, partia com os cães da raça braco. Diziam: Lá vai Gelain com os cães bracos. Com o tempo, passaram a chamá-lo pelo apelido de "Braco" com que a nossa família é conhecida ainda hoje.

Teve dois filhos: Prosdócimo e Giovanni, que é meu pai.

Meu avô morreu jovem, seguindo-o minha avó pouco tempo depois. Prosdócimo, ainda moço, apaixonou-se pelo jogo, gastando a

fortuna do defunto genitor.

Meu pai cresceu e casou com uma jovem de nome Maria. Deus abençoou-lhes o matrimônio. Tiveram dois filhos: eu, o primogênito, e minha irmã Joana.

Depois de seis anos de casados, Deus chamou meu pai para o descanso eterno.

Sozinho, com a mamãe e a irmãzinha, fui morar com o tio Prosdócimo.

Tinha eu dezesseis anos quando rebentou a guerra. Os tedescos queriam tomar a República Vêneta.

Um decreto-lei conclamou todos os jovens para a guerra. Só os casados não eram convocados. A conselho da mãe, casei com Verônica Baggio e assim me escapei da guerra.

Tivemos seis filhos: Vittore, Giovanni, Elisabete, Regina, Santo e Prosdócimo.

Eu, como ia de mal a pior, separei-me do tio Prosdócimo. Arrendei 55 campos de ricos senhores chamados Ebrei Triesti. Pagava de arrendamento 1.400 liras por ano.

Algum tempo mais tarde, faleceu minha mãe e vim morar nesta terra que o tio me deu, nas proximidades da igreja de São Brás de Onara.

Até aqui foi o que o avô contou. Do resto eu me recordo.

Vittore, meu pai, aos vinte anos foi servir ao governo como militar, permanecendo dois anos sob os alemães na Áustria.

De volta, casou com Maria Nichele. Teve os seguintes filhos: José, que sou eu, Bernardo, Estevão, Verônica, Angela e Giovanni.

Meu tio Giovanni casou com uma jovem de nome Antônia.

Minha avó faleceu com apenas 43 anos de idade.

Meu avô casou, três anos depois, com uma viúva chamada

Helena. Deste matrimônio, nasceram Verônica e Fortunato.

O tio Santo foi servir o exército durante três anos e quando voltou casou com Verônica Bergamini.

Enfim Prosdócimo, meu tio mais novo, serviu três anos nas Forças Armadas, casando depois com Maria Burbella, que veio a falecer oito meses mais tarde. O pobre tio saía a cavalo, feito louco. Melhorou e casou com Lúcia Zen.

Com estes filhos, todos casados, formou-se numerosa família. Morávamos todos na casa do meu avô e esta tornara-se pequena para tanta gente.

A terra fértil produzia o suficiente sustento. Compramos três cavalos para transportar os produtos. Pagávamos arrendamento de 14 campos de terra. Em quatro desses lotes plantávamos muito arroz. Dez serviam para pasto que era cortado duas vezes ao ano. O feno era inferior e de pouca substância.

Por volta de 1700, nestas planícies de Pádua, ocorreu violento terremoto que abriu a terra engolindo quase todas as casas.

Cem metros além da nossa residência, erguia-se uma igreja que foi respeitada pela fúria do sinistro. Mais tarde, essa igreja tomava o nome de São Brás de Onara, onde eu fui batizado e recebi s primeiros ensinamentos de religião.

A uns trezentos metros da igreja, existia o castelo de Santa Margarida, que foi tragado pelo terremoto.

Antes deste lúgubre acontecimento, a estrada terminava no campo onde morávamos. Passava pelo castelo e levava a Pádua.

Foi sempre muito comentado o fato seguinte. Ia o sacerdote levando o santo Viático a um moribundo das vizinhanças. Os sinos tocavam, avisando. Dois homens seguiam à frente com um altarzinho, de acordo com a liturgia e o costuma da Itália. Pela estrada viajava o rico senhor do Castelo de Santa Margarida em carruagem puxada por dois

cavalos e guiada por um criado negro. Este avisou que deviam parar porque passava o Senhor do mundo. Mas o soberbo senhor respondeu: Se é verdade que ele é o Senhor do mundo, eu sou o senhor da terra.

No mesmo instante a terra se abriu. Só se salvou o criado. Formou-se um lago no local. Anos depois, dois pescadores encontraram os restos do carro e o levaram para o museu da cidade de Veneza, Capital da República Vêneta, para recordar o homem que foi punido por não reconhecer o seu verdadeiro Deus.

Em 1884, nossa família compunha-se de 26 pessoas. A casa tornava-se pequena demais. Meu avô pediu aos patrões que ampliassem o edifício. Mas eles apresentaram outra proposta: possuíam 40 vacas e bois e queriam que meu pai, Vittore, que era o mais velho, fosse morar na fazenda a fim de cuidar do gado.

Assim, fomos para Vacarino. O serviço era pouco para quatro pessoas que trabalhavam. Os patrões compraram 40 ovelhas e eu era o pastor.

Ganhava eu uma lira por dia. Meu pai, duas. E os irmãos, meia. Davam-nos além da moradia, dez sacos de milho, sete de trigo ao ano, lenha e leite.

Vivíamos muito bem, felizes e contentes. Nunca faltamos com o cumprimento do dever. Os patrões, por sua vez, eram ótimos.

Mas a família do avô aumentava mais e mais. Queria arrendar outra pequena fazenda para o tio Santo.

Acontece que naquele tempo todos falavam na América. Da nossa localidade muitas famílias haviam emigrado especialmente para a Argentina. Cartas de parentes chegavam afirmando que a América era a Terra de Promissão, onde corria leite e mel.

Em todas as rodas se falava na América. Todos queriam ir para a América. No Brasil, então, ganhava-se muito dinheiro. Lá tudo era bonito e bom.

Na Itália, os pobres passavam muito mal. Os empregados na agricultura ganhavam apenas uma lira por dia.

Nós, porém, não precisávamos da América; estávamos muito bem. Durante todo o ano tínhamos empregados que trabalhavam nos campos. Vivíamos honestamente e não passávamos miséria como tantas outras famílias.

Meu avô, lembro-me bem, dava muitas esmolas para aqueles pobres que vinham pedir comida.

No entanto, o tio Santo, influenciado por certos parentes e amigos, deu de querer migrar para a América. Meu avô não estava de acordo. Santo insistiu, insistiu, até que o avô o deixou partir. Mas não lhe deu herança. Mais tarde, remeteria dinheiro para voltar à Itália, caso não fosse feliz na América.

Partiu com a família: esposa e duas filhas menores. Junto com outros companheiros, escolheu o Brasil para nova pátria.

No Rio Grande do Sul, seguiram para Campo dos Bugres, onde foram alojados no Barracão dos Imigrantes, recebendo alimento até que pudessem construir casa própria.

No barracão, Santo foi aconselhado a comprar terra de um tal Conde Feijó. Terra boa e barata, custava apenas quinhentos mil-réis por quarto de lote. O pagamento seria feito quase totalmente em troca de trabalho. Ganhava ele cinco mil-réis por dia.

Junto com o tio Santo, veio um jovem muito esperto e inteligente que sabia ler e escrever corretamente. Chamava-se Giovanni Zorzi e fora meu colega de escola.

Era ele quem redigia as cartas de Santo que era analfabeto. Foi obrigado a sair da Itália por causa de abusos com a namorada com quem, no entanto, não pôde realizar o sonho do casamento.

Giovanni, escrevendo em nome do tio, enfeitava com cores berrantes a nova terra. Para quem, na Itália, lesse as cartas, a América

parecia feita de ouro.

Zorzi, que ocultava a Santo os verdadeiros dizeres das cartas, tencionava com isso impressionar a família da namorada e provocar a sua vinda para o Brasil. E assim poderia casar.

Meu avô veio a Vacarino com as belíssimas cartas do tio Santo.

Ficamos admirados e contentes com a sorte que teve na América.

Disse o avô para meu pai:

- Caro filho, Vittore, eu te dou um conselho. Vai também para a América. Já tens filhos grandes e poderão te ajudar a trabalhar. Ganharás muito dinheiro e comprarás bastante terra. Será a tua sorte e de teus filhos que ficarão isentos do Serviço Militar. Pelo menos, salvarás os filhos, porque esta iminente uma guerra na África.

Deixamos os bons patrões. Voltamos para a cara paterna. Tratamos de conseguir os documentos necessários para emigrar.

Prosdócimo, irmão mais novo do papai, queria a todo custo partir também para a América. O avô procurou dissuadi-lo, dizendo que dois anos mais tarde iriam todos.

Mas o tio Prosdócimo conseguiu também vencer a seu pai. E preparou-se para a viagem.

Despedimo-nos. Era o dia 15 de novembro de 1887. Como já disse, na hora da partida, chegou um Oficial de Justiça, com uma carta da autoridade militar. Procurava Giuseppe, primogênito de Vittore. Era eu.

A mãe chorava, desesperada, e não queria mais partir. Mas não havia outro jeito. A bagagem já seguira de trem. Foi com muitas lágrimas que se despediu do filho que tanto lhe era querido. Dizia: Meu filho querido! Tu irás para a guerra e quiçá não nós veremos mais...

Eu, com o último abraço, procurei consolá-la.

Meus caros partiram! Foi imensa a minha dor naquele momento e

nos dias que se seguiram. Eu que pensava partir com meus pais e irmãos, lá tive de ficar. Triste, aborrecido, muitas vezes chorei de saudade.

Meu avô e meu tio Giovanni, os únicos da família que restavam na Itália, encorajavam-me. Para mim, no entanto, de nada valiam os seus bons conselhos. Para mim tudo era desolação e tristeza. A vida perdera o seu verdadeiro significado...

Enfim, os meus caros estavam em viagem. Fizeram-na regularmente. Mas a mãe não teve saúde durante a longa travessia do oceano. Vivia repetindo estas palavras: Aquele filho, não o verei mais.

Chegados a Porto Alegre, foram ter com o chefe da imigração que lhes perguntou para onde queriam ir. Para Campo dos Bugres, responderam.

Na viagem, através da floresta, informaram-se do lugar das terras do Conde Feijó e da residência do tio Santo. Disseram-lhes que Santo ainda não possuía casa para alojar a família e que, nos dois anos decorridos, morara junto com um tal Giuseppe Penachio. Disseram ainda que havia Iniciado a construção da casa havia poucos dias e que era muito pobre.

A inesperada e triste notícia apunhalou a alma do pai e do tio Prosdócimo. A mãe e a tia Lúcia choravam perdidamente, dizendo: Fomos traídos. As cartas que ele escrevia diziam o contrário da realidade.

No Barracão dos Imigrantes, em Campo dos Bugres, escreveram ao no Santo que apareceu poucos dias depois. Aí, as duas mulheres, com lágrimas nos olhos, e mostrando as cartas, perguntaram o motivo daquela traição.

O tio Santo, chorando ele também, respondeu:

- Eu não sou culpado. Estas cartas foram escritas pelo meu companheiro, Giovanni Zorzi. Eu não sabia que ele dizia estas coisas. Ele me enganou. Mas vinde comigo. Darei um jeito para alojar a todos em casa dos vizinhos. Dentro de um mês a casa estará pronta para mim e

para todos. Eu havia pedido àquele velhaco que escrevesse dizendo que viésseis só daqui a um ano. Agora vamos todos juntos. Compraremos um lote rural do Conde Feijó.

Mas o Diretor da Imigração deu ao pai o lote nº 25 e para o tio Prosdócimo o lote nº 26 do Travessão Leonel, 4º distrito de Campo dos Bugres, hoje Caxias do Sul.

Naqueles dias, Prosdócimo adoeceu, com febre e fortes dores de cabeça. Pouco depois enlouqueceu e dava gritos desesperados.

Passados alguns dias, minha mãe deu a luz um filho: que imediatamente foi batizado por certo Padre Luís que alguns chamavam de Dom Cachaça.

Minha mãe, em consequência do parto, adoeceu gravemente. O pai procurou o médico, que chamavam de Napolitano. Este enganou-se na receita. E a pobre mãe, entre gemidos e vômitos, morreu 24 horas depois. Teve a graça de se confessar e receber os santos óleos, só não comungando por causa dos vômitos.

No mesmo dia, morreu também o filho recém-nascido, de nome Caetano. Mãe e filho foram sepultados dentro do mesmo caixão.

O pai, infeliz viúvo, naquela extrema miséria, teve de pedir esmolas para a sepultura de Maria e do filho.

A tia Lúcia bateu à porta das poucas casas de Campo dos Bugres implorando um bocado de comida.

Podeis imaginar a situação angustiosa em que se encontrava aquela pobre família em tão pesado luto, sem dinheiro, sem crédito e sem conhecimento algum.

Oito dias depois, Ângela, de apenas seis anos de idade, filha do tio Prosdócimo, também morreu, após três dias de misteriosa doença. Passados mais uns dias, adoeceu-lhe o filho de nome Luis, que morreu, com dois anos de idade.

Assim, em apenas dezoito dias, no Barracão dos Imigrantes, faleceram quatro pessoas da família Gelain.

Decorreram dias difíceis. Sem alimento e sem dinheiro para adquiri-lo. Prosdócimo melhorou. Os dois irmãos desejavam tomar posse das terras que o governo lhes deu. Mas de que maneira? Com que meios?

Um dia, certo Fernando Scalabrin visitou o Barracão dos imigrantes. Este senhor era padeiro no lote nº 40 da Nona Légua. Vendia pão e vinho. Seguidamente aparecia no Barracão. Pela estrada, detinha os pobres imigrantes e administrava-lhes bons ensinamentos acerca do modo de trabalhar a terra, sendo aqui tudo tão diferente da Itália.

Viu o papai e o tio Prosdócimo naquele miserável estado de prostração e sucumbimento pela morte dos entes queridos. Contaram-lhe a sua triste história e as condições em que se debatiam. Fernando Scalabrin apiedou-se dos coitadinhos e lhes disse: Eu serei o vosso auxílio.

Conduziu-os, à venda de um tal Antônio Bortoloz e lhe disse:

- Antônio, fornece todo o necessário para o sustento destes dois homens. Daqui a quatro meses eu te pagarei tudo.

Em seguida, foram à casa de um moleiro chamado Giuseppe Bonetto e também a este pediu que lhes fornecesse farinha suficiente para dois meses e eles pagariam logo que pudessem.

Os dois irmãos se alegraram por haver Deus se comiserado deles mediante a caridade daquele bom homem que tanto se interessou por nós, fazendo-se de fiador.

Saíram do Campo dos Bugres em companhia de uma família de Campo de S. Pedro, da Itália, que adquirira o lote vizinho, nº 27. Neste lote, havia uma casa de 5 por 7 metros.

Naquela casinha hospedaram-se 15 pessoas. Fizeram uma cozinha com meia dúzia de tábuas. E começaram a derrubada da mata, sem prática alguma. Cortavam as árvores em redor até caírem, com

grande perigo de ficarem esmagados debaixo delas. Pouco tempo depois, veio um entendido e ensinou o processo de cortar pinheiros e outras grossas árvores.

* * *

Nesse meio tempo de desventuras da nossa família, chegara à Itália a carta do papai, remetida de Porto Alegre juntamente com a recomendação do cônsul italiano reclamando a minha vinda para o Brasil. Como primogênito, eu iria assistir à família durante um ano, findo o qual regressaria à Pátria. O próprio governo pagaria a viagem de volta.

Saí da Itália no dia 20 de fevereiro de 1888, quatro meses após a partida dos pais: A travessia do oceano durou 20 dias. Desembarquei no porto de Santos. Éramos 60 pessoas com destino ao Rio Grande do Sul. Pedimos para seguir viagem.

O agente marítimo disse-nos que podíamos ir a São Paulo e daí para Porto Alegre. Fomos, confiados na existência da estrada de ferro para o sul, conforme nos haviam dito. A maioria dos imigrantes era contratada por uma grande sociedade de fazendeiros para a cultura do café.

No dia seguinte, apresentamos o passaporte e os bilhetes de embarque.

- Aonde queres ir? - perguntaram.

- Como dizem os papéis e o passaporte, respondi.

- Não podes ir para o Rio Grande do Sul. Deves permanecer aqui em São Paulo. Para ir ao Rio Grande terás de pagar a viagem de teu bolso. O Governo não paga as despesas de quem pode trabalhar. Podes muito bem trabalhar nós cafezais, ou, se quiseres, o governo te dá um lote rural a uns dez quilômetros daqui.

Fiquei muito aborrecido. Eu vinha para assistir os meus pais e agora estava detido sem meios de prosseguir viagem.

Alguns bons italianos, que há dois anos moravam em São Paulo,

disseram-me:

- Não saias da imigração. Eles estão obrigados a te dar de comer. Não podem expulsar ninguém. Faze contínuas reclamações. Vai ter com o secretário do diretor da Imigração que te dará melhores esclarecimentos. Este secretário é italiano de Nápoles e serve de interprete ao diretor. Vão todos unidos, especialmente as mulheres e as crianças. Dize às mulheres que chorem, pois só desta forma obterão de seguir para o Rio Grande.

Assim fizemos. O secretário perguntou:

- O que quereis, meus bons italianos?

- Queremos ir para o Rio Grande do Sul, conforme declaram nossos passaportes. Reclamamos e nada conseguimos. Queremos ser transportados para o Rio Grande onde temos nossos parentes.

- É muito custoso. Contudo, eu vos aconselho a ficar sempre na Casa da Imigração, o governo não pode vos expulsar e é obrigado a dar-vos de comer até novas ordens. Estamos esperando da Itália o Ministro da Emigração, que deve vir por causa de muitas reclamações dos imigrantes italianos que se encontram em São Paulo. Os fazendeiros de café são muito enganadores. Fazem grandes promessas e no entanto a maioria dos italianos são traídos. Por isso virá o Ministro da Emigração para se entender com o governo brasileiro e com o diretor da Imigração. Esperai, portanto, porque agora nada é possível fazer.

Voltamos à Casa da Imigração. Todos os dias vinham dizer-nos que devíamos ir para o trabalho. De outra forma não teríamos mais comida.

Diariamente, fazendeiros dos arredores de São Paulo vinham contratar novos empregados. Doze intérpretes apresentavam-lhes as famílias recém-chegadas da Itália. Faziam esplêndidas propostas, alegando que os fazendeiros eram bons e conscienciosos. No entanto, muitas vezes, não conheciam esses grandes cafeicultores.

Inúmeros italianos acreditavam nas mentiras dos intérpretes e lá

se mudavam para o interior. Sem recursos, passando fome e miséria, muitos casais vendiam os poucos haveres para não perecerem à míngua. Nem sequer encontravam casa para morar.

Os que tinham dinheiro bastavam por conta própria à Casa da Imigração, com mulheres e crianças doentes. Faziam certas perguntas aos intérpretes e estes nada podiam responder.

Os imigrantes, dois ou três dias depois de chegados a São Paulo, eram obrigados a partir para o interior devendo deixar uma pessoa encarregada de receber a bagagem que seguia de trem desde o porto de Santos.

Às mais das vezes, a bagagem demorava sete ou oito dias para chegar. E sempre havia extravio de malas. Naqueles armazéns era como a Torre de Babel: ninguém se entendia. Havia roupa espalhada pelo chão. Quebravam-se caixas e pacotes. Os imigrantes reclamavam, inutilmente. Por sua vez, muitos imigrantes eram bobos. Não se importavam. Uns choravam. Minha bagagem, no entanto, chegara muito bem, graças a Deus.

Enfim, 70 dias após, chegou o Ministro da Emigração da Itália.

Nós, com destino ao Rio Grande, fomos apresentados no hotel onde estava hospedado o Ministro. Os meus companheiros pediram-me que escrevesse toda a nossa dolorosa odisséia. Redigi longa mensagem, esclarecendo ponto por ponto todos os nossos problemas. O embaixador italiano levou a carta ao sr. Ministro. Este leu-a, e, nervoso, jogou-a pela janela, dizendo:

- Não temais, meus caros patriotas italianos. Amanhã eu me entenderei com o diretor da imigração e depois de amanhã seguireis vosso destino.

A viagem, informaram-nos, corria por conta do governo brasileiro. Assim aconteceu. Voltamos a Santos de trem. Embarcamos no vapor "Rio Negro".

Antes de chegar ao porto do Rio Grande, desencadeou-se violenta procela que nós expôs ao perigo de sermos tragados a cada momento pelas ondas do mar.

Passamos 34 horas com o navio ancorado em pleno oceano, aguardando a cada instante o naufrágio.

Recolhemo-nos ao interior do barco. Lá, muitos choravam e a maior parte orava constantemente. Pedíamos a Deus tivesse compaixão de nós, nos salvasse. O capitão do navio e os marinheiros encorajavam-se entre si e nos diziam: Rezai, italianos, vós que sabeis rezar, e vereis que Deus se apiedará de nós.

De fato, depois de tantas súplicas, cessou a tormenta e continuamos felizes a nossa viagem. Não fora a nossa fé, teríamos perecido.

Decorridos oito dias, chegamos a Porto Alegre, no dia 13 de maio de 1888, dia da libertação dos escravos no Brasil.

No Departamento da imigração, apresentei meus documentos e pedi para seguir rumo a Campo dos Bugres.

Embarquei num vaporzinho e vim por um rio até São Sebastião do Caí, sem a minha mala de 112 quilos de bagagem. Dera pela falta em Porto Alegre. A mala chegara vazia. Reclamei ao agente da imigração. Respondeu que a recebera daquele jeito. Com certeza roubaram a roupa no navio, que já agora andava rumo da América do Norte. Falei com uns italianos que residiam na Capital da Província e um deles me disse: Não há mais remédio. Paciência. Você não foi o primeiro...

O único meio de transporte era o cargueiro, por causa das estradas. Em São Sebastião do Caí perguntei a alguns tropeiros se conheciam a família Gelain em Campo dos Bugres. O nome era-lhes completamente estranho. Procurei até que um dia alguém me informou que conhecia havia cinco meses meu pai e o tio Prosdócimo.

Fiz-lhe diversas perguntas sobre minha gente. E ele me disse que

estavam morando nas terras do governo e que haviam morrido quatro pessoas da minha família: minha mãe, dois irmãos e o filho mais novo de Prosdócimo.

Depois de tudo o que acontecera, quando julgava superadas as últimas dificuldades, ouvir aquela trágica notícia da boca do tropeiro, foi realmente um golpe terrível que me abalou profundamente. E chorei de dor e saudade.

Segui viagem, andando a pé por caminhos impraticáveis. Tive sorte, pois no Barracão do Campo dos Bugres, no dia da minha chegada, encontrei o tio Prosdócimo, o qual volta e meia aparecia por lá à minha procura. Chorei de alegria ao abraçar-me com ele.

Depois comecei a indagar acerca dos meus. Notei que o tio ficou logo com pena de mim, mas contou-me o que eu já sabia por meio do tropeiro. Disse-me que já estavam resignados pois viram naquilo a vontade de Deus.

Não pude resistir às lágrimas. Lembrei-me então do que fora para mim a querida mãe. Lembrei-me dos belos tempos de menino, quando minha mãe era companheira inseparável e amorosa que sempre me aconselhava para o bem. Lembrei-me de como a mãe se tornara indispensável, quando nos campos de Vacarino, ela trabalhava ao lado de meu pai.

Lembrei-me também do que ela me havia dito na hora da partida, no vagão do trem: Meu filho, parece estar sentindo dentro do coração que não te verei mais.

Quantos bons conselhos ela me deu!

Quantas vezes me prevenia para que, ficando moço, não esquecesse nunca de frequentar a Igreja e os seus santos sacramentos e rezar sempre as orações que ela me ensinou quando menino.

Quanta saudade de minha mãe!

Para um filho que ama de verdade a seus pais e ao chegar recebe

tão triste nova do falecimento de sua mãe que tanto amou, é na verdade uma grande dor.

Porém, como não há tristezas que perdurem, resignei-me. O tio Prosdócimo me informou que eu, com 20 anos de idade, tinha direito de receber um lote do governo.

- Amanhã, disse ele, quando todos forem apresentados ao diretor da Imigração para decidir o destino de cada um, podes pedir o lote e pede o do número 10 do Travessão Barra, perto do Rio das Antas. No entanto, talvez não te convenha, porque nós já temos bastante terra e mais tarde a repartiremos entre todos. Tanto eu como o teu pai temos dois lotes.

Refleti e resolvi pedir o lote, com o pensamento no futuro. Pedi o do Travessão Barra.

Acompanhado do tio, fui andando pela estreita picada, no meio da floresta virgem onde só se ouvia o guincho dos macacos e de outros animais.

Caminhamos dia e meio. Pouco antes de chegar à casinha, o tio deu um grito muito forte. Era o aviso que haviam combinado para que todos viessem ao nosso encontro.

Abracei o papai com lágrimas de contentamento nós olhos.

Mas, naquela rústica choupana da família Caon, no meio daquele sertão sem fim, eu compreendi toda a extensão do infortúnio que nos aguardava. Lembrei-me com indignação daquele traidor que nos iludira. Na Itália, vivíamos na abundância e aqui estamos na completa miséria.

Tudo nós faltava. Não tínhamos crédito nem dinheiro. É verdade, graças ao sr. Fernando Scalabrin, recebíamos do sr. Bortoloz a mercadoria necessária e seis sacos de milho.

Mas quando cheguei, o tempo já estava a findar. E para passar o resto do ano faltavam seis meses. O milho, recém-plantado. E nós não tínhamos onde trabalhar. Todos os vizinhos eram igualmente pobres.

Enquanto nós ocupávamos na lavoura, a tia Lúcia e a mulher do Caon iam pedir alguma esmola junto aos colonos do travessão vizinho onde os imigrantes residiam há dois anos. Voltavam cansadas, com duas quartas de farinha e algumas dúzias de ovos. Ficávamos contentes com aquele alimento.

Em meio à floresta, a nossa casa distava mais de um quilometro do primeiro vizinho. Seguido, as feras nos assustavam. De noite, cuidávamos de não fazer barulho por medo dos leões e dos tigres.

O dia em que comíamos melhor, a refeição compunha-se de polenta com açúcar ou rapadura. A salada, às mais das vezes, era temperada com o suco de certa erva do mato que denominávamos pão-e-vinho, porque nem sempre tínhamos vinagre que só se obtinha em Campo dos Bugres, e era longe.

Mas nem tudo era tristeza em nossa casa. Muitas vezes cantávamos as lindas canções da querida Itália. Todas as noites rezávamos o terço e pedíamos a São Caetano pela Providência Divina.

Duas vezes por semana, as duas mulheres saíam a pedir esmola com nos alimentávamos. Vendemos uma corrente de ouro da falecida mãe para comprar comida. Meu pai e o tio Prosdócimo tinham um relógio que também foi vendido em troca de um cavalo. Com uma coberta que trouxeram de São Paulo, fizemos uma carona, botamos uma cangalha e eis o cavalo encilhado.

Seguidamente, íamos a Campo dos Bugres com o nosso cavalo magro, porém, bem contentes. Quando o animal, muito fraco, não podia mais andar, então metíamos o pé através daquelas desoladoras picadas, barrentas e pedregosas. Levávamos na mala das provisões quatro pedaços de polenta e três ou quatro ovos para comer. Com mil e quinhentos réis comprávamos uma garrafa de vinho ou de cachaça.

A viagem demorava três dias. No povoado, íamos a Diretoria da Colonização onde pagavam um tanto pelas estradas abertas e pela derrubada do mato no lote de cada um. Diziam que o pagador ainda não

havia chegado com o dinheiro do governo, enquanto nós, pobres imigrantes, passávamos fome e miséria.

Naquele tempo o governo, a fim de ajudar os imigrantes pobres, pagava 60 mil-réis por quilômetro de estrada aberta ou derrubada. Com este dinheiro compravam comida e outras coisas indispensáveis.

Apesar de tanto trabalhar, nunca tínhamos nada. Aproveitamos, então, a oportunidade que o governo nós oferecia para abrir a estrada que devia ligar Campo dos Bugres ao Paese Novo, hoje Antônio Prado.

Os imigrantes chegados há um ano tinham a preferência na empreitada. Foi assim que eu, o tio Prosdócimo, dois filhos de Caon e o jovem João Zanatta, fomos trabalhar na construção da referida estrada.

Ao chegarmos ao Rio das Antas surgiu um problema bastante sério: a travessia do caudaloso rio, que as últimas chuvas caídas na região engrossaram. Devíamos utilizar a barcaça ali existente. Diziam que a balsa era do governo e que todos podiam passar por ela sem pagar.

Mas o chefe da barca não queria nos deixar passar sem pagar.

Após algumas horas, chegou um grupo de imigrantes que se dirigiam ao Paese Novo. Insistimos para passar junto. Mas o balseiro não levava ninguém sem dinheiro. E nenhum de nós possuía sequer um misero tostão. Estávamos com imensa fome. Anoitecia. Entramos no mato e varamos a noite de qualquer jeito, mal acomodados e passando frio.

Ao clarear o dia, pedimos para passar e o barqueiro nos respondeu:

- Sem dinheiro não se passa.

Ao meio-dia, a fome já era intolerável. Eu não aguentava mais. Ajoelhei-me diante do balseiro e pedi por caridade, por amor de Deus que nós deixasse passar, porque estávamos morrendo de fome.

Graças a Deus, passamos. O balseiro nos levou depois a um seu compadre que morava ali perto e lhe recomendou que nos desse de

comer.

Mas o seu compadre, ao contrário do que julgávamos, nós mandou comer cana-de-açúcar. Eu não pude calar.

- Mas que sustento pode dar a cana-de-açúcar se já faz dois dias que não comemos nada?

- Então arranquem estas pedras aqui, enquanto eu vou à casa do vizinho a ver se consigo um pouco de farinha; eu preciso das pedras para fazer uma taipa.

Começamos a trabalhar. Eu, porém, não podia por causa da fraqueza e da fome. Duas horas depois chegou o homem com a farinha. Fizemos uma polenta sem sal, porque ele nem sequer tinha sal.

Como era gostosa aquela polenta!... Mas muito pouca para matar a fome.

No dia seguinte, continuamos a viagem. Entramos por estreitas picadas e subíamos agarrando-nos em cipós, atalhando, a fim de chegarmos depressa ao Paese Novo. O caminho era difícil e tivemos de trepar por enormes paredões de pedra.

Ao meio-dia chegamos. No Barracão dos Imigrantes comemos, graças a Deus. Naquele tempo, no Paese Novo, além do Barracão, só havia duas casas.

De tarde começamos a trabalhar. O bom trabalhador ganhava dois mil-réis por dia e o mais fraco, mil e quinhentos.

Labutamos durante quinze dias. Depois cedemos o lugar a outros Imigrantes que precisavam também ganhar o alimento.

Pagávamos a comida e sobrava-nos um mil-réis por dia. Nos 15 dias de serviço, eu e o tio Prosdócimo ganhamos 25 mil-réis.

Comíamos mal e dormíamos ainda pior. A comida consistia em polenta e açúcar. Ao meio-dia, tocinho assado ao fogo.

Voltamos para casa. Pagamos a farinha ao moleiro. Depois de algum tempo, recebemos também o dinheiro das derrubadas e das estradas. Saldamos nossa dívida com o negociante Bortoloz e agradecemos ao bom Scalabrin que foi nosso fiador.

Em vista da grande necessidade por que ainda passávamos, fui com três companheiros trabalhar na construção da estrada de ferro entre São Leopoldo e Taquara.

Aqui também sofremos, nos primeiros dias. Às vezes comíamos um pouco de farinha de milho amassada com água fria, como se faz para as galinhas.

Ganhava dois mil e quinhentos réis por dia. Lá ficamos durante cinco meses. Depois ouvimos falar em revolução e viemos embora para casa.

Na volta quase nós afogamos no Rio Santa Cruz. Por um triz não fomos arrastados pelas águas.

Depois, com a roupa do corpo e a bagagem molhadas, dirigimo-nos à casa de uns brasileiros e pedimos pousada. - Para os gringos não temos pouso, responderam.

Com o dinheiro na mão suplicamos um pouco de carne ou qualquer outro alimento. Mas não conseguimos nada. Alegavam que não tinham boia.

Passamos a noite num chiqueiro. Fomos pedir água quente para aliviar o estômago. Naquilo os cachorros tomaram conta das bolsas da bagagem. Abriam-nas e rasgaram a roupa. Devoraram o café, enquanto o açúcar já se havia derretido durante a passagem do rio.

Era uma noite de frio intenso e nós lá estávamos com a roupa de corpo molhada sem alimento. O dia seguinte amanheceu com uma grande geada.

Por volta das duas horas da madrugada, senti que as forças me faltavam e transido de medo falei para o meu companheiro, Antônio Caon:

- Daqui a pouco, se Deus não me ajudar, creio que morrerei de fome e de frio.

Principiamos a rezar. Repeti muitas vezes o ato de contrição.

- Antônio, quando chegar em casa conte a triste tragédia que nos aconteceu. Diga especialmente ao meu pai que morri de fome e de frio...

O meu amigo não andava tão fraco assim. Antes de passar o rio, ele se alimentara bastante com queijo. Mas eu, que não posso comer queijo, não tinha mais forças para resistir à fome e ao intenso frio.

O meu companheiro soprou durante duas horas para me dar calor. E Deus não quis que morresse.

Ao meio-dia chegamos a Ana Rech. Numa casa de italianos comemos uma fritada com sebo de boi. Naquela fraqueza, fiquei muito mal Vomitei, vomitei e parecia que ia morrer. Deram-me um café e me recuperei.

De tarde partimos para Campo dos Bugres. Lá nos refizemos e bem alimentados rumamos para o nosso rancho.

Com aquele dinheiro que trouxemos pagamos as dívidas e ganhamos um pouco de crédito. Estávamos contentes.

Recebemos carta do avô pedindo que voltássemos à casa paterna que seríamos bem recebidos. Não queria que seus filhos passassem misérias. Mandaria dinheiro para a viagem.

Escreveu também ao tio Santo, responsabilizando-o pela tragédia, chamando-o de traidor do seu sangue e afirmando que seu coração era pior que um tigre. Mas o pobre do tio, como vimos, não era o culpado.

O avô remeteu dinheiro pelo banco de Toscana, o único a manter comunicações com Porto Alegre. Mas este dinheiro nunca chegou as nossas mãos. Reclamamos. Tudo em vão. No tempo do Império não era como hoje...

O avô e o tio Giovanni volta e meia tornavam a escrever pedindo o

nosso regresso! Mas já havíamos construído uma casa de 4x8 metros. Com muito sacrifício. Rachamos as tábuas a mais de mil metros de distância. Cada dia fazíamos uma viagem carregando às costas duas ou três delas. Foi nesta casinha que nasceu Luís Gelain, pai do Bispo Dom Henrique Gelain. Este, com certeza, ainda se recorda do ranchinho.

Mas não perdemos por completo a ideia de voltar para a Itália. Eu e a tia Lúcia estávamos de acordo. Contudo o pai e o tio Prosdócimo achavam inconveniente, pois mais tarde surgiriam transtornos na família.

- Deves saber, dizia o pai, que a viagem é penosa e muito perigosa. Podemos perecer no oceano. Já temos experiência. Precisamos pensar bem. Fiquemos aqui.

Continuamos a trabalhar. Plantamos diversos cereais. O milho e o trigo eram lindos. Parecia a Terra Prometida. Dava gosto. O pai e o tio escreveram ao avô comunicando a resolução de não mais voltarem.

E eu com a tia Lúcia naquela teimosia de querer voltar a todo custo.

Um dia o pai falou:

- Meu filho, sabes que te amo. Será que agora vais querer me abandonar?

- Dói-me o coração dizê-lo, papai, mas eu prefiro morrer na África sob o governo italiano a continuar aqui.

É que eu havia jurado antes de partir da Itália que depois de ano ou ano e meio eu voltaria. Eu queria cumprir o meu juramento.

Soube mais tarde que os meus companheiros da classe de 1869 pereceram todos na África aos caprichos do general Baretieri que traiu a pátria vendendo-se ao imperador Menelique.

-Eu dizia que se encontrasse Cristóvão Colombo, o mataria por haver descoberto a América. Estas inóspitas regiões são para selvagens e não para nós que somos porção das flores da itálica Pátria.

Depois disse ao meu pai: Agora vou ver o meu lote. Se ele for como dizem, só pedras e paredões, eu irei embora do Brasil.

Juntamente com o amigo Giovanni Zanatta, fui ver o lote; o meu era o do número 10 e o do companheiro, número 11 do Travessão Barra.

Vimos logo que beirava a serra do Rio das Antas, entre enormes pedras e paredões. Para caminhar carecia agarrar-se aos cipós do mato.

Encontramos três lugares onde dormiam os leões e os tigres. Fugimos precipitadamente com medo de sermos devorados pelas feras.

Em casa falei ao pai:

- Eu vou para a Itália. Vamos todos para lá.

Mas os dois irmãos estavam resolutos:

- Já que estamos aqui, seja o que Deus quiser. Fiquemos.

Inúteis foram as minhas súplicas e da tia Lúcia.

- Com o tempo tudo mudará.

Esta frase do pai, eu a ouvia com raiva.

Um dia, a tia Lúcia falou:

- José, eu vou ficar. Fique também, sim? Seu pai disse-me que morrera de dor se você, que é seu filho predileto, partir. Quem sabe, daqui a algum tempo nós e nossos filhos ficaremos contentes. Eu que sou mais velha refleti bastante e resolvi carregar esta pesada cruz até o fim. Com o tempo nos habituaremos. E Deus, se não for nesta vida, na outra nós dará o prêmio que merecemos.

Estes conselhos da minha tia caíram-me na alma como se fossem de minha mãe. Resolvi ficar.

Eis que chegam mais cartas da Itália, dizendo que lá seríamos recebidos como filhos pródigos. Eu era quem respondia as cartas. Mandei dizer de uma vez por todas que resolvemos ficar. Mas que, por amor de Deus, eles ficassem por lá. Só os miseráveis, os que não tivessem o que

comer, poderiam vir para o Brasil. Porém os que vivem moderadamente, não venham por favor.

Lembrei-me das recomendações do avô. Eu escrevia com a mão na consciência, procurando não enganar a ninguém. Conteí as lamúrias que se ouviram por aqui. De manhã, os pobres imigrantes quando iam dar de comer aos porcos não os encontravam. Tinham sido devorados pelas feras.

Com tantas notícias tristes, eles na Itália, acostumados a viver como ricos, resolveram não imigrar para estas florestas, sem estradas, sem comércio, sem igrejas e sem padres.

Na Itália compraram a fazenda do Vacarino. Os patrões ficaram muito satisfeitos pois foram sempre ótimos rendatários. Concederam longo prazo de pagamento. Ao todo a propriedade compreendia 55 campos de terra.

Nós já tínhamos grandes plantações de milho, trigo e outros cereais, um pequeno parreiral e gozávamos de crédito.

Aos poucos, fomo-nos acostumando, apesar de que o nosso pensamento voava continuamente para a terra natal.

Aos domingos, visitávamos algum vizinho. Reuníamos uma turma de italianos e cantávamos as lindas canções peninsulares.

Não vimos sacerdote durante dois anos. Só em Campo dos Bugres havia um sacerdote. Na Semana Santa, seis ou sete moços para lá nós dirigíamos a fim de fazer a Páscoa.

Mais tarde, apareceu um padre coadjutor. A primeira missa foi no moinho de José Bonetto. Fizemos uma grande festa naquele dia.

Depois construímos uma igreja de 7x15 metros. Aos domingos, eu e minha esposa, quando ainda não éramos casados, ensinávamos o catecismo.

Fizemos uma plantação de milho e trigo em benefício da igreja e

compramos uma imagem de Nossa Senhora do Rosário. Como na estrada não passava cargueiro, fomos buscá-la a pé em 20 homens. Ao longo do caminho vínhamos rezando o rosário e as ladainhas de Nossa Senhora.

Antes de chegarmos à capela, o povo e as crianças vieram ao nosso encontro e gritavam, contentes: VIVA LA NOSTRA MADONNA!

Nós, os Gelain, tínhamos em casa os brincos de ouro de minha falecida mãe e os ofertamos a Nossa Senhora.

Passado algum tempo, veio o padre. Foi o dia da bênção. Fizemos uma grande festa. Até uma banda de música chegou de longe para abrilhantar o acontecimento.

Nesse tempo eu já morava em Nova Pádua.

Deixei meu pai e irmãos e fui habitar a terra que o governo me dera. Vivia sozinho no meio de grande floresta.

O pai e o tio Prosdócimo me ajudaram a construir a casa. Como não havia pinheiros na zona, servimo-nos de lenha verde, tapando as frestas com folhas. O coberto era de madeira do tal pau-mole.

A casinha media 4x6 metros. Lá, sozinho, naquela miséria, passei longos anos. Cada três meses vinha o fiscal para ver se a terra estava habitada.

Sofri muito. Mas fazia o possível para que se um dia casasse, meus filhos não sofressem como eu.

Frequentemente pensava em me casar. Mas, não sabia como fazer. Não tinha dinheiro, nem um animal, nem um porco e tampouco uma galinha.

Muitas vezes, pensava que se por infelicidade viesse a adoecer naquele sertão sem fim, com certeza morreria sem ninguém saber.

Decerto, Nosso Senhor ouvia as minhas orações de todas as noites. Quantas vezes supliquei a Nossa Senhora e ao Santo do meu nome!

Eu continuava trabalhando no meio daquela floresta. Agora com mais ânimo.

Certo dia, chegou à minha casa um senhor, de nome Amândio Sguarezzi, juntamente com um seu compadre. Pretendia fazer permuta de seu lote com o meu.

Ele notou que a minha terra era mais fértil do que a dele. Porém a sua oferecia outra vantagem: estava situada perto de Nova Trento, hoje Flores da Cunha.

Aceitei a proposta.

A minha terra era coberta de mato branco e a plantação dos cereais estava esplêndida. A casa não passava de um rancho e a terra não fora legitimada.

O governo dava o lote ao imigrante com cinco anos de prazo para pagar. Custava naquele tempo 285 mil-réis.

A terra do Sguarezzi já estava escriturada, tinha casa e cozinha. Bonito vinhedo ao lado produzia até mil medidas de vinho. A casa possuía porão com três pipas. Nada faltava, pois, para uma família.

O interessado queria a todo o custo fazer o negócio comigo por andar de briga com o vizinho, encontrando-se na iminência de se matarem.

Agi com inteligência e fizemos o negócio nas seguintes condições: ele me voltaria 4 sacos de trigo, 4 de centeio, 12 galinhas e todos os pertences da casa, com exceção das camas e roupas de vestir.

Mudei-me para a nova propriedade. Dono de boa casa, pensei em contrair matrimônio,

Estava sem dinheiro e sem animal de montaria, Por isso, consegui de um conhecido a soma de 15 "marenghi", moeda italiana em ouro. E comprei uma égua a fiado.

Fui então em busca da namorada. Chamava-se Ana Santa

Bordignon, filha de Marcos e de D. Ângela Andolfato, chegados da Itália há um ano antes de mim.

Tratamos o casamento que se realizou no dia 11 de abril de 1893. E começamos juntos uma nova vida.

Naquele dia, um acidente estragou um tanto a nossa festa. Como não existiam foguetes na época, eram utilizadas espingardas para dar salvas. Maria Bordignon, irmã da noiva, com cinco anos de idade, examinava junto com o irmãozinho Santo uma espingarda depositada numa cadeira, por ter negado fogo diversas vezes.

Maria puxou o gatilho e a arma detonou indo atingir em cheio o rosto do mano que se encontrava a um palmo do cano. Felizmente a carga era apenas de pólvora preteando o rosto e produzindo leve ferimento na face esquerda.

Já no dia seguinte, principiámos a trabalhar. Em dois anos pagamos todas as dívidas.

Estávamos contentes. Seguidamente nós reuníamos com os vizinhos, cantando as nossas lindas canções italianas.

Era tempo de revolução. Morando perto da estrada geral, vivíamos em sobressalto, de dia e de noite.

Nasceu a primeira filhinha que batizamos com o nome de Maria. Diversas vezes fomos obrigados a fugir com ela para o mato por causa dos revolucionários que eram perigosos.

Tanto nos incomodaram que resolvi desfazer-me daquela terra por sete contos de réis e comprei outra no Travessão Mützel, perto de meu pai, irmãos, tio e sogros.

Aqui também não me faltava nada. Tinha casa, pipas e vinhedo. Vivíamos regularmente.

Passado algum tempo, foi criada a paróquia de Nova Pádua e todos os domingos íamos à missa.

Fui nomeado pelo Padre Luís Scortegagna zelador da Liga Eucarística de Milão. Alistei mais de 1.400 sócios em Caxias do Sul, Antônio Prado, Nova Trento, São Marcos e Nova Pádua.

Formamos um coro de 12 homens para cantar na igreja. Mandei buscar diversas missas e cantos sacros em Milão e Pádua, na Itália.

Depois de bem ensaiados era bonito ouvir aquelas missas e cantos de igreja.

A Semana Santa, passava-a toda juntamente com o vigário, o Pe. Júlio Scardovelli. Ajudava a cantar o "Pássio".

Aos domingos, após a missa, íamos a um hotel onde se almoçava por setecentos réis. Lá nós divertíamos cantando. Eu até cantava algum trecho de ópera que havia aprendido na Itália.

Muitas pessoas vinham ouvir-me e pagavam vinho e cerveja para que eu continuasse a cantar.

O canto foi sempre o meu capricho. Comecei a cantar na igreja em nossa paróquia de Onara e Cittadella. Tinha grande facilidade para cantar tanto o soprano, como o tenor, o barítono e o baixo.

Aos domingos de tarde, ensinava o catecismo às crianças em nossa capela, auxiliado por minha esposa. Depois do catecismo cantava o terço.

Assim decorria minha vida, servindo a Deus e no trabalho. Não havia descanso algum nos dias úteis da semana.

Comprei outro lote de terra muito fértil, porém acidentada e pedregosa.

A família continuava a aumentar. Resolvi mudar-me para outro lugar onde pudesse comprar muita terra para os filhos, a fim de que mais tarde eles não viessem a sofrer como eu quando cheguei ao Brasil.

Fui informado de que em Lagoa Vermelha existia terra à venda por preço convidativo.

Viajei a cavalo de Nova Pádua àquele município. Demorei-me mais de um mês e explorei por tudo. Agradei-me do lugar onde estou morando (São José do Ouro). As terras eram propriedade do sr. Franklin de Paula.

Comprei três lotes cobertos de mato. Existia por lá apenas uma família de italianos.

O mato era tão fechado que para avançar necessitava de facão para abrir picada através do taquaral.

Os caboclos moravam no campo e durante o inverno soltavam o gado neste sertão imenso.

Vendi os dois lotes de Nova Pádua ao tio Santo Gelain, por sete contos.

No dia 2 de setembro de 1912, partimos. A viagem parecia antes uma expedição de bandeirantes do que mudança. A tropa de cargueiros, de propriedade do sr. Madela, compunha-se de 20 mulas que nós transportaram, São José do Ouro.

A travessia do Rio das Antas foi feita nas proximidades da barra do Rio São Marcos. Passamos numa balsa impulsionada a remo, enquanto os animais atravessaram a nado.

Antes de chegarmos ao Rio Santa Rita, um burro disparou à procura da égua-madrinha, arrastando consigo, presa por arreata, uma mula. Na bruaca desta iam dois filhos, um cada lado da cangalha. Na desabalada corrida, as pobres crianças voavam com as bruacas, que a cada passo batiam em galhos de árvores e pontas de pedras...

No Rio Saltinho quase se afogou o filho menor, de apenas 20 meses, de nome Marcos. Passávamos despreocupados pelo rio, quando de repente o burro se precipita num poço de uns quatro metros de profundidade.

Refeitos de mais este susto, seguimos viagem até Vila Seca, onde a neve nos esteve no campo aberto. Ficamos sete dias parados à espera

de que a neve se desfizesse. Faltou comida para os animais e a nossa teve que ser racionada para não morrermos de fome.

A neve foi tão alta que para conduzir os animais a beber no Rio da Prata, que fica perto, fomos obrigados a abrir caminho com a pá.

Podeis imaginar o frio que passamos, principalmente à noite. Os animais não podiam comer por causa da neve. Os rios, sem ponte, tornavam a travessia perigosa.

Enfim, após outros sete dias de viagem, chegamos. Fomos morar na casa que eu havia construído antes da mudança.

Antônio José lá ficara à nossa espera desde a construção da casa. Trabalhava. Dormia e comia em casa de Jacinto Carniel, o primeiro morador de São José do Ouro.

Iniciamos a luta, vivendo muito mal, como verdadeiros imigrantes.

Um domingo, reunimo-nos sete conhecidos e combinamos fazer uma igreja. Eu fui escolhido para primeiro fabricante.

Em três meses estava pronta a capela de 8x17 metros. As tábuas foram serradas a mão. Paramos de construir nossa casa para termos logo a nossa igreja.

Aos domingos rezávamos um terço de manhã e outro de tarde. Eu lia o Evangelho num livro que D. Júlio me havia dado em Nova Pádua.

Quando, de três em três meses, chegava o padre, fazíamos uma grande festa. Todos iam se confessar e comungar com muita devoção.

Visto como Cacique Doble era povoado maior, o padre aparecia lá mais seguidamente e nós daqui íamos à missa em Cacique, aos domingos.

Todos se queriam bem como se fossem da mesma família, especialmente quando alguém adoecia. Todos procuravam ajudá-lo na plantação e nós outros serviços.

Os meus filhos foram os seguintes: Maria, Josefina, Antônio José, Fiorinda, Virgínia, Angelina, Vitor e Marcos que nasceram em Nova Pádua. Em São José do Ouro nasceram: Angélica, Fiorindo (agora Padre Florêncio, capuchinho), Cláudio e Santo.

Visto que Deus me deu todos estes filhos, comprei mais cinco lotes de terra para que um dia eles não passassem dificuldades.

Mas como não tinha dinheiro suficiente, pedi ao meu cunhado Santo Bordignon um conto de réis emprestado para poder comprar a terra que custou 4.800\$000. Em dois anos a terra estava paga.

Chegou aqui em Cacique Doble o Provincial dos Capuchinhos, Pe. Bruno de Gillonay. Ele me disse:

- Gelain, queria saber quanta terra possuis.

- Tenho oito colônias.

- Muito bem. Deus te ajudou bastante. Agora Deus te chama para outra missão, a fim de fazer o bem a tantas almas que nada sabem de religião. Fui informado pelos meus padres que poderias fazer o bem a tantas almas perdidas. Eu queria que fosses para Toldo do Rio Ligeiro a fim de instruir os índios.

Fiquei surpreso diante desta proposta.

- Não sei, respondi. Creio que não poderei ir, porque tenho um compromisso com o cônsul italiano de Porto Alegre a quem devo servir como correspondente e informante das aspirações do povo italiano daqui. Devo mantê-lo sempre bem informado acerca da vida dos italianos nesta zona. Tenho a nomeação aqui por escrito.

Devo esclarecer que naquele tempo reinava a revolução que atingira também aquela região. E os italianos eram perseguidos e roubados. E eu devia informar o cônsul a respeito dos sofrimentos provocados pelos revolucionários.

- Enfim, acrescentei, se a minha mulher concordar, irei.

Ela respondeu:

- Se esta e a vontade de Deus, iremos.

Assim partimos para mais esta missão. Deixamos os filhos mais velhos em casa e com os menores fomos morar no toldo dos índios do Rio Ligeiro, no atual município de Getúlio Vargas.

Primeiramente fui com a Angelina e o Vítor. Três meses depois veio também a esposa.

Lá nasceu o filho mais novo.

As viagens até lá eram feitas unicamente a cavalo. A princípio, todos os víveres iam daqui. Uma viagem demorava três dias.

Sofremos bastante no meio dos índios. Várias vezes passamos só comendo pinhão.

Certo dia, a Angelina, Vítor e Marcos perderam-se no meio de um grande matagal. Fiquei desesperado. Contudo, à noite, depois de muito chamar, ouvi os gritos da Angelina, que era a mais velha, com 13 anos de idade. Assim pude descobri-los.

Aos índios eu ensinava a ler, a escrever e o catecismo.

Ensinei também a cantar e a rezar. Como era lindo ouvir os índios a cantar! Cada mês, vinha o Pe. Caetano para rezar a missa e batizar os recém-nascidos.

Aos domingos reuniam-se mais de trezentos índios, velhos e moços. Eu lhes dava a instrução religiosa e também, como determinam as leis do País, ensinava a se comportarem como gente.

Os índios estavam contentes. Quando alguém passava pela estrada geral, parava para ouvir os índios cantando e rezando na igreja.

Eu ganhava então cem mil-réis por mês e tinha dois lotes de terra para plantar.

Estávamos contentes e os índios me queriam bem e ouviam os

meus conselhos.

Era então governador do Rio Grande do Sul o dr. Carlos Barbosa.

Fui informado por um índio que o governo queria incendiar a escola caso eu não me retirasse.

Em vista disso, voltei de novo para minha casa.

Deus abençoou os meus trabalhos e compramos mais quatro colônias de terra.

Com grande sacrifício pagamos aqueles lotes e casamos os filhos.

No decorrer desta narração, foi várias vezes, feita especial menção de Prosdócimo Gelain, meu tio mais novo, e de Lúcia Zen, sua esposa. Foi Prosdócimo que me recebeu em Campo dos Bugres, quando cheguei da Itália. E Lúcia Zen, quem muito se sacrificou, pedindo esmola, por ocasião da morte de minha querida mãe. A eles, ligava-me grande afeto.

Deste casal Prosdócimo e Lúcia - provém outro ramo da família Gelain que muito honra o nosso nome e o nosso sangue.

Após nossa partida para São José do Ouro, continuaram a residir em Nova Pádua, no Barra, até poucos anos antes de morrer.

Prosdócimo e Lúcia tiveram numerosa família, sendo o filho mais velho o professor Luís Gelain, que mora na vila de Nova Pádua, em Flores da Cunha. O professor Luís Gelain muito se distinguiu como educador, tendo sido mestre de várias gerações de alunos, bem como diretor da Cantoria e maestro da Banda naquela vila.

Casou com a idade de 20 anos com Rosa Pilatti, irmã do Pe. João Crisóstomo, capuchinho, vigário de Paim Filho. Teve 15 filhos, dos quais o mais velho veio a ser o atual Bispo de Lins, no Estado de São Paulo, D. Henrique Gelain. Uma filha tornou-se religiosa na Congregação de São José, a Irmã Eurica.

D. Henrique Gelain nasceu em Nova Pádua, no dia 12 de junho de 1910, foi ordenado sacerdote em 28 de outubro de 1935, em Porto Alegre,

e sagrado Bispo aos 10 de dezembro de 1944, na Matriz de Antônio Prado, onde era pároco.

Durante quatro anos exerceu o episcopado em Cajazeiras, no Nordeste do Brasil, sendo depois nomeado Bispo de Lins.

Em 1950, por ocasião do Ano Santo, D. Henrique Gelain esteve na Itália e visitou a cidade de Cittadella e a paróquia de Onara, berços de nossa família. Contou-nos S. Exa. Revma. que encontrou várias pessoas, além de numerosos parentes, que ainda se recordavam da nossa vinda para o Brasil. D. Henrique foi o primeiro da família Gelain que foi à Itália e visitou o nosso querido e inesquecível terrão natal.

Assim, meus caros parentes, a já minha fraca pessoa fez menção de tudo o que sabia da nossa geração e da nossa vida. Perdoai-me se não está bem escrito, porque só estudei até o terceiro ano do curso primário.

Isto parece mais um romance. Mas podeis acreditar: é a pura verdade.

Mais tarde podeis mandar editar este pequeno trabalho e daqui a cem anos os que vierem poderão saber a origem da família Gelain, por que viemos para o Brasil e as tribulações que passamos nestas inóspitas regiões.

Nesse instante, ao terminar o meu manuscrito, quero pedir uma graça à SS. Trindade e à SS. Virgem para que o futuro da geração trilhe o bom caminho que conduz ao céu. Faço ardentes votos para que Deus lhe conceda a graça santificante e a perseverança a fim de que, quando Deus nos chamar deste mísero vale de lágrimas, possamos partilhar os nossos méritos todos juntos lá no céu.

Confio nas minhas esperanças de que quando o Juiz supremo mandar seus anjos pelos quatro cantos da terra, ressurjamos gloriosos, e quando Deus separar os bons dos maus, estejamos todos unidos ao lado dos bons e todos os do nosso sangue, vendo-nos e conhecendo-nos entraremos gloriosos no reino de Deus, junto com a Santíssima Virgem e os coros dos anjos, onde cantaremos eternamente hinos de glória à

Trindade Santa.

* * *

Aqui terminam as memórias de José Gelain. A primeira parte foi encerrada no dia 28 de julho de 1942, e a segunda, dedicada especialmente aos filhos, e que concluía com estas palavras: "Tenho a esperança de viver ainda dois anos, se Deus quiser", traz data de 8 de agosto de 1951.

E, precisamente dois anos depois, no dia 10 de agosto de 1953, José Gelain falecia, após três meses de enfermidade. No dia do seu enterro foi feriado em São José do Ouro, a cidade que ele fundara dando-lhe o nome do seu padroeiro. Comércio e indústria não abriram as portas naquele dia. Foi o funeral mais concorrido da história local.

Sepultaram-no em Cacique Doble, vila vizinha. Estavam presentes as autoridades de Lagoa Vermelha e seis sacerdotes.

Para complemento da empolgante narrativa acerca da fundação da novel cidade de São José do Ouro, vão aqui mais alguns dados colhidos por nós junto dos filhos de José Gelain.

Em Nova Pádua teve o intrépido desbravador das matas rio-grandense a atenção despertada pela aparição de um caboclo de Lagoa Vermelha, de nome Antônio Franklin de Paula. Trajando pobrememente, chapéu furado, calças arregaçadas e tamancos nós pés, fazia propaganda de terras de sua propriedade.

Os colonos desconfiaram. Podia ser um impostor. José resolveu tirar a história a limpo. Viajou até Lagoa Vermelha. Colheu as melhores informações. Terras ótimas, escrituradas desde o tempo do Império.

Primitivamente pertenceram ao bandeirante Francisco Filipe. Homem poderoso, inteligente e trabalhador, cometera um crime. Homiziu-se imensas florestas virgens que vestiam de negro pinhal as encostas do Rio Pelotas, entre os Rios Forquilha e Marmeleiro, habitadas pelos índios coroados.

Conquistou a amizade do chefe indígena. Abriu uma picada rumo de São Sebastião do Caí, fazanha que lhe valeu do governo provincial o título definitivo da sua grande propriedade. Eram cerca de cem milhões de terras.

Possuía milhares de cabeças de gado que vendia tropeando por longes recantos. Casado com uma escrava, morreu sem deixar filhos, por volta de 1893. Consta haver ele enterrado fabuloso tesouro em ouro e prata.

O caboclo que andou por Nova Pádua era aparentado com Chico Filipe. Casou com uma preta, filha de criação deste, que depois abandonou e deixou morrer à míngua. Herdou, assim, as terras do rico bandeirante repartindo-as com o irmão Hipólito de Paula, em resgate de uma dívida. O agrimensor João Lúcio Nunes traçou e dividiu em lotes rurais de dez alqueires, que agora estavam à venda aos agricultores italianos.

O sangue aventureiro fervia nas veias destes heróis anônimos que abateram as matas da serra onde hoje os vinhedos e as searas evolvem aos céus perfumado incenso num hino perene de gratidão. Famílias com dez, doze, quinze filhos, crescendo em ânsia febril de vida e de luta, preocupavam-se com o mistério do futuro.

E a proposta do caboclo era sedutor convite. Já em 1905 Guerino Carniel, João Carniel e José Madela abriam pique no matagal infestado de selvagens no atual distrito de Cacique Doble.

A família Carniel adquiriu terras de Franklin de Paula, nas montanhosas encostas do Rio Cachoeira. Um membro da família Carniel ocupou-as. Em meio ao mais ínvio sertão, ergueu um ranquinho de taquara. Naquela solidão sem fim, viveu alguns anos, na mais completa miséria, alimentando-se de pinhão e de caça.

Um dia, perseguindo com os cães uma jaguatirica afundou na mata. Desceu ao vale. Subiu ao monte. Parou de repente. Ouvira um canto. Parecia canto de galo. Apurou o ouvido. Sim, era galo cantando.

Mas então haverá gente neste sertão?

Tomou o rumo do canto. Caminhou uma hora, através da selva, o ouvido atento. E ali, após longo isolamento dos civilizados, experimentou a maior sensação da vida. Perto de um rancho de caíças, viu dois homens trabalhando na construção de uma casa. Reconheceu-os. Eram José Gelain e o seu filho, velhos amigos de Nova Pádua.

Jacinto Carniel voltou ao seu rancho abrindo uma picada direta. A picada, com o tempo, virou estrada. E hoje é a avenida central da cidade de São José do Ouro.

Vieram novos colonizadores: Luis e José Vanz, Luís Bianchin, Miguel e Ernesto Stangerlin, Silvio Fiabani, José Ghisolfi...

Tombavam pinheiros, abrindo clareira. Rachavam-se as toras. Falquejavam-se tábuas. Muitos pinheiros não rachavam. Gelain chegou a derrubar doze pinheiros sem poder aproveitá-los. Não rachavam. Finalmente, descobriram meio de reconhecer. Metia-se-lhe o machado. Se rachasse com facilidade, o pinheiro caía. Senão, continuava de pé.

O milharal crescia viçoso. Mas o gado dos fazendeiros do Barracão, naquele tempo de campo aberto, devastava as lavouras. Por duas vezes bateram os gafanhotos, devorando até as grimpas dos pinheiros.

Negros anos de dura crise para derrubar o ânimo dos fortes. Mas o vento da provação o que fazia era avivar como a brasa a alma destes bravos. Viviam contentes, felizes, à luz da fé, resignados à vontade de Deus.

Aos domingos reuniam-se como em família. Cantavam. As fortes vozes ecoavam na floresta. Tomando chimarrão, recordavam com saudade o vinho que deixaram nas cantinas de Nova Pádua.

Sentiam profundamente a ausência do sacerdote. Na varanda da casa de Luís Vanz, rezavam o terço, diante de pequena imagem de São Luís. José Gelain fazia de vigário. Lia as orações da missa. Explicava o

Evangelho. Entoava cânticos religiosos.

Por volta de 1913, o capuchinho francês, Frei Germano, pároco de Lagoa Vermelha, visitou pela primeira vez aquele sertão, celebrando a santa missa. Foi um dia de indescritível contentamento.

Pediram autorização para erigir uma igrejinha que em três meses ficou pronta. A inauguração foi um verdadeiro acontecimento.

Os primeiros colonizadores encontraram ótimos auxiliares na pessoa dos índios que habitavam aquelas matas, cultivando milho e feijão. Em troca de um prato de boia, trabalhavam na roça, cortavam o mato, faziam lenha...

Excessivamente inclinados à bebida, não raro se embriagavam, rolando ao longo das estradas. Brigavam entre si. Com uma tabuinha, cravejada de pregos na extremidade, rasgavam-se mutuamente o rosto. O sangue escorria. No dia seguinte, a ferida cicatrizava e a amizade voltava a reinar.

Completamente tornados pelo álcool, cinco deles, certa noite, cozinhavam a bebedeira, roncando, no soalho da casa de José Pasinato. Santo Vanz, de força hercúlea, agarrou-os pelos cabelos e jogou-os, um depois do outro, porta afora. Voando dois metros, projetavam-se no chão com baque surdo: buf. Acordavam, estrebuchavam, caindo de novo no solo,

Chegavam outros imigrantes, procedentes de Nova Pádua, Flores da Cunha, Antônio Prado, Caxias do Sul, Veranópolis, Bento Gonçalves... José Scortegagna e Vitório Caon construíram o primeiro moinho. Antônio Fincó abriu casa comercial sob a gerência de José Pasinato.

A agricultura prosperava, salientando-se a vitivinicultura. Mas a venda dos produtos constituía verdadeiro problema. Tropeiros, em longas jornadas, durante semanas, lá iam vender em Flores da Cunha um quilo de banha por 500 réis, um saco de trigo por cinco mil-réis. Ferrante Andreani comprou 7 mil medidas de vinho a 500 réis. Não encontrou compradores. Queimou-o para fazer graspa.

Mais tarde, as mercadorias eram transportadas pelos carreteiros Roberto Perosa e Benjamim Rizzon. As viagens eram trágicas odisseias. Os carreteiros, muitas vezes, abriam estrada através da mata, fugindo aos atoleiros.

O capuchinho francês, Frei Bruno, fundador da Província da Ordem no Estado, autorizado por D. Miguel de Lima Valverde, administrou o sacramento da Crisma.

Em 1920, Maximiliano de Almeida, candidato a intendente de Lagoa Vermelha, prometeu criar uma escola municipal se obtivesse ali trinta votos. Obteve muito mais. José Bianchin foi o primeiro professor.

Em 1928, durante os festejos em honra de Nossa Senhora da Saúde, um foguete caindo sobre a capela provocou incêndio que a devorou. Em pouco tempo, outra igreja maior foi construída.

A população foi aumentando rapidamente, com o advento dos novos imigrantes, com a abertura de estradas, com incremento da lavoura, indústria e comércio. Vila. Paróquia. Frei Cristóvão, capuchinho, o primeiro vigário. E em 1958, o plebiscito votou a emancipação do novo município.

A numerosa, trabalhadora e inteligente descendência do fundador José Gelain lá continua honrando a gloriosa tradição do heróico antepassado, brilhando nas mais diversas atividades, desde as alturas do Episcopado e do clero brasileiro até o mais humilde serviço do campo, imortalizando honradamente o nome e o sangue de um dos mais ilustres e esforçados vanguardeiros da imigração italiana no Rio Grande do Sul.

2. CARRETEIROS

Quem visita Montevideú não deixa de admirar a extraordinária obra de arte do famoso escultor uruguaio José Belloni - o monumento A CARRETA, no parque Batlle v Ordoñes. Uma carreta, em tamanho natural, puxada por três juntas de bois, uma roda afundada no barro do caminho. Ao lado, montando brioso cavalo crioulo, o carreteiro agita a aguilhada.

A carreta, outrora o meio de transporte mais comum no Uruguai, desapareceu com o advento do automóvel. O gigantesco monumento "A Carreta" é uma grandiosa homenagem ao veículo que representa; é o símbolo de trabalho do passado histórico que se perpetua no bronze.

Como na República Oriental, a carreta rodou pelas estradas do Rio Grande do Sul, desde os primórdios da colonização. Acompanhou o gaúcho nos risonhos anos de paz e de progresso como nós dias turbulentos de heróicas peleias.

A redor da carreta e do carreteiro, formou-se densa literatura, página brilhante na incomparável riqueza do folclore rio-grandense. Poetas e cancioneiros, pintores e beletristas, continuam celebrando a condução humilde que a máquina condenou ao frio degredo dos museus.

A carreta vai gemendo
Pela estrada do rincão,
Vai levando uma saudade
Que nasceu no coração.

Houve, entretanto, no Rio Grande, uma carreta que os poetas não cantaram, o cinzel não imortalizou no bronze nem a pena no papel. Carreta não menos gloriosa e que, no entanto, parece relegada às brumas do esquecimento.

É a carreta de terno, a enorme carreta de quatro rodas, do colono imigrante, que contribuiu em alta escala para a composição da epopeia de heroísmo por sobre as montanhas do Planalto onde outrora imperava a ínvia mataria e hoje fumea a chaminé do progresso e esplende a beleza das cidades.

Se os filhos e netos do martirizado carreteiro, que hoje deslizam o cadilaque no asfalto precipitam no abismo do olvido a figura máscula do pioneiro, na expressão mais sublime do seu estoicismo, a História não lhes perdoará o crime de tamanha injustiça.

Confiamos, pois, na arte no poder, na compreensão, no reconhecimento daqueles que perpetuaram em pedestal de glória o gaúcho e o imigrante – lavrem também o grito eloquente contra o ostracismo a que até hoje foi condenada a memória deste herói anônimo, levantando um monumento ao carreteiro, no coração de uma cidade da colônia italiana.

* * *

A encosta da montanha escutou, por mais de dois decênios, o passo lento do cargueiro, na picada barrenta da mata. Nos primeiros anos, o ombro forte do imigrante transportava o saco de milho ou de farinha. Penosas caminhadas que duravam dias e semanas, rumbeando para o moinho, voltando para casa. Depois, apareceu o cavalo, o cargueiro, a tropa. Ah! A trágica história do tropeiro, é mais um canto do poema sem par, escrito a sangue, ao longo do estreito pique sem fim, no cairel do abismo, na sinistra tocaia do bandido e da fera bravia, aos chicotaços dilacerantes do minuano, na tristeza imensa dos dias de inverno, sob a chuva enregelada, com os passos cheios, na negra desolação do caminho encharcado, curtindo fome, frio, calor, em extenuantes jornadas intermináveis...

Até que um dia surgiu a carreta. O seu aparecimento foi saudado com estrepitosas festas. Todos saíam de casa para ver passar o primeiro veículo que atravessava a colônia. Um raio de esperança sorria anunciando nova era de progresso.



Alargaram-se as picadas. E, em poucos anos, a carreta, puxada por mulas, cavalos e bois percorria a serra, numa afirmação soberba de prosperidade. Durante cerca de meio século, foi o único veículo de transporte na zona colonial. Sobre o velho traste, hoje desaparecido, viajavam os gêneros, os cereais, os instrumentos, as mudanças, os produtos industriais, os artigos de comércio e o próprio homem.

O número de unidades da primitiva condução foi aumentando progressivamente. A princípio, uma que outra, propriedade de algum comerciante ou abastado agricultor. Depois, aos poucos, passaram a ser pertence de quase todas as famílias.

Carrocinhas de bois, para o serviço da roça. Carretas médias de dois ou três cavaleares. E enormes carretões, de altas rodas, tiradas por ternos de seis, sete, oito e até nove mulas.

Partiam dos mais afastados recantos, carregadas de milho, trigo, feijão, batata, alfafa, madeira, erva-mate, porcos, couros, e rumavam para os povoados, vilas e cidades. Voltavam trazendo fazendas, açúcar, sal e demais artigos do comércio.

Nos dias lindos de verão, a carreta rodava sem parar, fazendo e desfazendo léguas, no trote das mulas, barulhenta, levantando poeira, sem novidade, o carreteiro assobiando, reboleando o arreador de açoiteira...

Mas quando a chuva tombava transformando as estradas em imensos lodaçais e atoladores, o trabalho e o sacrifício do pobre carreteiro assumia proporções de heroísmo.

Na estação invernosa, com os arroios cheios, as carretas permaneciam dias, noites e semanas paradas, sem jeito de avançar.

A dura profissão de carreteiro exigia férrea saúde, reforçada constituição física e coragem indomável, capaz de enfrentar com estoicismo o rigor das intempéries, a chuva, o calor, o frio e a neve, o minuíano, a fome, o peso da bagagem, noites de insônia ou dormidas ao relento, debaixo da carreta, sobre os arreios.

* * *

Bernardo Índio, baixote, retaco, possante, era o italiano forte da Roça Reiúna, mais conhecida pelo nome de “Paese Novo”. Levantou cedo, naquela manhã de geada. Chegou ao galpão. As mulas terminavam de comer o milho e a alfafa que de madrugada lhes deitara. Passou o buçal na Ruana, a mula de sela.

- Vamos, Ruana.

Conduziu-a para junto da carreta, no outro galpão. Estendeu-lhe a retranca no lombo. Colocou o peitoral no pescoço. Encilhou-a. Puxou-a para a frente do veículo, no lado esquerdo do cabeçalho.

- Bastra, Ruana, disse puxando a rédea.

A mula recuou uns passos. Bernardo pegou uma das correntes do balancim. Enfiou-a nas argolas da retranca. Enganchou a ponta no peitoral. Fez o mesmo com a outra tiradeira.

Assoprando nos dedos, retirou do prego da parede o freio da “Pierina”, a mula de coice. O nome provinha da primeira namorada, chamada Pierina, que lhe pregara um bruto carão dando-lhe um fora definitivo.

Trouxe o animal para junto da Ruana, ao lado direito do cabeçalho. Atrou-a à carreta. Prendeu as duas correntes do cabeçalho ao peitoral das mulas.

Voltou à estrebaria. Trouxe a “Antonietta”, a mula de reboque e cujo nome se originou do antigo proprietário, chamado Antônio. Num instante estava atrelada, ao lado da “Pierina”.

Arrastou a balanceira de cinco balancins. Engatou a no cabeçalho. Distendeu pelo chão os tirantes. Com o freio pegou o tordilho, chamado “Padre”, porque o havia adquirido dos capuchinhos da paróquia, negociando-o com uma mula. Colocou a retranca, as correntes. Igualmente procedeu com a “Mimosa”, com a “Estrela”, com a “Bonita” e com o “Baio”. Os cincerros dos fletes tinham sem parar, com som diferente.

Ajoujou os cinco animais com a colhera. Amarrou as pontas da regeira no "Padre" e no Baio. Passou-a no arção do lombilho da Ruana. Ajeitou os pelegos, a sobre-cincha, a capa emalada. Finalmente, soltou, atrás da carruagem, a Gateada, a mula de revezo. Ia solta mesmo, guiada pelo cincerro do cavalo-madrinha. O cavalo ou égua-madrinha é o melhor amigo do carreteiro. Onde ele estiver, tilintando a campainha, lá estarão as mulas. Nunca se afastam da madrinha, acompanhando-a sempre.

- Será que falta alguma coisa? - falou sozinho, batendo na testa com a mão.

Trepou nos raios da roda dianteira. Levantou a lona. Bombeou a carga. Sacos de milho, feijão, batata, couros, alfafa, erva-mate...

- A viagem é grande. Preciso reparar tudo.

Retirou o martelo que servia de pino para segurar a balanceira no varão. Bateu as chapas das rodas, para examinar se estavam firmes. Deu umas pancadinhas na cavilha da roda. A cavilha saiu. Saiu a arruela. Depositou-as no degrau da escada do paiol. Puxou com força a roda para fora, firmando-a na ponta do eixo engraxado. Passou mais alcatrão com uma colher velha. Empurrou a roda no lugar. Untou as outras rodas.

- Está pronto. Agora vamos tomar café, monologou.

Entrou na cozinha esfregando as mãos, a murmurar:

- Que fredão, porca miséria!

Enquanto tomava café com pão e salame, a mulher perguntou:

- Quantos dias vai demorar a viagem, negro?

- Depende do tempo, Rosa. Se não chover, pretendo voltar dentro de vinte dias. Chovendo, talvez demore um mês. São João é muito longe. As estradas, horríveis; a carga, pesada. Vá rezando, negra, para que tudo corra bem. E o farnel está pronto?

- Já. Prontinho, com pão, salame, quero, vinho.

Levantou-se. Pôs as esporas nas botas. Levou o cesto da boia. Colocou na carreta, debaixo da lona. Pegou o arreador de açoiteira, feito de longo vime trançado com couro. Apertou a barrigueira da Ruana. Montou.

Reboleou a açoiteira que estalou no ar. Deu um grito. E o veículo partiu correndo, barulhento. A geada estalava sob as rodas. Os cincerros dos cavalos começaram a longa jornada do tilintar sem fim, anunciando à distância de muitas quadras a passagem do enorme carretão de Bernardo Índio.

Perto de casa, já a carreta atolou no primeiro lodaçal, junto a um passinho. O carreteiro velho não se apertava. Cravou as esporas na Ruana. Fez estalar o arreador. Deu quatro gritos entre crespas blasfêmias em italiano. As mulas estremeceram, num arranco supremo, alongando o corpo, quase a tocar o chão com o ventre.

- Esse "tatu" foi fácil de arrancar, ponderou Bernardo.

Era mestre na arte. Conhecia o instinto, a "psicologia" das mulas. Estavam adestradas a primor com o sistema. Grito e blasfêmia era o remédio certo, infalível.

Muitas vezes, depois de haver arrancado um "peludo", Bernardo Índio recordava a viagem que fez um dia a D. Isabel, levando na carreta o Padre Luís, pároco do "Paese Novo". Aquela viagem foi uma agonia. Não ousava gritar e muito menos blasfemar. E assim, o serviço não rendia. Mas na íngreme subida do morro do Rio das Antas, não houve jeito de avançar. Em vão o capuchinho rezava e dava bênçãos. Até que enfim, Bernardo não se conteve e disse, morto de impaciência:

- Padre, desculpe, mas aqui é só do meu sistema. Com licença.

Soltou quatro berros infernais e quatro infernais blasfêmias, enquanto vergastava o lombo dos bichos. A carreta repechou a ladeira lindo, floreira, no mais.

Ao parar, na primeira banquetta, junto a uma fonte, apeou e disse

ao capuchinho, em tom gaiato:

- Padre, estas já estão confessadas, não é?

A blasfêmia, parece incrível, mas era coisa "sagrada" para os carreteiros. Todos eles possuíam uma coleção do tamanho da ladainha de todos os santos. E timbravam em enriquecer o sinistro repertório, chegando alguns a pagar a quem ensinasse uma nova blasfêmia. Dois carreteiros, meio embriagados, às vezes, faziam apostas de proferir as piores.

Ao chegar à descida do morro de Santo Antônio Abade, Bernardo apeou. Apertou o breque. Passou uma corrente nos raios e na cambota da roda esquerda. Amarrou no eixo. Deu uma laçada no varão. O lançante descia colante e íngreme. Era um perigo fiar-se na trava. A roda foi de arrasto, triturando as pedras que faiscavam. A outra girava um pouco. Parava. Tornava a girar, rangendo a chapa.

Nos atoladores do banhado, lá adiante, encontrou uma carreta com as rodas a fundadas até a massa. O carreteiro, ajoelhado na lama, a praguejar, a blasfemar. Bernardo apeou, aproximou-se.

- Como é, não vai?

- Não, mas agora eu já sei, porca miséria!

Agarrou o chapéu. Chamou para dentro dele todos os santos. Mandou sair Santo Antônio, o Padroeiro dos carreteiros. Fechou depressa. Colocou no chão e esmagou com uma pedra.

- Agora eu garanto que vai. É obrigado.

Montou. Esbravejou, blasfemou, arreventou o lombo dos animais. E a carreta parada. Não se mexe do lugar.

- Espera aí, Beppi, disse Bernardo. Deixa que eu tiro essa geringonça num upa.

Enterrou as botas na lama, encostou o ombro no varão, fez um esforço gigantesco e levantou uma roda traseira, e a carroça saiu, no mais.

Força maluca, a do Bernardo Índio. Todos conheciam o gigante. Era o homem mais forte do mundo, diziam. Carregava às costas cinco sacos de açúcar de uma só vez.

Ao meio-dia, chegou a Monte Bérico, com atraso de duas horas, por causa dos "tatus". Encontrou sete carretas estacionadas em frente à casa de pasto. Desatrelou as mulas, os cavalos. Desencilhou Ruana. Soltou-os no piquete. Os animais deitaram-se no chão, espojando-se. Era um banho reparador. Um banho *sui generis*, de poeira. Bernardo deu-lhes água, milho e alfafa.

Na pensão, Bernardo foi muito cumprimentado.

- Como é, Bernardo, não vai tomar vinho no barril, hoje?

- É muito frio.

- Não faz mal. Vamos ver. O Toni aqui não acredita na sua força. Diz que não é verdade que você bebe no barril.

Bernardo não teve outra volta. Aproximou-se da pipa de cem litros. Agarrou-a com as duas mãos. Levantou à altura da cabeça. Encostou os lábios no batoque e sorveu meia dúzia de goles, enquanto gotas vermelhas escorriam pelo rosto e pingavam sobre o peito, manchando a roupa.

- É verdade, exclamou Beppi. Esse homem é um monstro!

Às duas horas, Bernardo atrelou os animais e seguiu viagem. Tirou alguns "peludos". De repente, a Pierina deu de mancar. O carreteiro apeou. Levantou a pata da mula. Uma pedra encravara-se no casco, no meio da ferradura. Pegou o martelo. Com três pancadas, a pedra saltou fora.

Em Lajeadozinho, Bernardo parou. Tomou café na casa de pasto do sr. Dal Pai.

O sol já havia sumido no ocaso, quando iniciou a descida do morro do Rio das Antas. Chegou ao passo com a noite alta, a lua derramando

rajadas de prata sobre as águas que rolavam açodadas.

Soltou os animais. Espojaram-se. Beberam água, Deu-lhes milho, alfafa. Na casa de pasto jantou com vários colegas. Bateram um papo. Tomaram chimarrão. Cantaram. Jogaram a *mora*. Deitaram.

Às duas da madrugada, Bernardo levantou. Todos os carreteiros levantaram para dar de comer às mulas. Bernardo, com o lampiãozinho na mão, entrou na estrebaria. Despejou milho e alfafa na manjedoura. Voltou a deitar.

Era esta a lida de todos os dias, àquela hora. Sempre, mais ou menos às duas horas, o carreteiro interrompia o sono para tratar as mulas. Já estava tão habituado que não necessitava de despertador. Acordava inevitavelmente.

Ao clarear do dia, pegou os animais. Atrou-os. Tomou café. E partiu. A carreta entrou na balsa que se movimentou lentamente rio acima, beirando a margem. Subiu uns duzentos metros. Dobrou a direita. A correnteza arrastou a balsa rio abaixo. Os remadores manobram velozmente os compridos remos de angico. Bernardo ajudava. Em poucos minutos, a barça atravessava a correnteza, a uns trezentos metros abaixo da altura do trapiche. Agora vai subindo, devagar, perto da barranca. Atracou. Bernardo montou a cavalo. Vibrou o arreador. Venceu a rampa e a carreta disparou atroando com fragor nela estrada pedreguenta e plana do vale.

Bernardo sentia calafrios ao pensar na subida do morro. Aquilo era tormento dos carreteiros. Ladeira íngreme, tremendamente íngreme, quase em pé, infinita, sinuosa, beirando abismos profundos, circundando altíssimos paredões. Foi aqui - ele não podia esquecer - onde pedira licença ao padre Luís para blasfemar. Passagem maldita, escutava diariamente diabólicas imprecações, pesadas blasfêmias. Ali, o demônio andava à solta, a instigar os carreteiros a amaldiçoar todos os santos.

Muitas vezes, depois dessas crises em que ofendera a Deus, Nossa Senhora e os santos, Bernardo voltava a si. Refletia na loucura

daquele gesto ignóbil, covarde. E então excomungava a vida do carreteiro. Antes nunca tivesse abraçado a dura profissão. Maldizia o abominável vício da blasfêmia. Os italianos. Só os italianos blasfemam. Como e que os brasileiros não blasfemam? E se por acaso o fazem, é sempre em italiano, porque aprenderam dos imigrantes. Chegou-se mesmo a aportuguesar a palavra "bestemar". Maldito vício da nossa raça!

Recordou a anedota da criação do italiano. Nosso Senhor resolveu criar o italiano. Formou-lhe o rosto. Abriu-lhe os olhos. Afilou-lhe o nariz. Distendeu e amoldou as orelhas. Quando ia rasgar-lhe a boca, S. Pedro interveio, protestando, enérgico:

- Não faça isto, Mestre.
- Por quê?
- Não faça. Do contrário terá de se arrepender.

Mas Nosso Senhor pegou da navalha e com um talho rápido abriu-lhe a boca.

Para quê? O italiano proferiu feia blasfêmia, amaldiçoou Nosso Senhor, acrescentando:

- Que bruto rasgão que me fizeste?

Pois é, dizia Bernardo com os seus botões, o italiano é assim toda a vida. Blasfema com a maior naturalidade do mundo. Blasfema sem pensar. Creio mesmo que, às mais das vezes, nem comete pecado. Bem o demonstrou o meu amigo Toni, durante as missões. O missionário dirigiu-lhe vibrante apelo, pedindo-lhe mesmo promessa de não mais blasfemar. E Toni converteu-se. Prometeu solenemente:

- Sim, padre, de hoje em diante, juro, porco Dio, juro que nunca mais "bestemarei".

De vez em quando Bernardo Índio, depois duma crise de nervos em que blasfemara, arrependia-se. Rezava o ato de contrição. Pedia a Santo Antônio que o defendesse contra aquela praga maldita. Às vezes,

tirava o rosário do bolso e rezava, andando a cavalo, tocando as mulas.

Pouco depois chegava a rampa. As mulas começavam a forcejar e paravam. Não adiantavam os guascaços. Se não ouvissem os gritos e blasfêmias não repechavam a ladeira. E lá voltava a sinistra ladainha. Os animais espichavam o corpo, distendiam os jarretes, escorregavam, as ferraduras faiscando nas pedras, ajoelhavam. Caíam. Levantavam sob a chuva de violentas chibatadas e impropérios. E assim a viagem rodava.

Pois é, comentava Bernardo. Quem quiser largar mão das blasfêmias que deixe de ser carreteiro. Carreteiro é sinônimo de blasfemador. Eu ainda não vi carreteiro que não blasfemasse. Nenhum. Que Deus tenha pena de nós, pobres carreiteiros. Que um dia se acabe esta profissão. Sim. Mas quando? Se não fosse o carreteiro quem é que transportava os gêneros, os artigos toda espécie de carga? Na colônia, o progresso começou com o advento da carreta. Sem ela, a colônia morre, inevitavelmente. *Ah! póvera América.*

Lembrava-se de outros carreiteiros que chegavam a vender a alma ao diabo. Que viviam ao lado do capeta. O demônio os protegia. Coisa triste! Uma vez na estrada de Nova Trento para Caxias, alguns carreiteiros atolados proferiam as mais execrandas blasfêmias. Lá pelas tantas, um deles exclamou:

- E se é mesmo verdade que existe o diabo, que venha me buscar o chapéu.

Dizendo isto, colocou o cabungo sobre um toco de pinheiro, à beira da estrada. Imediatamente, com incrível espanto de todos, veio-se aproximando um negrinho, feio como o demônio, de cabeça grande e chata, caminhando desengonçadamente. Foi direito ao chapéu. Agarrou-o. Deu de rédea, fez quatro passos e sumiu. Daí aquele carreteiro nunca mais blasfemou. Nunca mais.

Outro carreteiro de Capoeira, famoso blasfemador, surpreendido um dia por violento temporal, deu de blasfemar e disparar tiros de revólver contra o céu. De repente, um raio tombou ali mesmo, matando todas as

mulas, até a de sela em que ia montado. Só não morreu o carreteiro que levou a maior lição da vida, perdendo o vício.

Bernardo recordava casos semelhantes e outros piores e se consolava. É verdade que neste ponto ele não possuía boa fama. Não podia mesmo. Mas, afinal, ainda não se acolhera com o demo.

Ao meio-dia, chegava ao alto do morro das Antas. As mulas descansaram. Comeram. A "Bonita" foi substituída pela Gateada, a de revezo.

O tempo começou a esquentar. De manhã já não geara. Bernardo bombeava o céu. No horizonte, tiras de nuvens tarjavam de luto as barras do firmamento. Mau sinal. Sombras sinistras dançavam na mente do carreteiro. Vai chover ainda esta noite, porca miséria! E a "Cavreca"? Como é que poderia passar a "Cavreca" no inverno e com chuva? A "Cavreca", o inferno dos carreteiros que viajavam para São João de Montenegro. O nome era corruptela feita pelos italianos do lugarejo Kaurek.

Pousou nas proximidades de Dona Isabel. De madrugada, quando levantou para dar de comer às mulas, a chuva caía. Bernardo proferiu uns palavrões, amaldiçoando o tempo.

De manhã, mesmo abaixo de água, atrelou os animais e partiu. Andou três horas para vencer alguns quilômetros. Cada pouco, tirava um "tatu". Parou na primeira casa de pasto. E a chuva velha tombando sem parar. Resolveu pousar. Havia onze carreteiros estacionados, jogando cartas, a mora, cantando modinhas italianas. Uns tomavam o amargo. Outros bebiam vinho. Estes, ao anoitecer, estavam completamente embriagados. Blasfemavam, diziam besteiras. O diabo.

Às duas horas, Bernardo viu que a chuva estiara. Por isso, de manhã continuou a viagem. Junto partiram dezesseis carretas. Agora os "peludos" eram mais frequentes. Tornava-se necessário colocar duas, três ou quatro pontas para desatolar uma carroça. Uns carreteiros transportavam às costas metade da carga para aliviar o veículo na

passagem do lamaçal. Uma carreta quebrou o eixo traseiro, o que, aliás, não era coisa rara.

Passou em Conde d'Eu. O dia seguinte foi mais uma odisseia. Frio de rachar. Após uma arrancada morruda, arrebentou o gancho da balanceira. Bernardo consertou provisoriamente. Quando tentava enganchar a balanceira, as mulas se movimentaram e por infelicidade um dedo da mão direita ficou preso nós anéis da corrente e totalmente esmagado. Bernardo viu muitas estrelas. As mulas ouviram imprecações, e os santos, nomes feios.

E para cúmulo de males, naquela noite de geada, não pôde chegar à casa de pasto. As mulas não aguentavam mais. Pousou na estrada. Deu milho e alfafa aos animais. Acendeu o fogo. Com os arreios, capa e pelegos, ajeitou uma cama debaixo da carreta. Abombado como estava, sempre dormiu. Não sofria passar a noite ao relento, com as tripas zunindo de fome. Isto acontecia-lhe em todas as viagens.

Só três dias depois, pela tarde, é que chegou a "Cavreca". Encontrou aquela carretama velha engatada. Mais de trinta carretas paradas, sem poder avançar. Bernardo prontificou-se a dar uma mão. Desprendeu a ponta de suas mulas. Levou-as andando a pé e segurando a regeira com a esquerda na direita o arreador. À frente do primeiro carretão, já com cinco contos, engatou o terno. O barro tapava as massas das rodas e parte do caixão. Começou a gritaria: nomes, blasfêmias, imprecações, pragas. Misturavam-se com o estalo dos guascaços e o tilintar dos cincerros dos cavalos, formando infernal orquestra que ecoava nas encostas da serra coberta de negra mataria. O carretão saiu. Saiu o segundo. O terceiro. O quarto. Enfim, todos. Pobres animais, atascados até o pescoço, alguns tombavam e eram arrastados por meio do laço. A Zaina do Mafassioli morreu ali mesmo. Outras saíam estropiadas, quase imprestáveis. Bernardo arruinou a "Bonita" que negociou em Montenegro por outra nova, voltando trinta mil-réis.

Os carreteiros mergulhavam na lama até a cintura. O barro gelado penetrava nas botas. Passavam o dia assim, molhados, sujos, entangidos

de frio, a maioria sem almoço. Ótima escola de sofrimento para exercício da virtude da paciência. Infelizmente, os nossos heróicos carreteiros, criados na escola da blasfêmia, perdiam o inestimável tesouro cristão de tantos merecimentos.

Mais uma semana de viagem, descendo quase verticalmente a estreita picada, à beira de temerosos precipícios, quase sempre com as rodas travadas com correntes, chegou a São João. Descarregou a mercadoria. Três sacos por vez, às costas. Todo o mundo olhava espantado para aquela extraordinária força. Enferrou as mulas. Carregou a carreta de sacos de açúcar, de sal, café, fardos de fazenda, enxadas, serrotes, machados e outros artigos para os comerciantes da Roça Reiúna. Esperou dois dias a fim de que os animais descansassem suficientemente.

E encetou a viagem de volta. Outro calvário não menos penoso que durou quatorze dias. Chovera muito, e os arroios alagaram e não davam passo. Duas vezes foi obrigado a descarregar a mercadoria, transportá-la às costas para além dos atoleiros, num percurso de duzentos metros.

Uma tarde, encontrou um agrupamento de carreteiros. Bernardo olhou e viu, no meio deles, estendido no chão o cadáver de um colega. Caíra da mula, embriagado. Os animais se assustaram e correram ocasionando a tragédia. A cena impressionou vivamente a Bernardo. Carreteou o resto do dia com o pensamento no desastre. Não era o primeiro caso. Em quase todas as viagens, deparava acidentes com estes valorosos transportadores da riqueza da colônia. Morriam estupidamente sob as rodas da carroça. Ah! Vida desgraçada!

Quando Bernardo chegou em casa, haviam decorrido vinte e nove dias desde a partida. D. Rosa vivia ansiosa com tanta demora.

Assim era a vida de Bernardo Índio. Assim era a vida de todo carreteiro. Em 1910, inaugurada a estrada de ferro para a colônia, encurtaram as viagens. Já não carecia ir a São João de Montenegro e São Sebastião do Caí. Bernardo a princípio carreteava até Carlos Barbosa e

depois, até Bento Gonçalves. Muitas vezes ia só até o Rio das Antas carregar tábuas de pinho que desciam em balsas até Porto Alegre.

Em 1918, Bernardo Índio, apesar de muito forte, caiu enfermo, vítima da terrível "espanhola". A doença prendeu-o em casa. Meditava na eternidade e na sua vida de blasfemador. Converteu-se sinceramente. Rezava e comungava frequentemente. Ao Pe. Luís de la Vernaz, que o visitava amiúde, declarou, um dia:

- Ah! Se Deus me desse ainda vida, Bernardo Índio havia de mostrar o que faria um bom cristão.

Numa das visitas do pároco, não se encontrava em casa quem fizesse o almoço. Bernardo levantou-se da cama. Sentira-se melhor. Surdo aos rogos do padre, foi ao fogão cozinhou uns bifés. Sentou-se à mesa junto com o capuchinho. Foi quando, repentinamente, faleceu.

Ao lado do sacerdote, teve morte santa o carreteiro que por longos anos cruzou as barrentas e montanhosas estradas da colônia por onde hoje desfilam roncando os gigantescos caminhões que acabaram com a carreta, realizando assim o velho sonho de Bernardo Índio. Sonho que este herói considerava utopia.

* * *

O nome de Bernardo Índio era Bernardo Zilio. Alguns de seus filhos ficaram morando em Veranópolis e quatro emigraram para Santa Catarina, município de Joaçaba, no lugar conhecido por Linha Zilio.

Dois sobrinhos de Bernardo Zilio, filhos de José Zilio, foram morar em Lagoa Vermelha. Seus filhos foram alunos do autor deste livro. Os que mais se destacam são: João Celso Zilio, ex-membro da administração da Riocel, em Guaíba, e, hoje, estabelecido com a firma Codesul (Corte de Descasque de Madeira, Comércio e Repr. Ltda.), em Guaíba. Vera Zilio é repórter da RBS e reside em Porto Alegre; Helenita Zilio Frozza é professora estadual em Lagoa Vermelha.

Quem vai de Vacaria a Vila Esmeralda, depois de passar por Muitos Capões, cruza o Passo do Bordó, antes de chegar a Extrema. Ali morava o famoso carreteiro conhecido pela alcunha de Bordó, que deixou o nome àquela localidade.

Como Bernardo Índio, Bordó fora batizado pelo povo com um apelido. Italiano ou filho de italianos de Nova Trento, hoje Flores da Cunha, era muito feio, parecido com cachorro buldogue que os colonos corromperam em bordó. Quase ninguém sabia o nome e o sobrenome daquele intrépido carreteiro que deixou após si intenso rastro de fama.

Bordó foi êmulo de Bernardo Índio e de tantos milhares de carreteiros que durante meio século percorreram a colônia italiana e a campanha da zona do Planalto nordestino. Carreteava de Caxias e Flores da Cunha para Vacaria, Lagoa Vermelha, Sananduva, transportando mudanças de emigrantes das velhas para as novas colônias. Acabou fixando residência no campo, para melhor servir aos comerciantes das redondezas.

Disponha duma verdadeira frota de carretas, nunca menos de sete, com mais de cinquenta mulas. As mulas mais lindas do mundo. Cuidava delas com esmerado capricho. Sempre gordas, a preceito. Ele podia passar fome; as mulas, nunca.

Sacrificado ao extremo, dormia seguidamente embaixo da carreta, em noites de cruel invernia. Trabalhador como poucos. Um coração aberto, chegava a dar a própria camisa a quem lhe pedisse. Amigo particular do Coronel Firmino Paim, transportava para as suas forças revolucionárias as munições, enfrentando, às vezes, a fuzilaria inimiga.

Possuía um defeito, o defeito dos carreteiros - a blasfêmia. Blasfemava como um turco. O vício repelente conquistara-lhe negra fama. Quem o visse assim esbravejando, praguejando contra os animais ou os peões, diria que Bordó era o homem mais ruim do mundo. Puro engano. Era um coração de ouro. Sofria com a desgraça alheia, mais do que com a própria.

Uma feita, viajando para Sananduva, chuva torrencial prendeu-lhe as carretas nas proximidades de Lagoa Vermelha, perto da casa comercial de Raimundo Salomoni - hoje simples moradia da família Roman.

Parecia que o céu se desmanchasse em água durante mais de uma semana. Aborrecidíssimo e meio embriagado, Bordó destratou miseravelmente um peão que partira o cabeçalho da carreta. Disse as últimas ao coitado. Imprecações, despautérios e crespas blasfêmias. O coitado do peão viu-se tão profundamente humilhado que metia pena. Salomoni sentiu sinceramente aquela humilhação. Resolveu vingar-se pregando uma boa lição a Bordó.

Encheu de palha um saco de estopa. Vestiu-o com a roupa do peão. Resultou um perfeito boneco. Enforcou-o numa árvore do capão vizinho à venda. Foi ter com o carreteiro e falou:

- Sabe de uma coisa, Bordó? Aconteceu uma desgraça.

- Oh! Possível?! Está louco!!

- Pois é. Uma grande desgraça. Tão grande que eu não tenho coragem de lhe contar.

- Porco Giuda! O que será? Diga logo, vamos.

- Bordó, quando as coisas vão mal, as desgraças se precipitam uma depois da outra.

- Mas o que foi que aconteceu, afinal? Vamos ver.

- Bordó, eu não sei como fazer para lhe contar.

- Era só o que faltava. Mas diga lá de uma vez.

- Sr. Bordó, vou contar. Mas peço que não se espante, sim? Sabe, o senhor destratou tanto o seu peão que o coitado, miserável, desesperado, se enforcou.

Bordó deu um grito e um pulo para trás e quase caiu. Pôs as mãos na cabeça e começou a chorar, exclamando:

- Ainda esta desgraça. Isto é demais, *porca miséria*. Não pode ser.

- Vamos lá ver, Bordó. Está dependurado na árvore até agora.

- não, não. Eu não vou lá, não.

- Vamos. Que é que tem? A desgraça já aconteceu. Vamos chamar o Delegado de Polícia e pronto. Não adianta chorar.

Bordó não se decidia a ir. Dava um passo para a frente e dois para trás. Um para a frente e dois para trás.

Salomoni agarrou-o por um braço:

- Vamos, Bordó. Deixe de histórias. O que é que vamos fazer?

A muito custo, proferindo exclamações e blasfêmias, chegou ao capão. Mas não ousava levantar o olhar para as árvores.

- Veja, Bordó, lá está o coitado.

Até que enfim fez um esforço, levantou os olhos e gritou:

- Ah! É ele mesmo. Nem sequer tirou o chapéu.

O chapéu estava preso pelo barbicacho. Bordó sentou no chão, num desconsolo infinito.

- Deixe de bobagem, Bordó. Eu já falei com o Delegado. Eu vou cortar a corda.

Salomoni trepou na árvore e com o facão vibrou dois golpes, cortou a corda e o "enforcado", levezinho como estava, com o impulso da pancada, foi cair bem juntinho dos pés de Bordó que deu mais um pulo e um grito:

- Mas é ele mesmo, o coitado!...

O caso foi largamente comentado durante muitos dias. A lição produziu seus bons resultados. Daí por diante, Bordó tratou melhor seus peões. Moderou-se nas blasfêmias. E continuou a correr léguas e léguas pela vida fora. Até vida fora. Até que um dia, em Nova Trento, sentindo-se

mal, consultou o médico. Este achou o caso muito sério. Bordó sofria do coração. Devia deixar daquela vida pesada. Mas ele desprezou o conselho médico. Ria-se. De noite, no hotel, uma síncope cardíaca deixou Bordó sem vida.

Demétrio Dias de Moraes é do tempo das carretas. Lembra-se muito em. Era pequeno. O pai, doente no hospital de Bento Gonçalves. A mãe mandou Demétrio fazer companhia ao enfermo. Contratou o carreteiro Balotim para levar o guri.

De manhã bem cedo, Demétrio partia numa carreta, dirigida por um peão. A geada branqueava como imenso lençol estendido no campo. A carreta vinha de Clemente Argôlo. Em Lagoa Vermelha foi onde o menino embarcou. O peão gostava demais da pinga e do vinho. Em cada venda ou bolicho parava e tocava um copo de cachaça. Já de manhã, balançava na mula como bote em mar agitado.

Ao chegar às proximidades do Rio Turvo, não se mantinha mais a cavalo. Quis apear e levou um tombo. Demétrio ajudou a subir à carroça. Deitou e no mesmo instante começou a risonar, cozinhando a bebedeira. O piazinho não sabia o que fazer. As mulas paradas. Depois de meia hora, uma ideia fuzilou na mente de Demétrio: montar a cavalo e tocar as mulas.

Era a primeira vez que governava carreta. E saiu-se muito bem o gauchinho. Volta e meia acontecia um desarranjo. Tirantes que partiam e coisa e tal. Demétrio consertava. E tocou sempre até à noite. Foi quando o peão acordou, perto do povoado de Maragata, lugar de pouso.

Na casa de pasto não havia cama para o rapazinho. Chegou o sr. Balotim com a sua carreta. Soube do ocorrido. Ralhou com o peão. Cedeu a sua cama para Demétrio. E continuou viagem até Nova Prata. No outro dia, a carreta chegou ao Rio das Antas de noite. Demétrio estava sem almoço e sem jantar. Apanhou umas laranjas no escuro. Comeu. Foi todo o alimento do dia. O peão já andava outra vez embriagado. E assim por diante.

Aquela cena triste do carreteiro nunca mais se apagou da lembrança de Demétrio. Hoje ele, confrontando a comodidade e a rapidez dos modernos transportes, em luxuosos ônibus, lamenta o duro martírio do infeliz carreteiro, um verdadeiro herói da Pátria.

* * *

Por volta de 1928, começou a aparecer algum caminhão, querendo competir com as carretas. As estradas péssimas e esburacadas pelas rodas das carroças, em pouco tempo davam cabo do caminhão.

Os carreteiros tinham pavor dos caminhões. Aquilo era um absurdo. Onde é que se viu agora um caminhão querer superar a carreta? E, além do mais, se as carretas desaparecerem, quem é que vai comprar o milho e a alfafa dos colonos?

E os carreteiros se animavam convencidos de que derrotariam inevitavelmente aquela extravagante novidade. Por isso, sujeitavam-se a fazer fretes baratos.

José Sanson foi um dos poucos carreteiros que vendeu o seu velho veículo para adquirir um caminhão. O primeiro caminhão que trafegou de Veranópolis a Lagoa Vermelha.

Um dia, encontrou várias carretas afundadas na lama, sem poder sair.

Parou e disse:

- Querem ver como eu tiro essas carretas com o caminhão?

- Impossível! Essa agora é boa! Então o caminhão vai tirar uma carreta do atolador?! Era só o que faltava.

José engatou a corrente no cabeçalho da carreta. Arrancou e saiu com a maior facilidade do mundo.

Sim senhor, exclamou um carreteiro. Agora eu acredito no caminhão.

Acreditou ele e todos os carreteiros. Ao cabo de uns três lustros, o caminhão tomou conta das estradas, condenando ao desterro eterno todas as carretas. Continuaram apenas as carretinhas para serviço da roça.

A vida de chofer de caminhão é dura. Mas ao lado da vida do carreteiro, é um céu aberto.

Saudemos este herói anônimo. Façamos-lhe justiça. Imortalizemo-lo num monumento de glória.

3. TROPEIROS

Viera pequeno da Itália, junto com a família. Acompanhara a penetração na mata. A derrubada. A queimada. A primeira colheita...

Francisco Dotti madrugara na vida dura, aprendendo cedo a enfrentar afoitamente a luta titânica na selvaticidade da serra alpestre e ingrata.

Quando teve início a segunda emigração, partiu de Nova Trento, varou o Rio das Antas e foi abrindo picada através da espessura da floresta milenar. Tomou posse da nova colônia nas montanhosas proximidades do Rio Turvo, em Antônio Prado.

Casado com Maria Veronese, criou numerosa família. À medida que tombava o negror da selva, o milharal farfalhava ao sopro da bênção divina. O tapete louro do trigo murmurava preces de gratidão. O vinhedo perfumava as encostas.

Fartas colheitas atopetavam as tulhas. O vinho transbordava das pipas nos porões. Luzia a banha no lombo da porcada.

Mas o problema da colocação do produto atormentava o sono nas compridas noites de inverno. Os comerciantes do município pagavam trezentos réis a medida de vinho. Uma bagatela. Carecia descobrir negócio menos minguado. Matutou. Conversou. E por fim resolveu tentar a experiência.

Carregou cinco mulas com barris de vinho e, acompanhado por dois filhos, começou a tropear, em longas jornadas, através de serras e campos desconhecidos. Transpôs a fronteira do Estado. Afundou em Santa Catarina. E a sorte lhe sorriu. Encontrou bons fregueses.

E Francisco envelheceu no lombo da cavalgada, tocando a tropa de cargueiros. Perseguidor de aventuras, colheira vasto cabedal de curiosas ocorrências ao longo das andanças sem fim. Passava noites e

noites relatando casos que presenciara.

Narciso, o caçula, acompanhava atento a minuciosa narrativa do velho pai, o tropeiro mais guapo da redondeza. De noite, o garoto adormecia com aquelas fantásticas histórias dançando na mente, arquitetando proezas semelhantes.

Um dia, o pai veio ao encontro dos anseios do petiz.

- Eu já estou velho e de saúde alquebrada. Agora toca a vocês aguentar o tirão. Narciso já anda nos oito anos. É gente. Meu filho, quem madruga Deus ajuda. E quem vai longe, levanta cedo. E você, Narciso, deve ir longe na vida, concluiu Francisco em tom profético.

Ninguém imagina o contentamento do improvisado tropeirinho. Como ajudava a encher os 50 barris de vinho! A preparar a viagem...

Eram 25 os cargueiros com barris de 10, 12 e 15 medidas, conforme a força do animal. Amarrados às cangalhas por meio de guascas. Entre os barris, ia a sobrecarga: um saco de pão para a ida, outro de biscoitos para a volta. Um saco de farinha de milho para a polenta. Panelas, chaleiras, instrumentos, capas, cobertas, roupas e a lona de armar barraca.

Era uma fria manhã de inverno. A tropa movimentou-se, Narciso, montado na "Boneca", atrás da égua-madrinha, espingarda de caça a tiracolo, ia todo importante, num alegrão infinito. O Tupi, de cola erguida, a galopito, perto da madrinha de cincerro tilintando a vida inteira. O Luís e o José, na retaguarda.

O sol, espiando por detrás dos montes, dava beijos quentes no rosto gelado dos tropeiros. As mulas, sem arreata, a passito, volta e meia, beliscavam o capim das margens da estrada coleante entre roças, capoeiras e matas.

Ao meio-dia, cruzaram a cidadezinha serrana de Antônio Prado. Depois, o povoado de São Luís. Narciso, imitando os irmãos, tirou do bolso uma fatia de polenta e uma rodela de salame. Era o almoço ambulante de

todo tropeiro. O almoço de todos os dias.

De tarde, já no município de Vacaria, o menino teve oportunidade de conhecer o campo. O campo do qual tanto falava o pai. Acabara-se a mata. Não há mais roças. Só grama onde o gado pasta. De longe em longe, um capão, uma restinga, uma casa de fazendeiros, de posteiros, ranchos de agregados. Coxilhas e coxilhões, várzeas e chapadões.

- Me dá aqui a espingarda, Narciso, pediu José. Depressa.

- O que é?

- Um perdigão. Já temos jantar.

Pum! O guri boleou a perninha e correu a pegar a gorda caça que pulava no chão, estrebuchando.

Decorridos quinze minutos, outro tiro espoucou, abatendo uma perdiz.

O sol declinava, mortiço. As sombras compridas da tropa davam ideia nostálgica de misteriosa caravana do deserto. Chegavam ao Capão do Bugre, a pequena distância da Porteirinha. Ponto do primeiro pouso.

Os tropeiros foram descarregando a bagagem, os barris, as cangalhas. As mulas, contentes, rebolcaram-se na grama, num banho reconfortante. Afastaram se pelo campo, pastando.

- Luís, enquanto eu preparo o fogo, vai com o Narciso e o Tupi caçar uns tatus.

José amontoou lenha, acendeu o fogo, aqueceu a água para o chimarrão. Deitou as caças. Deitou-as na panela. Peneirando farinha de milho com a mão, começou a fazer a polenta na caldeira.

Era noite quando os caçadores voltaram com dois pesados tatus. Narciso, alegre como passarinho, vinha bufando sob aquele peso. E descreveu com gestos dramáticos a curiosa aventura, a valentia do cachorro destocando o bicho.

Regado a vinho crioulo, foi o jantar mais gostoso do mundo, depois daquele duro andarenguear, com as tripas roncando. Eram capazes de jurar que no melhor hotel de Paris não servem banquete tão supimpa.

Sobrou carne e polenta para o almoço do dia seguinte, durante a viagem. Correu o amargo. Fizeram a oração da noite. Ajeitaram as camas sobre os arreios, nos pelegos. E adormeceram, enquanto o fogo, crepitando, lambia a treva, aquecendo o ambiente. E sob o telheiro das ramadas do arvoredo de guamirins, dormiram o sono dos justos, sem pesadelos, sem sonhos.

Só por volta da meia-noite, Narciso acordou com um tiro de revólver e os ganidos do Tupi.

- O que era?

- Um guaraxaim. Não fosse o Tupi o desgraçado levava até a panela da boia, levava.

Quero-queros gritavam, dando alarme. Luís deitou lenha sobre o borralho. Assoprou nas brasas. O fogo pegou. Ao desabrigo da capa e das cobertas, o frio lanhava as carnes, na hora morta da madrugada.

De manhã, a geada cobria de branquidão as coxilhas e as planuras. Atiçaram o fogo. Tomaram chimarrão. E enquanto o irmão mais velho, preparava o café, Luis e Narciso saíram pelo campo campeando as mulas. No alto do coxilhão bombearam em redor. Apuraram o ouvido. Caminharam mais meia hora. A geada estalava sob as botas. Finalmente, perceberam o chocalhar do cinorro lá pelas bandas da restinga. Passaram o buçal na "Boneca" e na "Estrela" que montaram em pelo. Repontaram a tropa. O sol já brilhava subindo no horizonte, derretendo o gelo. Principiou a soprar do sul um vento enregelante que entanguia a face e as mãos.

Tomaram café, com pão e salame. Encilharam as mulas de sela. Encangalharam os cargueiros. Dependuraram os barris.

Em fila indiana, pelo trilho do campo aberto, a ponta reiniciou a

jornada, fazendo e desfazendo léguas, repechando coxilhas, descendo lançantes.

Apesar da monotonia da paisagem campestre, o Narcisinho se divertia com os tiros que os manos davam nas perdizes e perdigões; com as avestruzes que se recortavam em silhueta na lombada da coxilha; com o cacarejar das seriemas, aos pares; com os veados que o Tupi corria; com o gado que espantado olhava os passantes; com o cemiteriozinho lá no alto, fechado em pequena mangueira de taipa. E acostumado a ver na colônia os cemitérios perto da capela, perguntava: - Onde é que fica a igreja?

O pouso, naquele dia, foi no Passo Fundinho, nas imediações de Capão Alto. Na manhã seguinte, levaram três horas procurando as mulas.

No terceiro dia, quando atravessavam longo matagal tendo ao centro o lugarejo de Muitos Capões, o Narciso experimentou grande alegria, ao cruzar com a tropa do padrinho Dalazen.

- Vejam só quem está aqui. O meu querido afilhadinho, feito tropeiro. Deu-lhe beijos e duas patacas para comprar bananas e doces.

Nas cabeceiras do Rio Santa Rita pousaram. Por causa do nevoeiro, o acampamento foi ao ar livre, porque as árvores gotejavam. Altas horas da madrugada, roncaram trovões soturnos. Foi uma correria danada para montar a barraca. Os irmãos preparavam varas de cambium para a armação. O Narciso segurava a ponta da lona. De repente, soprou a tormenta. Arrancou a barraca das mãozinhas do pia, atirando-a de encontro ao capão. Assim mesmo, deu tempo para erguer a improvisada casinha. E o aguaceiro velho cantava no pano retesado. Os tropeiros, com a chuva, estavam até contentes. E principiaram a cantar fazendo coro à canção da água. O órgão retumbante do trovão, de vez em quando, acompanhava a estranha orquestra noturna.

O dia amanheceu chuvoso, o campo encharcado. Por sorte, os animais andavam perto. E a madrinha foi puxando a récova. Os tropeiros debaixo da capa. Ao meio-dia, o sol deu guascaços nas nuvens que se

diluíram em frangalhos.

Quando, ao cair da tarde, a tropa estacionou junto ao Rio Canal, o minuano varria a campanha, metendo punhais de gelo nas carnes dos pobres tropeiros. Aqui, passaram duas noites e um dia inteiro, tirando lechiguana, enquanto as mulas gozavam do seu merecido e habitual descanso.

A manhã foi muito bem aproveitada, rendendo a maior caçada da vida: três veados - um pardo e dois virás -, cinco tatus, quatro perdigões, dez perdizes, dois jacus...

De tarde, depenaram as aves, esquartejaram os ruminantes. Assaram a carne, guardando-a quase toda, misturada com farinha de mandioca. Assim, o almoço ambulante estava garantido por três dias.

No dia seguinte, a largada foi cedo, de sorte que chegaram aos campos dos Mendes, no Pontão, ainda com sol alto. As mulas pastaram um tempão, afastando-se do pouso.

- Narciso, disse mais tarde José, és capaz de repontar as mulas sozinho? É necessário que passem a noite aqui perto. Senão amanhã vai ser aquela trabalhadeira danada para encontrá-las.

- É claro que sou capaz. E é pra já.

E lá se tocou, descendo e subindo coxilha, assobiando, todo importante. Uma perdiz "estourou" a dois passos. Que susto, Nossa Senhora! Mais uns passos, e salta outra. Foi contando: duas, três, quatro... E um perdigão.

Foi quando avistou a tropa lá longe, além do capão. Parecia uma ninhada de pintos em redor da choca. É a mesma coisa, pensou. A égua-madrinha é a choca; as mulas, os pintos. Só que a galinha não tem cincerro.

O sol declinava no horizonte. Um bando de curucacas, cacarejando, cruzou rumo dos pinheiros do capão, procurando pouso. Narciso levantou a mão fechada, estendendo o bracinho para as aves.

Apontou. Puxou o gatilho do imaginário revólver e gritou: Pum! E ponderou: Algum dia, eu vou atirar com revólver de verdade. Deixa estar. Quero mostrar para essas papudas como sou valente...

O pensamento foi interrompido por enorme vaca tubiana que levantou a cabeça, fitando o guri, ameaçadora. Deu um assoprão e um berro medonho. E largou-se no encaço do rapaz que nem cachorro correndo veado. Narciso desatou numa disparada louca rumo do capão, a uns duzentos metros do local.

As perninhas estavam bem ensebadas. Davam o máximo. No entanto, o bravo animal ia levando acentuada vantagem. De repente, fez-se ouvir um fragor como de ondas encapeladas. Era o tropel da ponta de gado que seguia atrás na doida perseguição.

Num supremo esforço, o garoto alcançou o primeiro pé-de-bugre. Ágil como um gato, marinhou pelo tronco acima. Foi o que deu para agarrar-se num galho. A fera investiu violenta com tremenda cornada no tronco abalando a árvore toda.

A vaca berrava, escarvava o solo, enquanto chegava correndo o resto da tropa. Formou-se um cerco que parecia conjugar esforços a fim de derrubar aquela pequena vítima indefesa. O berreiro era agora ensurdecedor. Trompaços de guampas vibravam terríveis no tronco da planta, lascando pedaços de casca.

Narcisinho gritava, gritava, gritava. Quebrou um galho e com ele ameaçou fustigar os bichos que mais e mais se enfureciam, teimando em não abandonar as proximidades da aroeira.

O sol já se afundara por detrás do coxilhão. A nostálgica hora do entardecer envolveu o pobre prisioneiro em pavoroso temor. Por milagre, escapara da morte. Rezava e pedia a Deus que lhe valesse ainda.

Pensava em como haveria de passar a noite naquele estranho leito. Chorando, abriu a goela, gritando a mais não poder: José! José! José!

Mas os irmãos andavam muito longe. Até que enfim estes desconfiaram de qualquer incidente. José saiu pelo campo a bombear por todos os lados. Caminhou. Caminhou. Avistou a tropa de mulas silhuetando contra a baça claridade do horizonte. Perguntou-se: Como é essa história? Então o Narciso onde é que anda que não repona a tropa?

E foi andando, apressado. Escutou o mugido das reses e teve um baque com negro pressentimento: Os bois estão matando o guri. Correu. Ouvia os gritos do menino. Pois é, ele deve estar morrendo. Nossa Senhora, que desgraça! Aproximou-se do gado que tratou de investir contra o tropeiro.

José arrancou do casaco e começou a agitá-lo, dando gritos, para espantar. Disparou quatro tiros de revólver. Foi o remédio. O gado estourou, num esparramo lindo, aliviando a angustiada situação.

Foi então que viu o maninho encarapitado no pau-bugre.

- Graças a Deus! Eu já esperava encontrar-te sem vida, Narciso. Desce daí, agora.

- Não quero. Eu tenho medo, respondeu a chorar.

- Vamos, deixa de histórias. Não há mais perigo.

Era noite fechada quando chegaram ao acampamento com as mulas.

O acontecimento proporcionou pano para muita manga, e passou à história, à história fantástica dos tropeiros gaúchos e do modo particular do tropeirinho Narciso.

No dia seguinte, o pensamento do garoto, durante toda a longa campereada, ruminou aquele princípio de tragédia.

Sim aquilo foi um milagre. A esta hora, eu devia estar morto, estripado pelas aspas da vaca, esmagado sob as patas do gado bravo.

Sentia, então, ânsia de abandonar aquela perigosa profissão. Lembrou-se do mana que não tropeava. Outro era o seu futuro, porque se

preparava para o seminário.

E se eu também fosse a padre, hem? Talvez saísse um grande pregador. Faria discursos de arrancar lágrimas às multidões. Que bonito!

E ali mesmo, no lombo da "Boneca", improvisou um discurso inflamado, levantando a voz como faziam os missionários, gesticulando vibrantemente.

Depois sentiu ímpetos de amaldiçoar a vida ingrata do tropeiro, e rompeu a cantar:

Que vida amarga não leva o tropeiro,
De dia e de noite, no frio e na calma!
Se o nauta nós mares perigos arrosta,
Em terra o tropeiro não cede-lhe a palma.

O sétimo pouso foi no Tope, na propriedade do Seu Timóteo. No oitavo dia, principiou a penosa descida do Rio Pelotas, por estreitas picadas, entre calhaus, com degraus de metro, onde os animais, às vezes, escorregando, caíam, estropiando-se, à beira de pavorosos precipícios.

A pequena balsa, com o rio meio alto, só transportava duas mulas de cada vez. Em Santa Catarina, o íngreme e estreito caminho serpejava entre fragas, cortando a negra mataria. As cavalgadas bufavam, parando a cada cinco minutos. Lá embaixo, o Maromba, roncava caudaloso, arrojando-se no Uruguai em formação.

Pouso no alto da serra, nós Fagundes. O décimo foi em Rio Leão. O décimo primeiro, no Erval Velho. O seguinte, na Estação Erval, hoje Joaçaba. E o último, na Estação Bom Retiro. Até que enfim. Ufa!

O vinho foi vendido aos fregueses das duas estações ferroviárias, por dois mil réis à medida. Descansaram um dia. Efetivaram compras de couros, queijo... Os barris voltaram vazios.

De regresso, havendo chovido três dias a fio, o Pelotas encheu e a

tropa foi obrigada a estacionar durante 48 horas, aguardando a baixa das águas. Depois, os arreios e a carga passaram de bote, e as mulas, a nado, cabresteadas, atrás da balsa.

Na fazenda dos Mendes, o Tupi correu um veado e nunca mais voltou. Foi um desastre a perda daquele fiel animal, indispensável ao tropeiro. Para ele o cão representa dez pessoas, especialmente à noite, na qual é guarda vigilante, sentinela sempre alerta. Pesada tristeza caiu sobre o pouso dos três tropeiros. Nunca mais saborearam a gostosa carne de tatu. As noites decorriam inquietas, sob a constante ameaça dos temerosos assaltantes e das feras. Já naquele pouso dos Mendes, o guaraxaim levou a panela para longe, abandonando-a no capão, bem lambidinha. Quase todas as noites, o canino selvagem praticava alguma estripulia. Roía os tentos, roubava a boia, estragava os arreios. Uma vez, deu uma dentada na bota do Narciso, causando-lhe o maior susto da vida. E mesmo de dia incomodava, esse ladrão de galinhas. O Luís acabava de derrubar no voo uma perdiz. No mesmo instante, o bicho saiu correndo do capão vizinho e abocanhou a caça, fugindo floreira, no mais.

Uma noite foi trágica. O guaraxaim não deixou dormir um instante, sempre ali rondando o acampamento querendo roer as arreatas dos barris. O José descarregou todos os cartuchos, dando tiros na treva no rumo dos guinchos. Debalde. A luz da vela, carregaram mais dez cartuchos. Passaram o resto da noite dando tiros, sem poder matar nem distanciar o danado...

No outro dia, houve mais um contratempo. Perdeu-se a manhã inteira em busca das mulas. E com idênticas peripécias cotidianas, às vezes, acordando de manhã branquinhos de geada, os tropeiros chegaram em casa. Fazia um mês que haviam partido.

O Narcisinho, durante três semanas, contou a todo o mundo a notável façanha da sua primeira tropeada, com tom importante como quem entende do riscado. Os amiguinhos ficavam com inveja do pequeno valentão.

Houve um descanso de vinte dias. Depois, a tropa enfileirou de

novo. E assim durante anos e anos.

No verão seguinte, os tropeiros foram de negra sorte, uma feita. Nos campos de Santa Catarina, toparam com os soldados legalistas, chefiados pelo coronel Maximiliano de Almeida. Os borgistas levaram o revólver do Luís. Pegaram na espingarda do Narciso. Não a entendendo, jogaram-na fora, dizendo: Isto não presta pra nada. O José conseguiu esconder o revólver debaixo dos pelegos.

- Este susto foi maior do que aquele da dentada do guaraxaim, comentou Luís para o maninho.

No Rio Pelotas o José, enquanto campeava as mulas, foi picado num pé por venenosíssima jararaca. Incontinenti, o tropeiro puxou da faca e praticou ligeiro talho no lugar atingido. Imergiu na água. Espremeu. Saiu sangue esverdeado. A seguir, cravou no corte um tição ardente. Assim mesmo, o pé inchou que nem bola de borracha. No alto da serra, um caboclo aplicou seu remédio caseiro, salvando-se desta forma o bom tropeiro. Graças a Deus.

Nas proximidades do Umbu, uns tropeiros avisaram que andava por lá perigoso bandoleiro. De fato, à noite bateu no rancho dos irmãos Dotti. Pediu pouso. O José empunhou o revólver e gritou enérgico:

- Faça o favor de seguir seu caminho já. E não se coce.

E lá se foi o bandido, dentro da noite. Outro dia, foi encontrado morto, assassinado por um parente a quem havia furtado um cavalo.

A cena de sangue impressionou o tropeirinho que ia-se acostumando aos embates da vida.

E como os tropeiros Dotti, milhares de gaúchos, de imigrantes e filhos de imigrantes, no decorrer de longos decênios andaram desfiando o rosário dos cargueiros pelos campos sem fim, atravessando barrentas picadas, eriçadas de pedras, beirando o cairel do abismo, enfrentando a morte à espreita na tocaia, dormindo ao relento, sob o lençol da geada, cavalgando o dia inteiro, hoje sob os raios causticantes do solação do

verão, amanhã aos chicotaços do minuano do inverno, ou sob o azorrague do temporal; partindo do fundo da serra, rumo de São Sebastião do Caí, de São João de Montenegro, de Santa Catarina; transportando o fruto do suor daqueles heróis que transformaram o palco dessas dantescas odisseias em fulgurantes corridas de cadilaques no asfalto das estradas modernas e no esplendor das cidades erguidas sobre as cinzas das coivaras regadas pelo sangue generoso dos intrépidos colonizadores.

O tropeirinho Narciso Dotti continuou madrinheirando os cargueiros por alguns anos. Depois, imitando o exemplo do irmão, Reinaldo, seguiu sua vocação. Ingressou no Seminário. Madrinheiro velho que era, avançou sempre na ponta. Tornou-se sacerdote e missionário, trovejando do alto da tribuna sagrada, eletrizando as massas com a palavra inflamada.

Em Lagoa Vermelha, fundou o Ginásio Duque de Caxias e o Hospital São Paulo. Neste, veio a falecer o coronel Maximiliano de Almeida que um dia tirara a arma àquele tropeirinho que agora, feito ministro de Deus, o assistia nos últimos instantes da vida.

E o tropeirinho, seguindo o luminoso fadário ascensional que a palavra profética do velho pai na infância lhe traçara, hoje com o nome religioso de Frei Celestino de Antônio Prado, alcandorado no alto posto do mais dinâmico e eficiente superior provincial, encanecido, vai marchando gloriosamente, esplendorosamente, à frente dessa imensa legião de capuchinhos, esparramados pelo Rio Grande e pelo mundo, qual potência avassaladora, atuando nas paróquias, nas missões, na imprensa, no ensino, na radiofonia, nos hospitais, na agricultura, nas artes...

- Meu filho, parte cedo, porque deves ir longe na vida, dissera-lhe o pai ao entregar-lhe as rédeas da "Boneca". Era verdade: o tropeirinho foi longe!...

* * *

Narciso, com o nome religioso de Frei Celestino, nascido em 1914, festejou suas bodas de ouro sacerdotais em dezembro de 1989, ano em

que faleceu seu irmão Frei Justino. Em 1995 trabalhava ativamente em União da Vitória, Paraná, sempre realizando obras grandiosas religiosas, sociais e humanitárias.

O tropeiro José Dotti, já falecido, tornou-se pai de um Bispo, D. Orlando Dotti, que governou as dioceses de Caçador-SC, Barra, na Bahia, e desde 1983, de Vacaria-RS. Um dos membros mais destacados do Episcopado Brasileiro, D. Orlando ocupou cargos importantes, como: Membro do Conselho Federal de Educação, Membro da Comissão Representativa da CNBB do Regional Nordeste II; Delegado dos Bispos do Brasil para a III Conferência do Episcopado Latino-Americano em Puebla, México; Redator do texto sobre Anistia na Assembleia da CNBB em Itaiçi, Campinas-SP; Presidente da Pastoral da Terra...



4. BALSEIROS

Açorianos e bandeirantes habitaram o litoral e os pampas gaúchos. Circundaram, com medo e respeito, o negror da mata virgem. Como outrora no mapa do mundo, um ponto escuro da África trazia a legenda - *Hic sunt leones*, a extensa região montanhosa do Rio Grande do Sul, envolta no denso manto do mistério, incutia pavor.

Paraíso das aves e das feras, telheiro amigo do selvagem, dormia o sono dos séculos sob a verde umbela protetora dos pinheirais sem termo.

Em 1875, surgiram os destemidos domadores de leões. Cortaram o nó górdio da intransponível muralha e desvendaram o segredo da Esfinge.

A titânica falange de Hércules, Atlantes e Teseus modernos, herdeiros do heróico sangue romano, os imigrantes escalaram a serrania alpestre e penetraram na ínvia espessura da floresta virgem.

A selva imensa, em grande parte, era constituída de negras e altas araucárias.

O pinheiro, hoje tão valioso e cobiçado, representava inquietante pesadelo e sério problema ao recém-chegado colonizador europeu.

Sem técnica alguma, sem prática de corte, era-lhe difícil a derrubada dos enormes troncos, que por vezes caíam sobre as casas, matando pessoas e causando prejuízos materiais.

Resistindo ao fogo das queimadas, dormiam anos, quais gigantes deitados, roubando espaço na roça, impondo barreiras aos passos laboriosos do agricultor.

O imigrante aborrecia o lote de pinheiros. Às vezes, abandonava a terra oferecida pelo Governo, a fim de comprar outra de mato branco, onde

não houvesse o entrave do pinheiro.

Sem serrarias e sem estradas, era impossível a industrialização e o comércio da madeira de pinho.

As tábuas, cortadas e falquejadas a machado, serviam apenas para construção das primitivas e toscas habitações dos abnegados desbravadores.

Por volta de 1895, com o advento da carreta, principiaram a surgir os engenhos, inaugurando-se então a indústria da madeira que viria a ser até hoje uma das mais importantes do Estado.

Carreteadas às margens dos Rios das Antas, Jacuí e Uruguai, as brancas e compridas tábuas navegavam em balsas rumo aos grandes centros.

Balsas e balseiros - eis outro canto admirável da homérica epopeia do intrépido imigrante, desbravador de sertões, artífice de cidades.

Poema de bravura e estoicismo, escrito sobre a gélida lomba ondulante da correnteza bravia nos corcovos terrificantes das cachoeiras rugidoras, no perigo traiçoeiro das ilhas e das pedras, nas insídias turbilhonantes das revessas...

* * *

O vulgo adulterou para Storma o sobrenome de André Stormowski, nascido em 1905, nas margens do Rio das Antas, no atual município de Veranópolis. Seu pai imigrara pequeno da Polônia.

Seus olhinhos azuis habituaram-se a contemplar a fileira interminável de balsas, deslizando na correnteza do rio cheio bem em frente da sua casa.

O espetáculo gravou-se na mente infantil e com oito anos apenas ambicionava transformar-se num desses valentes jangadeiros que voltavam a pé, contando histórias fantásticas das suas rocambolescas viagens.

Mas foi só aos treze anos que obtive do pai permissão de arriscar a primeira aventura naquela perigosa embarcação.

Madrugava assim na luta inclemente para a mais áspera profissão, que sustentou com extraordinária galhardia ao longo de vinte trabalhosos e suados anos.

* * *

Às margens do caudaloso rio, os carreteiros não paravam de empilhar tábuas que permaneciam meses lagarteando ao sol, aguardando a cheia.

Chuvinhas miúdas. Águas baixinhas. O madeireiro suspirando pela enchente como o nordestino pela chuva.

Em fins de abril, após três dias de intenso calor, começou a chover. Chuva abençoada, bendiziam os balseiros, olhando para o céu de chumbo que despejava cataratas de água, torrentes de raios e rajadas de trovões.

Foi um dilúvio. André via com indizível prazer o turvo engrossar do rio encachoeirado. Amanhã poderemos embalsar, dizia. A água vai estar no ponto.

De madrugada estiou. Levantaram cedo os balseiros. Mochila às costas, chegavam centenas ao Passo do Governo, pouco abaixo do local onde hoje arqueja giganteando a maior ponte suspensa do Brasil.

O sol quente, espiando entre nuvens, por detrás dos picos alcantilados, prenunciava mais chuva.

Pelo vale profundo, ecoava como cerrada fuzilaria o contínuo e sonoro estalar das tábuas.

André chegou. Distribuiu ordens. Trepou na pilha de tábuas que traziam as letras R + C, iniciais de Reinaldo Cherubini, fabricante e proprietário.

E o rude labor principiou. André agarrava, uma a uma, as

compridas tábuas de mais de cinco metros. Enfiava pela bica de madeira, dava-lhes impulso, e deslizavam até o estaleiro.

Em cima deste, lá embaixo, João Canarin recebia-as e atravessava-as no chão. João Zanelato pegava numa ponta, Pelegrino Soletti, na outra. Encostavam-nas de quina, sobre as amarras de cipó-pau, já preparado, sapecado e torcido.

Juntaram duas dúzias e meia, de polegada, formando o primeiro molho. Amarraram bem amarrado.

O molho foi jogado na água. Segundo Cavedon saltou sobre ele, tendo na mão um croque para puxar e afastar os feixes.

Baixou o segundo molho. Primo Cavedon ajudou o irmão no serviço de acolherar.

Ao cabo de três horas, boiavam na água oito molhos. Acolherados, formavam o primeiro quartel.

Pronto o segundo quartel, pararam para rápido e frugal almoço.

Recomeçou a dura lida. Três quartéis. Quatro quartéis. Anoteceu. Comeram um bocado. E à luz da lanterna de acetilene, os balseiros vararam a noite trabalhando.

Parar não era possível. Urgia aproveitar a alta das águas. Se não houvesse mais, o rio baixava e as balsas corriam o risco de encalhar nós escolhos das cachoeiras. Se as chuvas recrudescessem, a cheia aumentava e o ímpeto da correnteza faria da jangada barquinho de papel, atirado sem leme, desgovernável, quebrando-se nas ilhas ou nas pedras.

Os balseiros não esqueciam às vezes sem conta em que passaram semanas parados, sem jeito de largar. O dia clareava quando acolheraram os molhos do nono último quartel, formando duas balsas, que lá adiante se uniriam numa só.

Meia dúzia de tabu as atravessadas horizontalmente sobre cada quartel, formaram o assoalho.

A sobrecarga era de quatro dúzias de tábuas e barrotes em feixes de cinco unidades.

Tiranteados os nove quartéis, constituíam a balsa de 50 metros de comprimento por sete de largura, com duzentas e poucas dúzias de tábuas.

No centro da embarcação, os balseiros levantaram a barraca de tábuas sobre quatro sarrafos fincados no assoalho.

Ao lado desta armaram um caixote que encheram de terra para servir de fogão.

Na proa e na popa, construíram o estribo para suporte dos remos e encosto dos pés dos remadores.

Na barraca, sem oitões, baixinha, mal abrigando gente deitada ou sentada, colocaram os mantimentos, roupas de cama, instrumentos...

A bagagem limitava-se ao estritamente indispensável para não dificultar a viagem de regresso a que se procedia a pé.

Afinal, após 24 horas de ininterrupto e estafante labor, a balsa ficou em condições de partir.

A chuva recomeçou. E os jangadeiros trataram de largar sem demora, antes que o rio subisse demasiadamente. Os coitados lá se foram sem tempo de descansar e dormir.

Tiraram a roupa guardando-a na casinha. Ficaram apenas em calções e camisa-de-física. Precisavam zelar pelo bom estado do único terno que levavam.

Desprenderam a espia de aço. Com os remos, feitos de sarrafos e uma tabuinha pregada na extremidade, impulsionaram a embarcação. Afastou-se da margem. Colhida pela correnteza, disparou, entrando na longa fila de balsas que coalhavam as águas.

Eram cerca de duzentas, distendendo um comboio interminável ao longo de vários quilômetros.

Na cachoeira do Salto, a jangada corcoveou, levantando cachões escumantes, salpicando os remadores da proa.

O rio, muito sinuoso, corria estrangulado entre altos paredões. Nos lados, casas de colonos. De longe em longe, alguma igrejazinha juntava as mãos em prece de seu campanário de madeira.

Depois da primeira curva, a balsa, magistralmente governada por André, tentando a margem direita, galopava destravada, sob as gargalhadas estrepitosas da Cachoeira da Itaipava-do-Sete. A do Lajeadozinho, lá adiante, também riu e cuspiu espuma nós remadores.

Agora vai singrando a meio-rio, para evitar a ilha. Passada a tormentosa Comprida Seca, André soltou um grito, saudando a sua família que morava ali perto, à direita.

A chuva tombava torrencialmente. Enxurradas de água suja, arrastando folhas, seixos e terra, rolavam das encostas íngremes, saltando no rio. A balsa ginateava, torcendo a barraca que rangia como sacudida por forte vendaval. Os braços vigorosos manobravam violentamente os remos, mantendo sempre o rumo certo. Qualquer descuido do capitão podia ocasionar o desastre. Os molhos enredando-se em algum recife, desamarravam espalhando a madeira como acontecera para alguns balseiros bisonhos, naquele dia.

O almoço foi um pedaço de pão e salame na altura da Barra Feliz, foz do Rio Retiro. Sempre andando, sem parar.

Beirando a barranca esquerda atravessaram a Cachoeira Criminosa, que outrora assassinou um balseiro.

Agora os intrépidos jangadeiros redobravam de cuidados e esforços a fim de evitar as revessas que ofereciam grave perigo de prender a balsa nas traiçoeiras malhas dos redemoinhos.

Aqui os balseiros novatos ou distraídos, por vezes, passavam horas e dias rodopiando, rodopiando, sem poder sair.

Além do Porto Velho, a embarcação seguiu pela esquerda, fugindo

a Pedra-da-Pomba.

Finalmente, os exaustos remadores descansaram dez minutos enquanto navegavam o remanso do Poço-da-Comprida-Grande.

Tendendo para a ribanceira esquerda, meteram-se por esta cachoeira, dando pinotes, tomando ondadas no peito. Ao meio, fizeram um travessilho para o lado direito, sempre com tática notável de quem conhece a preceito os segredos do perigoso rio.

A Cachoeira do Pessegueirinho foi cortada a meio-rio por causa das duas ilhas. Na do Cágado, desceram pela direita, com vistas na ilha da esquerda.

André não pode deixar de rir, ao recordar o episódio gozado, aqui ocorrido com Miguel Secchin, de Protásio Alves. Andava este, distraído, deitando fumo picado no cachimbo, quando a balsa sofreu violentíssimo safanão. Miguel levou um tombo, jogando o cachimbo na água. Mais tarde, André, em tom de blague, dizia que vira no rio um dourado fumando cachimbo...

Ao entardecer, pararam em Alcântara, no Passo Dall'Oglio. Emendaram as balsas. Os irmãos Cavedon voltaram para casa.

Balsa amarrada. Deitaram na barraca e dormiram.

André colocou os pés de fora, a chuva, a fim de acordar-se de vez em quando, para bombear o tempo e o movimento das águas. Lembrava-se da enchente do 28, a maior de todas. O rio levantou 16 metros acima do normal. Balsas e depósitos de madeira foram todos arrastados pela fúria da correnteza.

À meia-noite, Zanelato ficou de sentinela e André dormiu descansado, apesar da escassez de cobertas, da rigidez do leito e do ventarão gelado.

De manhã, após breve interrupção, a chuva continuou. O rio crescera quatro metros acima do nível de embalsar. André sentiu vontade de largar e repetir a façanha do ano anterior. Com seis metros de água a

mais, soltara a balsa no dorso altivo da correnteza impetuosa. Foram 44 horas a fio de luta ingente, sem dormir e quase sem comer. Com 16 quartéis, em duas balsas tiranteadas, auxiliado pelo cunhado Miguel, em menos de dois dias, estava em Porto Alegre. Navegando mais de 500 quilômetros. Outras ocasiões já levava 31 dias. Ao regressar a casa, encontrou os balseiros, que o viram partir, parados no mesmo lugar. Perguntaram onde havia abandonado a balsa... Ninguém podia acreditar em tão estupenda proeza.

É aventura que acontece uma vez na vida. Agora, André não ousava repeti-la. Mas a tentação o cutucava, convidando.

Ao anoitecer, a chuva parou. O vento princípio a soprar frio. A atmosfera leve prenunciava bom tempo.

No outro dia, o rio continuava mugindo sombriamente. Ninguém se atreveu a partir.

Finalmente, no terceiro dia, desamarraram algumas jangadas. Outras, receosas, aguardaram a tarde.

E recomeçou o desfile sem fim de cachoeiras e ilhas. O nome da Cachoeira do Almoço originou-se dum incidente: enquanto os remadores almoçavam descuidados, a balsa foi parar em cima das ilhas.

Cruzam agora pelo Passo de Santa Barbara, junto à barra do Carreiro. A Cachoeira do Remo é cortada a meio-rio para fugir as ilhas do Veado. Depois forcejam à direita a fim de não cair nas redes da Reversa do Gramatão, passando a cachoeira a meio-rio.

No Saltinho, vão à esquerda por causa da pedra do Açoita Cavallo, já nas proximidades da Barra Mansa, em Santa Teresa.

Sucedem-se as cachoeiras, que enchem o vale de rancos soturnos: Campina, Taipinha, Soca, Terneiro, Vaca e, a seguir o poço da Vaca.

Consta haverem os colonizadores encontrado aqui uma vaca com o bezerro. Daí esses nomes.

Perto da Louca, apareciam os primeiros trapiches das gasolinas.

Depois da Cachoeira Braba, a Muçum serpenteia como cobra, donde lhe veio o nome que passou também a cidade, nas vizinhanças.

Aqui, a balsa amarrou para pernoitar. Noite estrelada e fria. Os coitados dos balseiros tiraram lechiguana na desabrigada casinha.

De manhã cedo, cruzaram pela Barra do Guaporé, depois a Pedra Moura, a Cachoeira do Pinheirinho. Garnizé, Jacaré, na foz do arroio homônimo. Picão.

Quantas vezes, comentava André, as balsas pechavam na Pedra Feiticeira. Na Cachoeira do Mastro, pensou no desastre do navio que perdera aqui aquela parte da embarcação.

À direita, branquejava o povoado dos Conventos.

Toda a vez que André transpunha a Cachoeira do Salto Grande, recordava o único acidente da sua longa vida de balseiro. O irmão João governava a jangada. Em vez de meter à esquerda, como devia, aventurou pela direita, e sobreveio o desastre. A balsa saltou sobre a ilha, partindo-se. João e Silvestre Marin lá ficaram encahalados, a barraca aparecendo de longe, escanchada na ilhota. Enquanto isso, André, com os quatro quartéis da frente, foi descendo o rio, dirigindo sozinho, com tremenda ginástica na tentativa de parar, o que só conseguiu vinte quilômetros além, na Reversa do Corvo. Amarrou o pedaço de balsa e voltou a pé a fim de acudir aos companheiros sinistrados. Trabalharam a noite inteira, auxiliados pelo negro Augusto, à luz de esplêndido luar.

Antes de passar em frente da cidade de Encantado, à direita, tiveram que sofrer um bocado nas cachoeiras de Palmas, Bicudo, Carvo, Beija-Flor, Andrade e três Cachoeiras.

Além de Arroio do Meio, ronca a Cachoeira Criminosa número dois que matou um tal de Piaí. Lutaram no bojo esbranquiçado da Forqueta Grande e depois entraram na Reversa do Costão, uma das mais perigosas, onde o colega Mansueto Bavaresco, uma vez, foi deglutido pelo

remoinho. Passados uns minutos, emergiu a 150 metros de distância para desaparecer imediatamente. Tornou a surgir, desta feita, pertinho da balsa, por acaso. Raul Giardin o agarrou, salvando-o nós últimos instantes de vida.

Agora mesmo, André encontrou várias balsas rodopiando, num esforço hercúleo para escapar aos tentáculos da voragem. Logo adiante, vinha outro temível perigo, a Reversa do Carneiro também conhecida por Convento Branco.

Na Reversa da Estrela, perto da cidade do mesmo nome e de Lajeado, o baile das balsas durava dias e dias. Foi num desses bailes macabros que o castelhano Alício Rodrigues quis amarrar a espia da balsa numa lavadeira de cor.

- Desculpe, disse, pensei que era um toco.

Terminam aqui os paredões, os morros alcantilados. Abre-se a planície. Alargam-se os horizontes. É o vale do Taquari, o soberbo e fertilíssimo vale, onde a aquarela dos milharais farfalham um poema de beleza e fartura.

Por ocasião das grandes cheias, o rio transborda, convertendo a planura num oceano, destruindo as lavouras, danificando habitações. A enchente de S. Miguel nunca deixou de aparecer durante os vinte anos em que André foi balseiro. Na entrada da primavera, chuvas torrenciais, acompanhadas de terríveis furacões, apavoram o gaúcho. Por vezes, a fúria ciclópica do tufão e o ímpeto feroz das águas derramam o cataclismo, semeando mortes, invadindo cidades, arrastando casas e criações...

As últimas cachoeiras foram as de S. Gabriel, do Ouro, da Ilha do Cachorro, Itaipava dos Remos, Comprida, Bom Retiro e Ursa. Na Reversa do Fandango, emendaram dez balsas. Canarin e Zanelato voltaram para casa a pé, percorrendo uns duzentos quilômetros, descalços, calçando o tijuco no meio das pedras, calças arregaçadas até o joelho, mochila às costas.

Aquela estafante caminhada, fizera-a André centenas de vezes, a

passo largo, gastando apenas dois dias e mil e seiscentos réis de cama e boia.

Agora a viagem prossegue sem parar. De noite, com a lanterna apagada, para não atrapalhar a visão. Uma casa, uma árvore, uma ilha, qualquer acidente serve de orientação no meio da treva.

A balsa navegava lentamente. O vento amarra. Os remadores esgotam as energias. O sol torrando os coitados...

Pelas margens, desfilam Venâncio Aires, Capitão Miguel, Capivara, Porto Mariante, Ilha dos Macacos. Imenso canal com a famosa fábrica de cachaça. Ilha do Pai José. Volta dos Barretos. Margem do Taquari. A cidade de Taquari com seus quartéis militares. Olaria. A cidade de Triunfo.

Na barra do Jacuí, surgem balsas que descem por aquele rio. Juntam-se com as do Taquari.

Ilha das Pedras ou dos Cabritos. S. Jerônimo. Minas de S. Jerônimo. Hospício. Arroio dos Ratos. Granja Carola, célebre pela sua vaca Ita, a primeira a viajar de avião. O Largo de Santa Cruz, Funil, Largo dos Patos, Travessilho, Ponta Rosa, Ilha Pintada, Volta dos Carás, Ilha do Poiguá, Barra do Caí, Rio dos Sinos, Ilha da Perna Longa, Furadinho...

No 13º dia, a balsa encostou nos trapiches de Niterói, arrabalde de Porto Alegre. André esperou dois dias até que apareceu o comprador das tábuas. Contou-as e entregou-as ainda na água. O proprietário, Reinaldo Cherubini, estava ali. Descera de trem. Vendeu as tábuas por três mil-réis a dúzia.

André e o companheiro voltaram por via férrea até Bento Gonçalves. Daí de ônibus.

Até 1910, os balseiros regressavam de vaporzinho ou gasolina. Iam assim até Lajeado. Quando as águas baixavam, seguiam até Encantado. E depois, a pé.

Em 1938, André abandonou aquela áspera profissão. Mudou-se

para Nova Prata. Adquiriu um caminhão de carga. Em 1946, montou serraria em Lagoa Vermelha, sempre trabalhando como mouro. Hoje, com bela e numerosa família, além de madeireiro é forte criador de gado, dono de imenso capital, conquistado com o mais duro trabalho.

Os caminhões deram cabo definitivamente das balsas, em 1942.

Durante meio século, as águas do Taquari e do Jacuí serviram de via de transporte da indústria da madeira, poderosa fonte de riqueza da colônia. Sobre a líquida estrada, que Deus distendeu entre as montanhas e através dos vales, milhares de heróis anônimos, a par dos tropeiros e carreteiros, prescindindo de qualquer meio de transporte, sem despesa alguma para os cofres públicos, a exemplo de André Stormowski, colocaram a zona da serra no caminho vertiginoso do progresso e do esplendor, escrevendo a sangue uma página fulgurante da história econômica do Rio Grande do Sul.

* * *

André, em Lagoa Vermelha, trabalhando sem descanso, formou invejável fortuna. Tornou-se um dos maiores fazendeiros de Lagoa Vermelha, com uma área de campo de cerca de 20 milhões de metros quadrados. Era grande apreciador de caça e pesca. Por vezes, para companheiro, convidava o autor deste livro.

Veio a falecer no dia 31 de janeiro de 1990, com 85 anos incompletos. Além da esposa, D. Ângela Modelski, deixou cinco filhos, que foram todos alunos do autor deste livro. São eles: Lourdes Maria, casada com Joaquim Nunes Hoffman, que faleceram tragicamente dia 16-2-95; Leonilde Maria, casada com Luiz Ori Nunes; Ari, casado com Terezinha Solange Hoffmann, Laureci Rosa, professora, casada com o Dr. José Antônio de Andrade; e Dr. Alceu Luiz, engenheiro mecânico e pecuarista, casado com Aidé Maria Nunes.

5. BUGREIROS

Não enfrentou o imigrante italiano em Santa Catarina, como no Rio Grande do Sul, a selvagem aspereza da serra alcantilada, eriçada de pedras, oculta sob o mistério da mata impenetrável. O solo catarinense, pouco acidentado e de espantosa fertilidade, abria-se em flor, qual terra de Canaã, numa ridente promessa de fartura e prosperidade, ao longo do vale de Urussanga e das planuras sem fim do litoral, à sombra comprida dos soberbos Aparados.

No entanto, a majestosa floresta tropical, de múltiplas e ricas madeiras, de cipós e espinheiros emaranhada, profusamente colorida de belíssimas orquídeas, tremeluzindo sob a miragem encantadora de vítreas asas de borboletas multicores, divinamente envolta na cromática sinfonia de aves canoras, apresentava-se traiçoeira ante as setas ervadas do índio feroz, e estremezia ao rugido aterrador das feras.

A mataria luxuriante, que veste de luto as proximidades da ciclópica muralha da Serra Geral, ao nordeste gaúcho e sudeste barriga-verde, encontrava-se infestada por hordas de crudelíssimos selvagens, os temíveis Botocudos.

Deram-lhes os civilizados este nome por causa do botoque introduzido no lábio inferior dos filhos menores desta tribo. Crescidos, era-lhes tirado o botoque, que deixava, aberto e cicatrizado, o orifício que utilizariam para produzir fortíssimo assobio durante as caçadas e as guerras.

Completamente nus, de cor bronzea, estatura média, largos ombros, musculosos membros, cabelos pretos e soltos, olhos negros e mongólicos.

Sua arma principal era o arco, caprichosamente trabalhado em madeira de cambuim, raiz de tucum, cipó-imbé e taquaruçu. As flechas eram feitas da fibra do tronco de coqueiro, com agudíssima ponta de

ágata, osso ou ferro.

Viviam de caça e frutas silvestres. Em época de pinhão, galgavam a serra, onde, além de aproveitar o substancial fruto, abatiam frequentemente reses nos campos dos fazendeiros.

Acreditavam em Deus e na imortalidade da alma. Em urnas sepultavam seus mortos que, volta e meia, visitavam. Guardavam inviolável respeito às imagens e estampas de santos, encontradas em casas de brancos, durante os assaltos e saques.

Costumavam amarrar os pulsos das mãos e os tornozelos das crianças durante alguns anos, interrompendo a circulação do sangue. Os membros, assim entorpecidos, tornavam-se insensíveis aos espinhos e picadas de cobras. Com a pele endurecida e sem roupa alguma, disparavam pelo cerrado da mata ágeis como veados. Descobertos e perseguidos, rojavam pelo chão como serpentes desaparecendo num instante da vista do caçador.

* * *

No dia 16 de abril de 1877, chegavam a Tubarão, em número de 291, os primeiros imigrantes, vindos das províncias italianas de Treviso, Verona e Mântua. Receberam seus lotes rurais em Pedras Grandes e Azambuja, localidades que prosperaram rapidamente, transformando-se os dois maiores centros da colônia.

Em 26 de maio de 1878, italianos de Beluno fundam Urussanga. Dois anos após, surge Criciúma. Em 1891 já haviam entrado 4.290 imigrantes, não só das províncias do Vêneto, mas ainda de Bérghamo, Cremona, Ferrara, Verona e Mântua.

Ao cabo de alguns lustros, brotavam do seio da mata, prodigiosamente, como por encanto, dezenas de povoações, hoje florescentes cidades.

A vida atribulada destes intrépidos colonos em luta contra a natureza, em terra ingrata e estranha, sem habitação, privados de

qualquer recurso, passando misérias e sofrendo fome, constitui dramático capítulo de rocambolesca história, com lances épicos de ingentes heroísmos obscuros que não se contam.

Sua inquebrantável tenacidade, sua inabalável fé em Deus operou milagres. A Providência divina acompanhou carinhosa os passos vacilantes destes arrojados aventureiros, modernos bandeirantes alienígenas, desbravadores de sertões e fundadores de cidades.

Assim é que, nós primeiros quatro ou cinco anos, gozaram de amplo sossego por parte do feroz Botocudo. Viviam tranquilos, percorrendo a mata virgem, descuidosos, inermes e indefesos, apesar de ouvir, muitas vezes, da boca dos filhos da terra, histórias do arco-da-velha, pedidos insistentes para que se alertassem contra o perigo mortal que os rondava de perto.

Muitos italianos por fim andavam até descrentes da existência de tais silvícolas que, no entanto, daí a pouco, se apresentaram como reclamando seus legítimos direitos de donos absolutos da floresta, manifestando todo o requinte da sua cruel fereza.

Em certas plantações de milho, principiaram a aparecer estragos que foram aumentando dia a dia. Atribuiu-se o furto a animais da selva.

Uma feita, os colonos viram na lavoura, com espanto, enormes pegadas humanas...

Ficaram à espreita, de noite. Viram, então, homens colossais, armados de compridas flechas, os quais notando a presença dos brancos, soltaram pavorosos urros pondo a estes em desabalada fuga.

Durante alguns meses, continuaram as batidas nas roças. Estrugiram no ar alguns tiros imprudentes que foram muito bem vingados.

Foi em Rio Maior. Naquele domingo, a família Zan reuniu-se com a vizinhança a fim de rezar o terço. Em casa ficou uma velhinha octogenária com uma criança de colo.

Os cães começam a latir. A anciã olha para fora. Vê aqueles

horríveis homens nus correndo em direção da casa. Apressadamente, pega da criança, esconde-a numa arca de imigrante, chaveando-a.

Os Índios penetram na habitação. Matam a velhinha, levando ou destruindo o que encontram. Ouvem o choro da inocente. Tentam abrir a canastra. Reviram-na. E já vão arrebenta-la a machado, quando os vizinhos acodem disparando arma, afugentando os bárbaros.

A menina, milagrosamente salva, vive ainda hoje (1960), já bem velhinha, lá pelas bandas de Pedras Grandes.

Giacomo Bez Fontana, com os filhos, derrubava mata virgem. Súbito, recebe tremenda flechada que, providencialmente, deu em cheio na caixinha de rapé, presa à cintura. A seta desviou a trajetória fatal, produzindo apenas ferimentos leves, de raspão.

Era o dia 10 de fevereiro de 1883. Na encosta do Rio Deserto, os quatro irmãos Baldessar abatiam a mata tranquilamente, alegremente, cantando. João afastara-se uns passos a fim de observar grossa caneleira.

De repente, uma flecha vara-lhe o corpo, mortalmente. Tomba, soltando lastimoso grito. Os irmãos levam-no para casa. Arrancam-lhe a seta homicida. Após vinte horas de horríveis sofrimentos, morre o bom colono.

Passados alguns dias, os selvagens surgem no Rio Salto, onde rareiam as habitações e os homens se encontram ausentes, trabalhando na construção das ferrovias.

A esposa de Caetano de Brida estava em casa com a só companhia de três crianças, a menor dormindo no berço.

Ocupava-se sossegadamente nos misteres domésticos. Senão quando, estruge no bosque vizinho estranho rumor, algazarra infernizante, rompendo o silencio do dia calmo. Logo, baques reboam na coberta da palha da humilde casa. Outros, na parede de madeira.

Olha e vê uma chusma de bugres que se aproxima. Desesperada, invoca a Santíssima Virgem. Esconde num baú a criança menor. Agarra as

outras e dispara pelo mato rumo da casa vizinha, distante um quilômetro.

Surpreende-se o velhote João Benedet. Lança mão do velho trabuco descarregado e sai correndo. A vista dos selvagens não o atemoriza. De arma em punho, grita, com poderosa voz: canalhas, canalhas, já embora senão vos mato a todos.

Ouvindo aquela voz possante e trêmula, vendo aquele ancião de cabelos brancos, brandindo a arma, os Botocudos debandam, levando tudo quanto podem.

João entra na casa. Encontra no chão a criança com a cabeça horrivelmente esmagada, os olhos fora das órbitas. Toma-a nós braços. Estava morta...

Em junho do mesmo ano, em Rio Americano, dois irmãos Spricigo derrubavam mato. Súbito, um deles cai mortalmente prostrado por uma flecha. No mesmo instante, outra seta passa raspando o queixo do irmão, cortando parte da comprida barba.

Em 24 de abril de 1884, em Rio Maior, Giacomo Pilon, serrando com os irmãos um tronco de madeira, tomba fulminado por seta mortal que lhe penetra o corpo pelas costas.

Em Rio Carvão, Antônio Zanellato parece vítima dos cruéis Botocudos, em junho do mesmo ano.

E daí por diante, multiplicam-se as vítimas em todos os núcleos coloniais, semeando desassossego, inquietação e morte.

Desesperadas muitas famílias querem voltar para a Itália. Outras mudam-se para perto dos centros, buscando segurança.

Alguns tentam captar a simpatia do índio dependurando pelo mato, na vizinhança das habitações, saquinhos de açúcar e outros presentes.

O trabalho processa-se agora com toda a precaução e vigilância durante o dia inteiro, um colono posta-se de sentinela, em cada propriedade.

Tempo perdido. O bugre continua ali nas barbas do pobre imigrante. Escuta e aprende a fala italiana. E, traíçoeiro, imitando a voz do branco, pergunta, repetindo o nome do guarda:

- Giovanni, dove seto? (João, onde estás?)

Permanecem escondidos, à espreita, perto das casas, dias e dias. Notam o afastamento do dono e logo penetram na habitação, matando mulheres e crianças, levando panelas, pás, enxadas, facas, foices, machados, armas, roupas, pratos, alimentos, tudo. Nunca souberam utilizar as espingardas com que fabricavam setas. Serviam-se das facas e machados para extrair mel dos troncos de árvores. Jamais levaram garrafas, estampas de santos ou fotografias.

Todos os dias, absolutamente todos, verificava-se algum assalto. Foram dois anos, dois longos anos, de geral consternação, agonia e martírio.

Junto aos poderes competentes chegavam insistentes súplicas de ajuda e proteção. Finalmente, após reiterados pedidos dos imigrantes, o Governo enviou alguns soldados.

Mas a emenda saiu pior que o soneto. A presença dos policiais, durante três anos, não afastou os bugres que prosseguiram no seu furor vandálico e sanguinário.

Excogitou-se melhor solução. Consistia esta em fundar novas colônias e abater a mata. Foi então que surgiram Orleães, Grão Para, Nova Veneza, Rio dos Pinheiros...

Foi nesta última localidade que, no dia 7 de fevereiro de 1902, pereceu, misteriosa e tragicamente, o jovem e apostólico sacerdote italiano, Pe. Vittorio Pozzo. Sabe-se agora ter sido a morte ocasionada por um jovem que, sem intenção de atingir ninguém, arremessara uma pedra na cabeça do padre enquanto se banhava no rio.

Mas toda a brenha imensa que, ao sopé dos Aparados, vai de Araranguá ao Grão Pará, formigava de selvagens em chusmas, aos

milhares.

As investidas contra os indefesos colonos aumentavam o luto, em todos os núcleos, provocando desespero.

Renova-se a resolução de abandonar a terra em demanda de outros recantos. No entanto, alguns corajosos juravam vingança, prometendo desalojar, a qualquer preço, o índio da floresta, afastá-lo para longe ou acabar com ele.

Havia quem assim falava: Tenhamos paciência. Confiemos em Deus que nos protegeu até aqui.

Mas a paciência ia-se esgotando. E os moralistas doutrinavam: trata-se de legítima defesa contra injusto agressor. Se o Governo autorizar, declaramos guerra aos bugres. E estaremos lutando por uma causa sagrada.

Obtida a necessária autorização, foi baixado um decreto convocando todos os colonos a se arregimentarem na luta contra o bárbaro Botocudo.

Apresentaram-se logo 260 homens. Armaram-se até os dentes e embrenharam-se afoitamente na mata.

Mas, no misterioso labirinto da floresta, perseguir a caça que, além da sutileza da cobra e o instinto da fera, possui inteligência de gente, não é, coisa fácil.

Um fracasso. O índio não foi localizado. Tomava-se mister vestir a couraça da traição. Surpreender o bugre dormindo na ocara, como bicho na toca.

Um prático da mata, enviado pelas autoridades, orientou os passos de alguns destemidos imigrantes, ensinando-lhes o segredo da vida indígena.

Surgiram então os *bugreiros*, os terríveis caçadores dos índios, alguns dos quais, como Nicola Baldessar e Natal Coral, deixaram

legendária fama de heróis, jamais se apagando da memória dos descendentes de imigrantes italianos daquelas paragens.

Arrojados, roídos de ódio e sedentos de vingança, em vista da morte do irmão ou parente, lá marchavam de viseira erguida, como soldado em defesa da pátria ultrajada.

A guerra é urgente. É cruzada que Deus suscita e abençoa. É gesto imperioso do mais autêntico patriotismo.

Dias e noites esquadrinhando grotões, varando banhados e sangas, ouvindo o rugido da onça. Finalmente o prático fala:

- Paremos aqui. O rancho dos bugres não fica longe. Só podemos avançar de noite. Ao clarear do dia, faremos o assalto.

Combinado. Chegou o momento. Avançar! Nicola Baldessar marcha na frente, impávido. Penetra na oca empunhando o facão:

- Foi você que matou meu irmão! Morre, canalha!

Apanhados de surpresa, não esboçam gesto de defesa. Soltam urros medonhos. Os que tentam fugir, são abatidos a bala. Os outros, lá dentro, deitam de bruços escondendo o rosto contra o chão.

Terrível carnificina. O sangue encharcou o solo, jorrando em borbotões. São poupadas as crianças que os civilizados levam para suas casas, juntamente com dezenas de orelhas, qual troféu de vitória.

Brilhou agora, por algum tempo, a paz e o sossego na colônia. Depois apareceram novamente os bárbaros. Assaltos, furtos, massacres, mortes.

Novo apelo ao Governo. Nova tentativa. Em princípio de 1885, chegava do Paraná, expressamente convidado, o missionário italiano, Pe. Luís de Semetille, que durante dezoito anos estivera catequizando índios nas brenhas de Paranaguá.

Trouxe ele quatro bugres menores. Durante um ano, percorreu as matas de Urussanga procurando com mil artifícios e astúcias um contato

com os silvícolas. Tudo embalde.

A solução, a única solução mesmo, eram as batidas dos bugreiros, agora numerosos e práticos.

Ótimo resultado. Decorreram oito anos de tréguas, oito abençoados anos de paz, sem alguma aparição desses implacáveis inimigos da civilização.

24 de outubro de 1902. Em Nova Treviso, na localidade de Rio Manim, Luís Amboni e a esposa Madalena, com a filha maior, de quinze anos, plantavam milho, a uns duzentos metros de casa.

De súbito, irrompe na mata estranho rumor. A mulher lancina o ar com grito impressionante. Recebera violenta flechada no braço direito e outra nas costas, na altura do pulmão.

O marido tenta socorrê-la e é também atingido no braço por uma seta. Incontinenti, em tropel infernal, a horda de bárbaros precipita-se sobre as vítimas. Luís, ainda com a seta no braço, foge com a filha para casa, com o pensamento nas três crianças. Mas tombam sob os golpes de lança na cabeça, sem sentidos, num lago de sangue.

As três meninas, de oito, seis e dois anos e meio, brincavam no pátio. Ouvindo os lamentosos gritos dos pais e os berros dos selvagens, refugiam-se em casa, fechando portas e janelas.

Os bugres arrombam a porta, invadem a habitação, levando tudo, tudo, até os colchões das camas.

E as crianças?...

Os bois, vacas e cavalos, alarmados pela estrepitosa fúria dos vândalos, abalam impetuosamente, alarmando as famílias vizinhas, que gritando e disparando a velha espingarda, põem em fuga os Índios já prontos a assaltar outras casas.

Na lavoura jaz morta D. Madalena. O marido e a filha são transportados à capela, sem sentidos. Sofrem cruéis dores, mas salvam-se

enfim.

Dois homens entram em casa. Procuram as crianças. Nada. Com certeza, foram raptadas pelos bugres, dizem.

Outras pessoas tornam a examinar o interior. Chorando chamam pelas meninas. Senão quando, a maior estende a cabecinha de sob a cama donde saem as três, lívidas, tremendo.

Depois a mais velha contou como foi: "Quando vi aqueles homens feios, corri para casa. Fechei a porta. Despreguei o quadro de Nossa Senhora de Pompéia, e com as maninhas me refugiei debaixo da cama. As três segurávamos o quadro sem respirar, olhando para Nossa Senhora, que nós parecia muito mais bonita. Aqueles brutos vieram várias vezes perto de nós, mas não puderam fazer-nos mal algum porque Nossa Senhora não deixava".

Não é este um milagre? - pergunta o Pe. Luís Marzano, o primeiro vigário de Urussanga, que nós relata o enternecedor episódio, em seu livro "*Coloni e Missionari italiani nelle foreste del Brasile*".

Este sacerdote que também administrou os últimos sacramentos aos dois feridos, guardou as flechas ensanguentadas. Mediam elas quase dois metros de comprimento. Possuíam agudíssimas pontas com doze alfinetes.

Com este trágico acontecimento, voltou a inquietação ao seio da colônia. Muitas famílias abandonaram as casas. Mas os bugreiros recomeçaram a luta. Regressavam às vezes trazendo centenas de orelhas de selvagens.

O meio, aparentemente imoral e desumano, era o único eficiente e resolvia o angustiante problema durante certo período de tempo. Depois, os bugres tornavam a repetir seus assaltos mortíferos.

A última batida dos Botocudos deu-se na colônia São Bento, em 1910, ocasião em que pereceu sob as flechas ervadas a jovem Santina Zanzi.

O agrimensor Natal Coral, de numerosa e honrada descendência, foi como Martin Bugreiro, de Nova Trento, talvez o bugreiro mais audacioso de toda essa guerra entre índios e civilizados.

Pessoa de sua família, Natalina Coral Martini, perecera à sanha indígena, criando nele insopitável sede de vingança. Em torno deste valoroso caçador de bugres, o povo teceu curiosa lenda.

Os silvícolas raptaram a esposa do bugreiro. Após vários meses, Natal conseguiu reavê-la, já grávida. O filho, que ainda vive (1960), traz no sangue e no corpo as marcas de sua exótica origem...

Nova Veneza foi teatro de lutas ingentes entre brancos e bugres.

Antônio Neurnberg, pai do odontologista Olivério Neurnberg, autorizado pelo juiz Dr. Américo Vilar Rabelo, promoveu, com Nicolau bugreiro, de Mato Alto, sensacional batida aos Botocudos, em três aldeamentos. Trouxe para casa um casal de bugrinhos. Demonstravam eles vivaz inteligência. A moça morreu queimada e o rapaz, de sarampo.

E assim aos poucos foram desaparecendo os Botocudos, restando ainda algum descendente civilizado. Há cerca de um lustro, foi encontrado, nos grotões da serra, um casal de velhotes. Levados para Criciúma, pereceram pouco depois.

* * *

Outro poderoso inimigo do progresso e da economia do imigrante italiano da zona de Tubarão e Urussanga era a onça. O tigre americano, de um metro de altura e dois de comprimento, traz o corpo pintado, o pelo curto, fulvo e bastíssimo. Patas curtas e grossas, armadas de agudíssimas unhas.

Durante o dia, em geral, dorme sobre alguma árvore, ou em aberturas de rochedos. À noite, aproxima-se das casas dos colonos, assaltando animais domésticos, de preferência porcos e cachorros, e, na falta destes, cavalos e vacas.

Dotado de incrível força, precipita-se sobre a presa. Crava as

afiadas unhas na carótide da vítima, produzindo-lhe profundos ferimentos mortais.

Para avaliarmos os estragos infligidos pelo jaguar aos imigrantes, basta citar uma passagem do mencionado livro do Pe. Marzano.

"Há poucos meses, escreve o apostólico missionário, encontrava-me de passagem por uma colina de espessa mata. Avizinham-se de mim dois colonos. A medo, pedem-me a bênção para os seus animais que o tigre vai levando. Só numa semana, desapareceram mais de vinte porcos. E naquela manhã, um cavalo de quase dois anos.

"Fui à sua casa, benzi os animais e indaguei acerca da direção para onde fora arrastado o cavalo. Prontifiquei-me a procurá-lo. Aceitaram; os dois jovens, armados de espingardas, acompanharam-me. Entramos na mata, seguindo as manchas de sangue.

"Após quilômetro e meio de caminho, descobrimos em fundo buracão, o cavalo já meio devorado. não podia crer no que meus olhos viam. Como se concebe no tigre tamanha força de arrastar um cavalo, não por estradas, mas através de troncos e árvores amontoadas? No entanto, aí estava.

"O jaguar devia estar por perto, à espera da noite, a fim de devorar o resto da presa, pois o enorme cachorro que nos acompanhava retrocedia, esganiçava, urinava, não querendo mais seguir-nos.

"Propus aguardar a onça de noite. Mas os rapazes, por falta de boas armas, recusaram. No dia seguinte voltamos. Do cavalo só restava o esqueleto.

"Outra feita, animei os colonos a esperá-la de noite. Provi-os de duas boas espingardas e de tarde penetramos na selva. Amarramos a uma árvore um cachorro e um porquinho. Armamos um jirau, a dois metros do solo, a pequena distância dos animais, e aguardamos.

"Noite preta. Chuiscava. Quanta emoção a gente experimenta de noite no seio de floresta! Ouviam-se estranhos lamentos, à distância,

cantos lúgubres e roucos sons. O jaguar, atraído pelo acôo do cachorro, rondava perto, a menos de cem metros. Vez por outra, soltava prolongado rugido. Não pudemos vê-lo. Sentia a nossa presença. De manhã, partimos, aborrecidos com o malogro da nossa empresa.

"Meses após, a pintada caiu num fojo, dentro do qual os colonos haviam colocado um porco. Abateram-na a tiros e me trouxeram.

"Quando não conseguem capturar o tigre com mundéus, os camponeses dão-lhe caça de dia, no mato. Quatro ou cinco homens corajosos, com igual número de cães. Descoberto o rasto, soltam os cachorros. Estes, ao se aproximarem da fera, acoam forte e furiosamente. Os cães espertos, velhos, jamais se avizinham da onça. Cercam-na de longe, tocando-a para perto do dono. Os novos, inexperientes, avançam, encontrando a morte certa. Nestas caçadas, quase sempre perde-se a metade dos cães.

"Vários cachorros experientes cercam o tigre que, espavorido, empoleira. Aí os caçadores abrem fogo, retirando-se rapidamente do lugar, pois a onça, embora gravemente ferida, salta sempre para onde nota a fumaça do tiro. Outros caçadores entram em ação com armas de fogo e, às vezes, com facões, liquidando a bicha.

"Os cães sobreviventes, mesmo feridos, resultam ótimos caçadores de tigre.

"A carne do jaguar não é má. Uns acham-na até saborosa. A pele vende-se por 40 a 80 mil-réis, isto é, de 50 a 100 liras, de acordo com o tamanho e beleza. Mas não é pela carne ou pele que os colonos lhe dão caça, e sim pelos prejuízos que ocasiona entre os animais domésticos.

"Abundam os tigres. Todas as noites depredam algum animal. No entanto, graças a Deus, até agora (1903), não há vítimas humanas a lamentar. Existe ainda outra espécie de onça preta, a jaguarané-pixuna. É mais feroz, porém rara".

Antônio Neurnberg, acima referido, foi destemido caçador de onça, um dos mais valentes de Veneza. Uma vez - assim me conta seu filho

Olivério - saímos em quinze pessoas e dois cachorros baios, à procura da pintada. Depois de longo farrancho, rompeu furioso o acôo dos cachorros que dispararam, fugindo. O feitiço voltara para o feiticeiro. Os perseguidores acabaram perseguidos.

A mata estralejava com ruído atroador à passagem dos bichos. Todos os caçadores treparam depressa em bacoparis e palmitos. Todos, minto, menos o Antônio. De arma em punho, esperara encostado a uma árvore, em posição de tiro.

O tropel avizinha-se. O coração do caçador bate em descompasso, ante uma das maiores sensações. Lá vem o cachorro em direção do seu dono. E atrás, o tigre.

Antônio aponta a velha espingarda, e, à queima-roupa, puxa o gatilho. Mas - oh! fatalidade! - a arma nega fogo...

Agora o que resta a fazer e enfiar o cano da espingarda pela goela da monstra. Pois não é que a dentuça afiada da demônia amassou aquele aço resistente! Sim senhor. E a bicha avançou para o caçador. Esfolou-lhe o peito, deixando as costelas a mostra. Neurnberg lá ficou estendido, escorrendo sangue, enquanto a fera prosseguiu no encaço do cachorro...

Mais tarde, Antônio armou arataca e capturou vivo o tigre fêmea. Ao aproximar-se do prisioneiro, salta de perto o macho e devora o cachorro. Dias após, este cai também na esporela, ficando do lado de fora dois filhotes que dispararam à vista do caçador.

José Canela, genro do sr. Olivério Neurnberg, de 88 anos, chegado da Itália a 18 de março de 1888, conta-me coisas fantásticas a respeito dos primeiros tempos na floresta catarinense. Seu parente, pelo lado materno, o velho Bascherotti, também foi abatido pelos bugres que, depois de morto, ainda o despiram completamente a fim de levar-lhe a roupa.

A família de Filipe Moro conta como se deu o assalto dos índios à sua casa. A família Remor... Afinal, quase todos possuem rosários de casos de entreter a gente pela noite a dentro.

Hoje, nos lares da região colonizada pelo imigrante italiano, guarda-se ciosamente, como relíquia sagrada, e conta-se com orgulho esse poema de heroísmo e glória, escrito a sangue pelos intrépidos antepassados, na luta ingente contra o selvagem e a fera, conquistando palmo a palmo a terra que agora é sua, duplamente sua, e onde, na extensão da planície e na curva das colinas, a aquarela das messes murmura um hino de gratidão ao Senhor, e as cidades trepidantes, pletóricas de vida e de beleza, empunhando a Bandeira Nacional desfraldada no topo altaneiro das chaminés de suas fábricas, marcham cantando o progresso do Brasil.

6. UMA PARTIDA DE BOCHAS

A festança vinha sendo preparada com muita antecedência. A propaganda soara até nós municípios vizinhos. Nos mais afastados recantos do Rio das Antas, comentavam-se a passarinhada e o desafio de bochas em Vila Flores. Prometia a festa mais linda e concorrida do ano.

Os caçadores começaram a dar tiros dois dias antes. Nos matos, espoucava cerrado tiroteio. Mais de cinquenta espingardas e várias redes distendidas na beirada das lavouras.

Rendeu a maior caçada da vida. Dois mil tico-ticos. Mil sabiás, sem calar em outros passarinhos. Foi mister destacar cerca de cem mulheres a fim de preparar o grandioso festim. A polenta também deu o que fazer. Foram ocupadas nada menos de vinte caldeiras e panelas.

Inúmeros convidados chegaram já de véspera. Aproveitaram o jantar, juntamente com todos os membros da sociedade local. Naquela noite, consumiu-se um terço da passarinhada. Diversas polentas. Barris de vinho crioulo. Gostoso vinho da colônia. Depois cantaram até altas horas da madrugada. Canções italianas e algumas brasileiras como o "Boi Barroso".

No decorrer da noite houve muitas apostas sobre o resultado da partida de bochas do dia seguinte - o acontecimento mais importante daquela solenidade. Era assunto obrigatório. Ia-se ferir renhida disputa, entre Vila Flores e a vizinha cidade de Alfredo Chaves.

O jogo de bochas, naquele tempo em que ainda não se jogava com os pés, constituía a maior atração, o melhor divertimento, em dia de domingo.

Os imigrantes trouxeram-no da Itália. Cultivaram-no desde os primeiros anos, em toda a zona colonial. Foi-se difundindo pelos quatro cantos do Estado. Hoje, não existe lugarejo nem bodega, perdida no último

rincão da campanha gaúcha, sem cancha de bochas. O jogo é tradição, como o chimarrão e o churrasco, e faz parte do vasto patrimônio folclórico do povo rio-grandense.

Vila Flores possuía fama em questão de bochas. Seus jogadores, e notadamente os bochadores, podiam competir com os melhores do Estado.

Aos domingos, as duas equipes convidavam todas as crianças e moços para torcer durante a partida. Os vencedores, jogadores e torcedores, depois comiam a macarronada que os derrotados pagavam.

Naquele dia, após a procissão de Santo Antônio, comeram a segunda passarinhada, com várias centenas de participantes.

Às duas horas, a cancha de bocha já se encontrava cercada de espectadores. No barranco, nos cinamomos, nas janelas das casas, em toda a parte, o povo se comprimia aguardando ansioso o início da peleja.

Às três horas da tarde, Beppi trouxe a caixa com as bochas. Ia ser estreado um jogo de bochas de ipê-preto. Novinhas, bonitas, davam água na boca e cócegas nas mãos.

Pouco depois, entravam em cancha os quatro atletas. Antônio e Atilio, representando Alfredo Chaves; e Fernando e Joaquim, Vila Flores. Foram recebidos com estrepitosos aplausos. Foguetes e morteiros deram o sinal do início da disputa.

Antônio e Joaquim sortearam o direito da saída, jogando uma bocha cada um. O primeiro praticou ótima jogada, colocando a bocha pertinho do bochinho. Joaquim, tido por todos como o maior bochador da zona, começou provando espetacularmente a sua tarimba, com uma extraordinária "seca". A bocha estourou violentamente na do Antônio que espirrou, ficando a de Joaquim firme no seu lugar. A assistência delirou com a primeira exibição tão brilhante.

Fernando pegou do bochinho. Na mão, bateu-o de encontro com a bocha. Fê-lo deslizar pelo chão. Este parou a dois metros do final da

cancha. Jogou a primeira bocha.

- Boa, Fernando, gritaram os assistentes.

Estava a dois palmos do bochinho. Atílio largou o esférico de madeira que parecia bater no do adversário. O jogador acompanhava com movimentos do corpo as evoluções da bola, como para ajudá-la, enquanto torcedores com palavras e gestos instigavam como se faz para os animais. Tocou mal e mal, de raspão, a bocha do competidor e se agachou bem rente ao bochinho.

- Muito bem, Atílio.

- Ai, Joaquim. Uma "seca", Joaquim. Joaquim! Joaquim! - gritava a torcida.

O detentor da arte de bochar caminhou três passos e desferiu certa bochada. Uma "seca" valente que foi longamente aplaudida.

Antônio tentou vingança. Mas a bochada saiu meio mole. Jogou a outra bola que parou a um palmo do bochinho, levando a melhor sobre o seu contrário.

Segunda bochada de Joaquim. Outra "seca".

- Já ganhou! Já ganhou! Joaquim! Joaquim! - era o que se ouvia, entre os espectadores.

Atílio apertou o cerco, porque tentar bochada seria temeridade. Era arriscar-se a perder seis pontos. Fez rolar a bocha até pertinho sem contudo marcar ponto, o que impediu que Fernando aumentasse o marcador.

Um a zero para Vila Flores. Na segunda jogada, Alfredo Chaves empatou. E assim decorria encarniçada a luta. A assistência não encontrava oportunidade de dizer "seca", seis.

Em dado momento, o cachorrinho de Caetano Gam, vendo-se apertado no meio daquele mundo de gente, aliviou para dentro da cancha. O miserável do bichinho levou chute de tudo quanto era pé. Cinco minutos

mais tarde, o guaipeca de Isidoro Zanola repetiu a invasão da cancha. Foi logo corrido como cusco em cancha de bocha.

Verificou-se outro incidente. Joaquim, numa bochada tremenda, arremessou o bochinho para fora da cancha. A assistência instintivamente se agachou. Como um bólido, fuzilou zunindo, indo dar em cheio na cabeça do rapazinho Raimundo Simonetto. O gringuinho já lhe lascou uma "bestemeta". Também, não era para menos. Levantou um galo do tamanho duma bocha. *La fusca!* Quase me derrubam o pia.

A equipe de Vila Flores já conquistara 21 pontos contra 16. Foi quando Alfredo Chaves, numa jogada muito feliz, colheu meia dúzia de tentos. Foi um bom susto para os locais.

É escusado dizer que, nesta ocasião, se fizeram ouvir as costumeiras "bestêmias". *Porca miséria. Porco Giuda.* E também alguns "óstia" e "sacramento". Às vezes algum desbocado largava blasfêmia bem maior.

A partida terminou com a vitória de Vila Flores. 24 contra 23 Houve dez minutos de intervalo. Os jogadores refrescaram a garganta com um trago da "branca". E o jogo recomeçou. Decorreu sempre renhido. Mas surgiu a vitória dos visitantes. O empate permitiu a disputa da negra.

Os ânimos vibraram delirantes. A expectativa sempre mais intensa. Os aplausos da torcida reboavam fragorosamente.

Os tentos vinham puxados à força um a um, vagarosamente, impressionantemente. Um para Vila Flores, outro para Alfredo Chaves. Um para Alfredo Chaves, outro para Vila Flores.

E nesta angustiosa ansiedade, jogadores e assistentes chegaram ao último lance. 23 a 23.

Atilio mandou a primeira bocha para perto do bochinho. Fernando pespegou-lhe bonita "seca". A torcida gritava que ensurdecia. Antônio, sem perder tempo, repetiu a façanha. Formidável! Os locais já prelibavam a vitória. Os alfredo-chavenses confiavam na valentia dos seus

bochadores. Agora parecia que ninguém mais queria jogar. Todos queriam bochar para fazer bonito.

Fernando, receoso de errar o tiro, cedeu a bocha para Joaquim. Este estourou a primeira "seca". Atílio não se intimidou. Meteu outra belíssima "seca". Joaquim largou a segunda bochada numa "seca" admirável, no que o imitou Antônio.

Neste ponto, as aclamações dos torcedores reboavam como estrondo das ondas encapeladas. Já espoucavam foguetes, morteiros. O sacristão, com licença do vigário, já estava no campanário para fazer repicar os sinos festejando a vitória.

Houve uma pausa. Pausa impressionante.

- Joaquim! Joaquim!

Este, o coração aos pinotes, calmamente, despejou o último tiro numa jogada sensacional.

Da assistência reboou vibrante grito uníssono, semelhante a explosão de gigantesca bomba.

Mas a explosão foi instantânea, seguindo-se profundo silêncio. Silêncio acabrunhador.

O que aconteceu? Joaquim acabava de tombar fulminado pelo raio de uma síncope cardíaca. Sim, lá estava ele nos braços dos companheiros que iam felicitá-lo.

A vitória estava ganha, mas o vencedor jazia morto, no campo de luta. Caíra gloriosamente, coberto de honras imortais.

Os sinos, que bimbalhavam festivamente, silenciaram por um momento. Depois dobraram o finado. Cessou o tiroteio dos foguetes e dos morteiros.

Profundo pesar envolveu a grande assistência e, de modo especial, a população de Vila Flores. Mas, na hora triste do funeral, os conterrâneos, em meio da consternação, experimentavam um misto de

orgulho e alegria. Aquele cortejo fúnebre tinha ecos de marcha triunfal, levando para a imortalidade um autêntico herói que dera a vida conquistando um galardão para a sua terra.

* * *

Foi assim que no dia 2 de maio de 1926 faleceu em Vila Flores o imigrante italiano Joaquim Fiori, fundador e agora patrono do novo município gaúcho de Vila Flores. Contava com 68 anos de idade. Foi o primeiro comerciante da Vila. Natural de Monte Retondo, Lucca, Itália, emigrou pequeno, fixando-se na antiga Colônia D. Isabel, hoje Bento Gonçalves. Transferiu-se, depois, para o vizinho município de Alfredo Chaves, atualmente Veranópolis, onde lançou os alicerces do futuro município de Vila Flores, que, em sua honra, recebeu o nome de Vila Flores, tradução do nome italiano de Fiori.

Casado com Antônia Zilio, teve 12 filhos, a saber: Maria, João Gabriel, Ângela Júlia, Francisca, Júlio, Ferdinando Ângelo, Drusiana Susana, Adolfo, Antônio, Fiorelo Décimo, Anita e Maura.

Entre seus numerosos descendentes, figuram médicos, advogados, professores, incluindo-se Zélia Fiori, Primeira Prefeita Municipal de Vila Flores e que, por estranha coincidência, foi batizada pelo autor deste livro.

7. A EPOPEIA DO IMIGRANTE

Na velha e pacata aldeia de Miane, naquele ano de 1879, todos falavam na América. O Novo Mundo, diziam, é um céu aberto. *La Cucagna*. Solo abençoado de maravilhosa fartura. Verdadeira terra da promessa. O Eldorado das lendas, onde repousam fabulosas riquezas.

Em casa, nós cafés, nos agrupamentos no largo da igreja matriz, antes e depois da missa dominical, nas fábricas, em toda a parte, a América era o assunto obrigatório da conversa. As próprias canções e modinhas populares exaltavam o longínquo país encantado, o cobiçado Xangri-lá do mundo da fantasia.

E no cérebro da ardorosa mocidade, dos vigorosos pais-de-família, sonhos doiravam castelos de fadas.

Ninguém resistia a fascinante atração da América. Todos ambicionavam emigrar. As primeiras famílias partiram havia poucos anos. Notícias chegavam animadoras, falando da espantosa fertilidade da terra. Lá um lavrador enriquece em poucos anos.

Valentim Merlo não era mesmo pobre. Vivia bem, desfrutando o rendimento do aluguel de suas propriedades. Arcângela, uma jovem e linda esposa, trabalhava em fábrica de tecidos, enquanto a empregada Marieta cuidava dos três filhinhos e dos afazeres domésticos.

Um irmão, ex-seminarista e agora professor, emigrara para a África. Outro irmão, Marcos, encontrava-se no Brasil, fazia um ano. Foram ambos em busca de aventuras.

O exemplo dos manos, a sedução do decantado continente, a ambição de maiores riquezas, decidiram definitivamente a partida da pequena família. Os velhos pais lamentaram com lágrimas aquela resolução.

A pedido do pároco, o Bispo de Treviso compareceu a missa de

despedida e administrou o sacramento da Crisma aos três filhinhos: Fiorinda, a mais velha, de 4 anos, Antônio e Maria.

- Devemos crismá-los, sim, dizia o venerando antístite, porque ninguém sabe aonde irão parar estes anjinhos, coitados!

O velho sacerdote juntou a bênção do prelado a sua grande bênção à família, ditando salutareos conselhos.

Em linda manhã de verão, o trenzinho partiu. E, adeus, querido torrão natal. Adeus, castelo dei Brandolin. Adeus, vinhedos e milharais. Adeus, Treviso. Adeus, Itália.

Porto de Gênova. Centenas de famílias, provenientes das mais diversas províncias. Quantos napolitanos! Que fala difícil a deles!

Lotado de emigrantes, o navio singrava as águas do Mediterrâneo, rumo do Brasil e da Argentina.

Arcângela, de constituição franzina e delicada saúde, não resistiu aos nefastos efeitos do enjoo marítimo. Caiu doente e no segundo dia de viagem baixou à enfermaria. Marieta, recém-casada com Paulo, foi um anjo salvador à cabeceira da enferma e ao lado das três criancinhas. Doença pertinaz, não largou a pobre senhora durante a longa travessia.

Outra família de imigrantes foi ainda mais infeliz, porque lhe morreu o único filhinho de sete meses. Colocado num saco, o pequeno cadáver desceu, preso por uma corda, a flor da água onde um peixe o abocanhou.

Dias intermináveis entre o céu e o mar. De quando em quando a silhueta de um navio errante se recortava na curva longínqua do Atlântico e quebrava a azul-marinha monotonia das mansas águas. Dois golfinhos, emergindo aos saltos, brincavam de jogar carreira com a embarcação. Uma baleia, aparecendo à tona, espirrou dois jorros de líquido, causando forte sensação aos passageiros. No convés e na saleta de recreio, grupinhos de pessoas comentavam futuros sonhos mirabolantes acerca da desconhecida terra de seu destino. Em todos já doía a saudade da Pátria

sempre mais distante. Mas a esperança de rever a querida Itália suavizava o sofrimento do caminho do exílio. Voltar à Itália com a bolsa recheada de dinheiro. Que figurão, Seu!

Finalmente, após dois meses de balanço sobre as ondas, uma como nuvem começou a sombrear o horizonte distante. Eram os primeiros sinais de terra, da terra brasileira. Mais algumas horas, e o Cabo Frio se delineava nitidamente.

Na alma de todos, perpassou um frêmito de alegria, quando o barco dobrou à direita, em direção dos altos picos do Corcovado e da Gávea. Ao pé daqueles negros morros alcantilados, por detrás do rochedo do Pão de Açúcar, branquejava São Sebastião do Rio de Janeiro, cidade de feição europeia, de estilo português. O Morro do Castelo ostentava a igreja do padroeiro da metrópole do Império.

O navio ancorou na baía da Guanabara. Desembarcaram os imigrantes com destino ao Brasil. Os demais seguiram para a Argentina.

No dia seguinte, a viagem prosseguiu em navio brasileiro, para Santos e Porto Alegre. No porto paulista desceram muitas famílias. Quase todas.

Antônio Merlo devia aguentar o enjoo marítimo por mais de trinta dias ainda, navegando pelas costas do Brasil, rumo Sul. A nova terra desfilava ao lado, vestida de mataria que, em todo o percurso trepava a Serra do Mar. De longe em longe, branco ninho de casas denunciava uma cidade, uma vila, um povoado.

Arcângela, que na Capital do Império fora transportada para a enfermaria do barco brasileiro, levantou da cama no momento em que o navio encalhou junto da cidade de Rio Grande. Dois dias durou o trabalho de desentalhe.

A Lagoa dos Patos, que o barco ora singrava, era a entrada para a terra onde dormia, no verde leito da floresta virgem, na região do Planalto, a colônia que D. Pedro II, em colaboração com o governo provincial, oferecia à família Merlo.

Até aqui as despesas correram por conta de Valentim. A doença da esposa esgotara as últimas reservas. Com as mãos abanando, sem vintém no bolso, confiavam na Providência Divina.

Em Porto Alegre desembarcaram. Receberam o título de propriedade de um lote de terra, na linha nº 22, na colônia D. Isabel. Suplicaram-lhes dessem um lote na colônia Conde d'Eu, onde morava o irmão Marcos. Mas não era possível. Os lotes estavam todos distribuídos.

A bordo de um vaporzinho de uma companhia explorada por colonos alemães, seguiram viagem pelos Rios Jacuí e Caí até São João de Montenegro.

Finalmente chegaram. Puxa! Quanto tempo! Três meses.

São João de Montenegro, um povoado de imigrantes alemães, centro de irradiação para a incipiente colônia italiana. Aqui e em São Sebastião do Caí, desembarcavam os imigrantes. Aqui se abasteciam os pequenos comerciantes da colônia. Aqui vendiam os seus primeiros produtos.

Daqui por diante, o único meio de condução era o cavalo, o cargueiro, a tropa. A família Merlo encontrou cinco mulas a disposição e um vaqueano que os acompanharia ao local do destino.

A farta bagagem foi colocada dentro de sacos e jacás. Roupa de vestir, roupa de cama, tachos de cobre, panelas, pratos, instrumentos, uma espingarda desmontada...

As mulas vergavam sob o peso. As crianças dentro dos cestões, dependurados na cangalha. Arcângela cavalgava uma mula e Marieta outra. Paulo e Valentim e o vaqueano seguiam a pé cabresteando os animais.

A tropa atravessou o povoado. Meteu-se pela estrada ao longo da qual aparecia uma que outra moradia de colonos alemães que se dedicavam ao cultivo da terra na ubertosa planície do vale do Caí. Laranjeiras, bergamoteiras, limeiras, bananeiras, ofereciam abundantes

frutas.

Os alemães, que já haviam superado as primeiras dificuldades e começavam a produzir, costumavam auxiliar o imigrante italiano. Assim, ao anoitecer daquele dia, o acampamento foi feito junto a casa duma família de agricultores. No outro dia, a marcha continuou pela picada, através da floresta. As mulas atolavam até o ventre no grande lodaçal. Sempre a passo lento. Em fila indiana. Valentim, já cansado de caminhar, enlameado, montou a cavalo. O guia ralhou, enérgico:

- Onde é que se viu? Assim a mula morre no caminho. Vamos a pé.

Quando o sol afundava por detrás da mata, paravam junto de um arroio para comer algum bocado. Ao entardecer, armava-se uma barraca de lona. Acendia-se uma fogueira que ardia a noite toda para impedir a aproximação do tigre. Acampavam. Estendiam as roupas de cama sobre folhas. Deitavam e adormeciam com a sinfonia selvagem do miar dos bichos e o chiar dos insetos.

E começou a escalada da serra, passando pela colônia Marata. A picada subia serpenteando, por entre fragas, beirando precipícios, varando arroios. As mulas, às vezes, caíam nós atoladores. O pique, fechado pelas altas árvores, não gozava o calor secante dos raios do sol nem o sopro do vento. E a estradinha permanecia eternamente coberta de lama.

Valentim observava as árvores. Não havia uma sequer conhecida sua. Não lhes sabia o nome. O mato fechado, emaranhado de cipós, trançado de espinheiros, e, em alguns lugares, obstruído de bambus, taquaras e taquaraçus. Aves enchiam a solidão com a suavidade do seu canto. Chamou-lhe de modo particular a atenção o apito cromático do inambu, que volta e meia cruzava a picada, correndo pelo chão. Um bando de enormes pássaros pretos, de cauda comprida, levantou da estrada dando gargalhadas. O vaqueano explicou: São jacus. Vejam aquele outro ali, com enorme bico e peito amarelo: é um tucano. Ao cair da tarde, perto do acampamento, bandos de urus cantavam em coro. Outro bando respondia além. Mais outro.

Valentim estava radiante com tanta caça. Trazia uma boa espingarda. Haveria de abater muito bicho e muita ave. O pensamento da caça o animava a suportar o peso da viagem, a saudade da pátria, a nostalgia do exílio.

Finalmente atingiram a cordilheira da serra. A picada corria agora mais suave, sem grandes subidas e sem o perigo dos precipícios. Altos pinheiros pareciam gigantescos guarda-chuvas abertos. O tronco liso, ereto. Árvore maravilhosa que encantava o imigrante. Outras ostentavam ramalhetes de flores amarelas. Perfumes inebriantes embalsamavam o ambiente.

- Não há animais ferozes? Perguntou Valentim ao vaqueano.

- Há alguns, como a onça, o leão baio, a jaguatirica. Mas em geral não atacam a gente. O pior são as cobras. Dessas há muitas venenosas. Nos dias quentes do verão, saem das tocas e andam pelo chão, trepam nas árvores. É um perigo.

- E bugres?

- Bugres havia muitos, especialmente lá pelas bandas do Campo dos Bugres. Mas o conde Feijó os expulsou a bala. Foram para o norte da Província.

- Quem é o conde Feijó?

- É um dos encarregados pelo governo de cuidar dos imigrantes. Possui muitas terras. Homem trabalhador e bom.

O tapejara fora um dos primeiros imigrantes. Como outros, foi escolhido para conduzir os colonizadores ao seu destino. Dava a Valentim e a Paulo importantes esclarecimentos sobre a terra que seria a nova pátria de tantos europeus.

Decorrida uma semana, a tropa alcançava a zona da colonização italiana. Havia alguns anos aportavam aqui os primeiros imigrantes. Já colheram o milho. Construíam casas.

Nas proximidades da colônia de Conde d'Eu, o pique desembocava numa estrada em construção. Italianos trabalhavam de picareta e pá. Valentim conversou com alguns. Indagou acerca do irmão Marcos. E qual não foi o seu contentamento quando lhe disseram que estava lá adiante abrindo estrada.

Aquele encontro foi a maior sensação desde a partida da Itália. Uma hora de palestra sobre a viagem, os pais, a velha e nova pátria.

- Que tal isto aqui, Marcos? Não é uma decepção?

- Sabes, Valentim. O sacrifício é muito grande, quase sobre-humano. Mas eu tenho por mim que dentro de algum tempo havemos de formar aqui uma grande pátria. A terra é fertilíssima. Coisa espantosa, nunca vista. Os imigrantes somos numerosos. Todos cheios de boa vontade, vigorosos, com ambição louca de enriquecer rapidamente. Nossos filhos se multiplicarão como as folhas destas árvores. Constituiremos um novo mundo para orgulho da Itália e de Vittorio Emmanuele. Não tenhas dúvida, Valentim.

A pequena caravana desejava parar em Conde d'Eu e ficar residindo perto de Marcos.

- Não pode ser, protestou o vaqueano. Eu tenho obrigação de conduzi-los à colônia D. Isabel. Quanto antes. Não há mais tempo a perder. Vamos embora.

E mergulharam outra vez no labirinto selvagem. Melhorou a estrada. Os espinheiros já não rasgavam o rosto e as roupas. Ranchos. Rocinhas.

Braços fortes cortando árvores, abrindo clareiras. O sol batia na picada o lamaçal diminuía.

Quinze noites dormidas no sertão, tendo por cama o duro chão e por telheiro a lona da barraca. Felizmente, o tempo bom acompanhou os passos dos caminhantes. Quase não choveu.

E assim, descendo e subindo morro, chegaram ao Barracão da

Cruzinha, centro da nova colônia D. Isabel. Mediante a apresentação do título de propriedade do lote, receberam um machado, um facão, uma foice, uma enxada. Comida para uma semana. Visitaram o capelão da colônia, o Pe. João Menegotto, que os confortou e lhes deu uma grande bênção.

Mais um dia de viagem. Escurecia quando a tropa chegou ao lote da linha nº 22. Estavam, enfim, em sua propriedade, presente do governo imperial. O lote era menor que o de Marcos o qual media 270 metros por 1.100. Um rancho novo, de tábuas falquejadas, sem soalho, com cinco metros por seis. Casinha abençoada, aquele rancho.

O tapejara seguiu viagem com Marieta, na noite de luar. O lote deles ficava mais adiante.

Valentim depositou a bagagem nos cantos da casinha. Cortou galhos e com eles fez uma cama. Estendeu lençóis e cobertores. Juntou lenha e acendeu o fogo. Comeram. Deitaram e caíram forte no sono. Noite de alívio, após uma odisseia de sofrimentos e ansiedades.

A claridade penetrou pelas frestas do casebre. Valentim acordou. Milhares de pássaros cantavam. Chamou a esposa e a Fiorinda. Antônio e Maria continuavam dormindo como anjos.

Valentim pegou do balde e foi ao rancho do vizinho. O sr. Ranzotto chegara havia pouco da Itália. Ficaram bons amigos.

Arcângela sentiu ânsia de chorar. Acendeu o fogo no chão da casinha. Valentim ao voltar com o balde de água, encontrou-a sentada sobre as roupas de cama, a chorar.

- Que é isto, mulher?

- Aonde é que viemos parar, meu Deus? Isto aqui é o fim do mundo. Morreremos de miséria e de fome.

- Não fale assim, Arcângela. Não seja boba. Lembre-se do que disse o Marcos.

- Foi uma loucura sair da Itália para vir morar neste sertão.

- Mas nós voltaremos um dia, se Deus quiser. Voltaremos ricos, Arcângela.

- Não, eu não quero mais voltar. Tenho medo do mar. Ai! Eu não quero nem pensar no mar. Não morri porque Deus não quis.

- Basta, mulher, eu lhe peço por favor. Chega de lágrimas, *porca miséria!* Precisamos criar coragem. Dentro de alguns anos estaremos vivendo com fartura. Deus nos há de proteger.

Com a discussão Antônio acordou. A mãe tomou-o no colo. Deu-lhe um beijo:

- *Bambino mio, poveretto!... Dove ti hanno portato...*

Sorriu para ele. Deu-lhe outro beijo. Deitou-o sobre as cobertas. Cobrou ânimo. Atiçou o fogo. Preparou o café. Comeram um pedaço de polenta fria que o vizinho lhes cedera. Sorveram dois goles de café preto.

A mulher retirou da bagagem o crucifixo. Dependurou-o na parede com um graveto enfiado na fresta das tábuas. Diante daquela imagem bendita, que simbolizava o sofrimento, a resignação e a esperança, orava todos os dias com confiança ilimitada. Fiorinda e o marido acompanhavam a recitação do terço, todas as noites.

A picada passava perto do rancho, construído na clareira de árvores recém-derrubadas. Valentim olhava a floresta virgem. Ouvia as pancadas do machado vibrado pelos moradores. O tombo dos angicos, das sapopemas, dos cedros, das capororocas...

Aquela vibração transfundiu-se na alma de Valentim. Saiu, a foice na mão. Começou a cortar taquaras, espinheiros, arbustos, entre os grossos troncos. Inambus assobiavam. Um levantou voo a poucos metros de seus pés. Foi buscar a espingarda. Meia hora depois reboava o primeiro tiro. Voltou com a ave, que entregou a esposa, dizendo:

- Veja como Deus nós manda o seu alimento.

Arcângela, sorrindo, tomou em suas mãos a gorda galinhola, beijou-a e erguendo-a para o crucifixo exclamou:

- Grazie, Signore. Come sei buono!

Duas lágrimas lhe rolaram pela face. Eram lágrimas de alegria e de arrependimento pela falta de confiança que tivera de manhã.

Naquele dia, Valentim caçou outro inambu e um macuco. E assim, todas as vezes que voltava do trabalho trazia várias aves.

A floresta era um viveiro de pássaros para encanto e sustento do imigrante. Bandos de negros jacus e araquãs de comprida cauda davam gostosas gargalhadas. Brancas arapongas malhavam na bigorna, transformando a mata em imensa oficina de ferreiro. Inambus, com apito de guarda de trânsito, passavam o dia inteiro dando ordens, azucrinando os ouvidos. Ao cair do sol, bandos de urus, como frades em coro, salmodiavam hinos ao Criador. Bicudos tucanos, comendo sementes de cedro, colocavam punhados de cores na verdura da selva. O arrulho das pombas, o pio dos macucos, o grasnar das gralhas e papagaios, o cacarejar da saracura anunciando chuva, a maviosidade sem par do canto do sabiá, o regougar dos macacos e a voz de milhares de outros bichos, aves e insetos, enlevava a alma de Valentim. Dizia com seus botões que valia a pena vir do fim do mundo, sofrer as peripécias que ele sofreu, só para contemplar aquele inigualável espetáculo da natureza. Bobos os italianos que não imigraram!

Para preparar as caças, é verdade, não havia banha, azeite ou toicinho. Mas cozidas na água davam um caldo gostoso e ótima sopa com arroz.

Às vezes, eram sapecadas no espeto, ao calor das brasas, e comidas com polenta.

Durante anos, ninguém viu pão nem leite. Mas a Providência, que alimenta as aves do céu, não permitiu que um só imigrante, uma só criança percesse de fome.

Com muito cuidado, Valentim derrubou as árvores perto da casa, puxando-as com cordas para não caírem sobre a habitação. E o matarêu tombava aos golpes do machado. Dilatava-se a clareira. E o sol quente da primavera compunha um poema de calor e alegria na porta da humilde choça.

Os moradores da linha 22, embora alguns não falassem o mesmo dialeto, gostavam da jovem família veneta. Arcângela ia à casa das vizinhas para lavar roupa, buscar água. Batia um papo. Fazia longos comentários. Ali, longe do marido, lamentava com lágrimas a ausência da pátria querida, o conforto do antigo lar. Dizia que haviam saído do paraíso para cair no inferno descrito por Dante. E declamava os versos da Divina Comédia que aprendera na escola:

Nel mezzo del cammin di nostra vita

Mi ritrovai per una selva oscura,

Chè la diritta via era smarrita.

Ahi! quanto a dir qual era è cosa dura

Questa selva selvaggia ed aspra e forte,

Che nel pensier rinnova la paura!

E a Amábile confirmava:

- *E próprio vero, comare. Questa è lá vera selva selvaggia.* E daqui, deste inferno, não sairemos, Arcângela.

- *E come dice Dante:*

Lasciate ogni speranza voi che entrate.

As duas faladoras mulheres achavam até graça na perfeita aplicação daqueles versos e acabavam esquecendo a tristeza, dando boas risadas.

O Beppi, filho de Tita, a troco de serviço, auxiliava o amigo Valentim na derrubada da mata. Serravam os ingentes troncos de

sapopema, dos cedros, das canjeranas...

No terceiro dia, Valentim com quatro forquilhas de cerejeira, varas e cipós, armou um jirau para cama de casal e um menor para as crianças. Rachou uma tora de cedro, falquejou uma mesa e colocou sobre cavaletes fincados no chão e amarrados com cipós. No centro do rancho, com quatro paus e várias tábuas ajeitou uma espécie de caixote que encheu de terra. Era o fogão. No linhote da cumieira da casa dependurou a grossa corrente que trouxera da Itália. A ela prendia-se a caldeira para fazer a polenta.

No primeiro domingo, de tarde, Valentim pegou da espingarda e embrenhou-se na espessura da mata. Abrindo picada a facão, pensava nos parentes e amigos da Itália. Se eles pudessem imaginar o que seja a floresta virgem da América! Todo este espetáculo ao mesmo tempo grandioso e severo. Esta vegetação luxuriante. Milhares de cipós entrelaçando gigantescas árvores, de troncos cobertos de musgo. Nos galhos, tufos de lindíssimas orquídeas. Perfumes inebriantes. Parasitas aumentando o negror da folhagem. Taquaras, ocas umas, maciças outras; estas lisas, aquelas espinhentas. Arroios de cristalina água cascateando nas pedras, atapetadas de musgo. Arbustos de imensas folhas abrindo guarda-chuvas pelas margens. Borboletas multicores acariciando o semblante da gente. Miríades de passarinhos cantando. O ruflar do minúsculo beija-flor, rente ao ouvido parece rugido de fera...

Valentim andou, agora na selva menos emaranhada, embevecido pelo canto da natureza bárbara. Matou macucos, inambus, urus. De repente, leva um susto. Um ruído como de vento impetuoso ou de árvore caindo na mata. Olhou. Era uma capela de macacos pulando de galho em galho, lá no alto, fugindo. Por mera curiosidade, disparou a arma. Caiu um macaquinho, chumbeado. Valentim aproximou-se do bichinho. Com uma mãozinha, o coitadinho cobria a ferida, e com a outra sustentava a cabeça, gemendo, morrendo. O caçador sentiu tamanha pena que prometeu nunca mais atirar para esses inofensivos quadrúmanos.

Volvidas algumas horas, pensou em regressar a casa. Pôs-se a caminho. Andou, andou à-toa, procurando o rumo. E agora? Escurecia e

ele, perdido naquele lúgubre labirinto. Mas não desanimou. Preocupava-o apenas o pensamento da família. A apreensão da esposa. Vai julgar que o tigre me devorou, pela certa. E passar a noite aqui a mercê das feras... Acendeu uma fogueira. Juntou bastante lenha. Depenou um inambu. Lavou no arroio que escorria perto. Assou no espeto. Comeu. A fome foi o melhor dos temperos. A labareda lambia a treva, clareando e aquecendo. Valentim, sentado, rezou o terço. E ficou-se pensativo. Miados e pios, de quando em quando, rompiam o escuro silêncio. À distância, decerto em pequeno pantanal, vibrava estranha música. Eram sapos eras em monótona serenata. Às vezes, parecia ouvir gemido longínquo, longínquo, como de um moribundo. Uma cantilena cadenciada cantava *café, café, café*. Pancadas em misteriosa bigorna respondiam *tim, tim, tim*, acompanhadas de oitava ainda mais baixa *tom, tom, tom*.

Valentim lançou à fogueira grossos troncos e galhos. Ajeitou uma cama de folhas secas. E, certo de que os animais não se aproximam do lume, deitou e adormeceu. Acordou várias vezes. Atiçou o fogo. De manhã, em meio da orquestra da passarada, orientado pelo sol e depois pelo canto dos galos, regressou a casa, terminando assim para Arcângela mais um capítulo angustioso da atribulada existência.

Passados dez dias, Valentim partiu a pé rumo de D. Isabel. Foi buscar ração para mais umas refeições: farinha de milho, café, sal, arroz, açúcar, uma quarta de milho e sementes de abóboras. Voltou ao entardecer do dia.

Em pouco tempo o roçado secou. Estralejou a queimada. A fogueira levantava espessos rolos de branca fumaça formando nuvens que se diluíam no céu, longe.

Depois da chuva, com a enxada plantou na coivara as primeiras sementes de milho e abóbora.

Em casa não havia real. Tornava-se necessário providenciar, porque após a colheita, o governo não daria mais alimentos. Enquanto o milho crescia, Valentim trabalhava de peão de algum vizinho. Sempre recebia uns níqueis.

A roça vicejava linda, linda. O milhara luxurioso que dava gosto ver. As aboboreiras cobriam o chão, trepavam nos troncos queimados, atingiam a cabana.

Um dia colheram as primeiras abóboras ainda ternas. Arcângela cozinhou na água. Comeram em nome de Nosso Senhor. Eram as primícias da nova terra. A jovem esposa não conteve as lágrimas ao saborear os primeiros frutos do suor do seu marido.

Pelos meados do verão, colhiam espigas de milho verde. Abóboras e milho verde era o alimento quotidiano. Arcângela e os filhinhos, que andavam magrinhos, os coitados, engordaram em poucos dias.

No mês seguinte, o milho estava seco. Valentim via-se louco para defender o cereal na roça contra as manadas de porcos-de-mato, de macacos, de coatis, bandos de papagaios... Debulhou meio saco. Estendeu ao sol. E no dia seguinte, levou-o as costas até D. Isabel. Descobriu um pequeno moinho. Voltou radiante com a farinha nova. A primeira farinha de milho colhido na sua terra. Ainda naquela noite, Arcângela preparou a polenta. Houve preces, cânticos e lágrimas.

Um suspiro de alívio sacudiu o peito forte do agricultor. Já não necessitava de esmolar a comida. Estava superada a primeira crise. A mulher, que de vez em quando, furtivamente, chorava, às escondidas do marido, passava agora os dias cantando, debulhando milho. Com uma peça de linho trazido da Itália, costurou um colchão que encheu de palha seca. Agora o sono decorria mais tranquilo do que sobre as duras varas do jirau.

A muito custo obteve das vizinhas uma dúzia de ovos e uma galinha choca. Valentim comprou um leitão, sempre a troco de serviço. Os bichinhos confortavam a família. Fiorinda, já com cinco anos, cuidava dos pintinhos. Volta e meia o gambá, o graxaim, o gato do mato, o carancho, davam uma batida no galinheiro.

O rancho transbordava de milho empilhado, morangos e abóboras.

De quinze em quinze dias, Valentim, meio saco de milho às costas, ia ao moinho. Regressava de noite. Não raras vezes chegava em casa sem farinha. O moinho não dava conta. Muitos fregueses.

A colheita foi ótima. O milho sobrava. Valentim vendia a oitocentos réis o saco Comprou sementes de batatas, de linho, pés de videira, fruteiras...

Aos domingos, junto com algum vizinho, Valentim mergulhava na espessura da floresta, a procura de caça. Além de grande quantidade dos mais variegados pássaros, abatiam, com indizível sensação, veados, pacas, cutias, tatus. Às vezes, com grossa carga apropriada, chegavam a matar antas, um que outro leão baio, jaguatiricas...

Jararcas e outras cobras venenosas, que em certos lugares faziam muitas vítimas, não havia na redondeza. Apenas uma enorme caninana, de vez em quando, pregava um pequeno susto.

Onças também não foram encontradas por aqui. Notícias de Campo dos Bugres falavam de que o tigre brasileiro assaltava casas, levando crianças enquanto os pais trabalhavam na roça.

* * *

Chegou o inverno. Dias frios, de geada. Outros chuvosos. Às vezes, fazia calor como no verão. Tão diferente da Itália. Valentim se admirava como a maior parte das árvores não perdia as folhas no inverno. Sapopemas, caneleiras, guabirobeiras, cerejeiras e centenas de outras cujo nome ele ainda não aprendera. Só despiam o verde trajo os cedros, as canjeranas, os açoita-cavalos, os araticuns, os ipês e mais umas poucas árvores. O ipê, na primavera, cobria-se de flores amarelas, sem uma folha. Era um encanto. Só depois de caídas as flores e que brotavam as folhas.

Nos domingos de tarde os moradores da linha 22, reuniam-se diante da capelinha tosca. Rezavam o rosário e cantavam as vésperas. O padre aparecia poucas vezes. Todos sentiam profundamente a ausência do sacerdote. Uma saudade infinita do velho pároco da sua aldeia italiana.

Passavam a tarde em alegre palestra. Cada um recordava a história da sua travessia. As peripécias da viagem através da mata, a pé, carregando às costas a bagagem e a prole. As recentes caçadas emocionantes. A uberdade da terra. O milho tão bonito. Aqueles pés gigantes com grossas espigas. Faziam planos. Resolveram abrir uma estrada, encurtando o caminho até a geral. Construir uma capela maior, um salão, uma cancha de bochas.

Todos cooperavam unidos. A estrada foi aberta. A capela construída, em honra de São Paulo. A linha começou a chamar-se de Paulina. Ao lado da igreja, João Simon, um santo homem, instalou uma pequena venda. Em 1884, veio o Pe. João Menegotto, paduano, o primeiro pároco de D. Isabel. Deu solene bênção à capela. Uma ou duas vezes por ano, visitava o lugar. Celebrava missa. Batizava. Confessava. Ditava bons conselhos... No salão jogava-se a mora. Cantavam-se as alegres canções italianas.

Ainda na primavera de 1880, Valentim plantara mudas de videira que conseguira na geral. Todos os imigrantes plantaram. Ao cabo de alguns anos, colhiam-se os primeiros cachos. Fabricava-se o primeiro vinho. O vinho, que tanta falta fizera ao intrépido desbravador, transformou a fisionomia do colono, criando um ambiente de esfuziante alegria, suavizando as agruras do exílio, matando as saudades da pátria distante. Iniciava-se assim uma das maiores indústrias do Rio Grande do Sul e do Brasil. Indústria que teve por berço o mais rude sacrifício.

A família Merlo, abençoada com o nascimento de mais um filho, no segundo verão colhia batatas, feijão, verduras. As figueiras e laranjeiras estavam crescidas, lindas. As mãos de Arcângela fizeram surgir um jardinzinho ao pé da casa. Era um hino colorido e perfumado entoando louvores ao Senhor. As flores recebiam os ósculos do beija-flor, a encantadora e minúscula avezinha que extasiava a alma da jovem mulher.

Os anos foram passando. A família aumentando. Eram sete filhos, quando Valentim pode comprar a primeira vaca por vinte mil-réis. Comprou a fiado de um imigrante que planejava transferir-se para a Argentina. Este,

que recebera apenas cinco mil-réis de entrada, vinha todos os dias reclamar o resto do pagamento. Valentim foi obrigado a contrair empréstimo para se ver livre do importuno credor.

Umás três vezes por ano chegavam notícias da Itália. Os pais enviaram, por meio de novos imigrantes, instrumentos, roupa e algum dinheiro. Valentim comprou um cavalo por quinze mil-réis. Construiu uma casa maior, com tábuas e pranchões fincados no chão. Embora sem soalho, era bem mais cômoda do que a primitiva. Colheu trigo e comeram o primeiro pão. Naquele dia também correram lágrimas de reconhecimento e alegria.

Arcângela conhecia a arte de fiar. Era a sua profissão na Europa. Trouxera uns instrumentos. Valentim semeou linho. Cresceu bonito. A esposa colheu. Secou em pequenos feixes. Recolheu as sementes. Guardou-as. Com elas prepararia cataplasmas, quando necessitasse. Colocou as hastes na água, durante quinze dias para curtir e obter as fibras. Depois triturou batendo com maças e a espadela. Procedeu a cardação, desembaraçando o linho dos talos com pentes grossos. A filaça cardada passou pelos sedeiros. Colocou as estrigas na roca. Enrolou a maçaroca no fuso. Envolveu-a nas canelas e mandou fabricar o linho no tear de Tita.

E assim no meio do mato, onde não havia meio de comprar fazenda, Arcângela possuía o tecido de linho, com que fabricava lençóis, toalhas, camisas, vestidos, sacos. Valentim, com pedaços de canjerana verde, coloria de marrom as roupas de uso.

Fiorinda, com doze anos, era o braço direito da família. A cavalo, ia ao moinho. Fazia compras, vendia gêneros, ovos. Todos os domingos ia à missa em D. Isabel. Não lhe sobrou tempo de frequentar escola. Mas um professor italiano ministrou-lhe um dia duas lições e sozinha aprendeu a ler. Ambicionava aprender as letras só para ler orações no livro de missa.

Afluíam novas levas de imigrantes. Foram habitando as íngremes escarpas e o vale do Rio das Antas. Cruzavam o rio. Recebiam o lote destinado pelo governo. Famílias procedentes da Polônia andaram

derrubando a mata nas férteis encostas do caudaloso rio.

Um dia contaram que terrível doença começou a grassar entre os imigrantes, dizimando as famílias. Era a varíola preta. Surpreendeu o desbravador no mais completo abandono médico. Lares com três, quatro, cinco filhos menores, em poucos dias, tombavam no mais lastimável deserto, sem a flor de uma criança, alegria dos pais e esperança do futuro. O violento furacão sanguínário invadiu de modo especial as casotas dos poloneses e, com as garras cruéis da morte, varreu os lírios inocentes, numa total devastação, espalhando o luto, aumentando a miséria e o desespero.

E no chão virgem e agreste, pequeninas cruzeiros abriram os braços, inaugurando cemitérios, semeados com tenros despojos de anjinhos. Era o sacrifício da inocência, a impoluta oblação das primícias da nova terra, dádivas preciosas a implorar piedade e as divinas bênçãos para as almas intrépidas e heróicas que ousavam devassar o mistério do sertão impenetrável.

Quando o Pe. João Menegotto visitou a linha Paulina, em 1884, falou da fundação do Paese Novo, na Roça Reíúna, no outro lado do Rio das Antas. Aportavam novas levas de imigrantes. Os moradores da Paulina e de toda a colônia de D. Isabel deveriam hospedar as famílias recém-chegadas da Itália.

A casa de Valentim deu abrigo e alimento à esposa com duas crianças durante seis meses. O marido seguira a pé rumo da nova colônia. Lá tomou posse do lote, construiu um rancho de galhos e folhas. Desbastou a mata. Levantou uma casinha de madeira. Plantou o milho. E, as vésperas da colheita, voltou a Paulina para buscar a família.

O Paese Novo prosperou com extraordinária rapidez.

* * *

O transporte era feito a pé, a cavalo, a cargueiro. A tropa levava cerca de um mês para ir a São João de Montenegro, vender os produtos da colônia e voltar com artigos e mantimentos para as pequenas firmas

comerciais.

Fiorinda ia nos dezesseis anos, quando correu a notícia da passagem pela estrada geral da primeira carroça. Foi um acontecimento. Todos queriam ver o estranho veículo. Em poucos anos, alargaram-se as estradas e a carreta foi penetrando e substituindo a tropa e o cargueiro, com maior eficiência.

Durante meio século, a carreta puxada a mulas foi o principal e quase o único meio de transporte de toda a região colonial italiana. Os cargueiros e tropas foram desaparecendo aos poucos.

A vida de carreteiro foi outro poema de heroísmo do imigrante e de seus dignos descendentes. Viagens que duravam meses, sob as mais ásperas intempéries. Na estação invernososa, o carreteiro passava dias e semanas atolado no lamaçal, o gélido barro pela cintura, a chuva tombando, o minuano cortando o rosto e as orelhas.

Valentim adquiriu também uma carretinha, para o serviço da roça. Com ela levou uma vez a família a festa de São Luís no Paese Novo. Gostou da colônia. Pensou nos filhos. Em casando poderiam mudar-se para ali e ganhar a vida mais facilmente. Já possuía uma penca de nove e mais tarde aumentaria para treze.

Domingo à tarde, depois do rosário, as moças passeavam de braço dado, os longos vestidos roçando o capim da estrada. Cantavam as belas canções italianas. Maravilhosas vozes formando cora a ecoar pela encosta.

Todas as tardes, Fiorinda ao voltar da roça, com os irmãos e irmãs, vinham cantando maviosamente. Na colônia vizinha, outro grupo de jovens respondia entoando cânticos ainda mais lindos. Do lado de lá da estrada, enchiam os ares de harmonias as vozes argentinas de terceiro grupo. Além os filhos de Queco encordoavam a cantoria com a da família lindeira. Quem percorresse a colônia na hora nostálgica do entardecer escutaria sempre, embevecido, a enternecedora serenata das alegres coloninhas regressando a casa de enxada ao ombro. Era assim em toda a

extensão do Planalto.

Fiorinda era um encanto de moça. Trabalhadeira. Comportadíssima. Religiosa, não perdia a missa dominical na igreja matriz de D. Isabel. De tarde, constituía o seu maior prazer ir ao terço e ouvir o canto das Vésperas. Cuidava com extremos de amor dos irmãos menores.

Morena, de olhos negros e brilhantes. Rosto encantador com uma covinha no queixo. Era a jovem mais linda e mais estimada da linha 22.

Caetano Dolzan, natural de Vicença, chegara da Itália com 17 anos. Veio sozinho. Mais tarde imigraram seus pais e irmãos. Um deles seguiu para a Argentina, fixando residência na província de Buenos Aires.

Sapateiro de profissão, alugou uma pecinha na casa comercial de João Simon, e trabalhava sem parar no seu humilde ofício.

Moreno, olhos negros, estatura mediana. Todos o apreciavam. Muito cautelosamente, timidamente, começou a namorar a filha do sr. Valentim. A princípio, os pais de Fiorinda não apoiavam o namoro por causa da pobreza do rapaz. Era, porém, correto e trabalhador. O futuro prometia-lhe sorrisos.

Fiorinda gostava de Caetano. Sonhava formosos castelos de fada. Casando, iria trabalhar até ficar rica. Depois empreenderia viagem pela Europa. Na Itália, visitaria o Papa e o rei Vittorio Emmanuele. Contar-lhes-ia o que os italianos estão realizando no Brasil, construindo uma nova pátria cristã para glória da Itália e da Igreja.

No dia 6 de fevereiro de 1893, esplêndida segunda-feira estival, na igreja matriz de Monte Belo, paróquia recém-criada, os noivos entrelaçavam as mãos, num juramento sagrado, sob a bênção do ministro de Deus. Ao cair da tarde, começou a festa na Paulina. Pela noite afora cânticos ecoavam, entre rodadas de copos de vinho crioulo. Os gritos do jogo da mora de longe pareciam acção de cachorros no rastro do veado.

Uma casinha nova, ao lado da venda, atrás da cancha de bochas, servia de ninho ao novo casal. Fiorinda auxiliava o jovem esposo na

fabricação de sapatos, botas, chinelos. A princípio, mandavam costurar na geral. Depois compraram uma máquina a prestações. Caetano cortava, Fiorinda costurava. Pouco serviço. Um par de chinelos por dois mil-réis, a fiado.

Pelos fins do mesmo ano, as forças da Revolução Federalista assoalhavam o terror na colônia italiana. Passaram por D. Isabel. Alcançaram a Paulina. Batiam em todas as casas. Na de Caetano levaram até os seus sapatos de casamento. No Paese Novo, praticaram horrores. Até daqui, da linha 22, avistava-se a fumaça dos incêndios ateados pelos revolucionários no próspero povoado. Lindas casas de madeira recém-construídas, como as importantes lojas Oltramari e Mantovani, e o Hotel Decusatti, serviram de pasto das criminosas chamas. Durante meses, as casas dos imigrantes andaram assaltadas pelos ladrões que a horda guerreira deixara após si, em sua sinistra passagem.

Um ano mais tarde, desabrochou a primeira flor naquele jardimzinho plantado no verdor da mata. Arcângela tomou em suas mãos o anjinho que lhe dava o título de avó, Amábile, netinha que inaugurava uma geração nas florestas da América, constituía preciosa benção para a família Merlo.

Naquele ano, o jovem casal transferiu-se para Monte Bérico, na colônia do Paese Novo. Caetano comprou um terreno. Alugou uma casa, enquanto construía uma em sua propriedade. Além de cuidar da sapataria, plantou um vinhedo. Cultivava uma rocinha. Fiorinda era um portento de trabalho. Hábil e ligeira, costurava diversos pares de calçados por dia. Serviço não faltava.

Cada ano ou ano e meio, a cegonha visitava a casa de D. Fiorinda. Bicho teimoso, trabalhava sem parar. Fora treze vezes presentear a Arcângela. A filha desta entregaria nada menos de dezessete pimpolhos.

Assim, apareceu a Maria, o Antônio, o Pedro que faleceu com três meses. A Emília, a Sílvia, a Vitória, a Ângela, a Irene que morreu com vinte dias. O Pedro II foi para o céu com dois meses. O Pedro III viveu só quinze meses. A Iolanda faleceu moça feita, com quinze anos. O Guilherme. O

Pedro IV. Até que enfim o Pedro vingou para consolo da avó que desejava um neto com o nome do Príncipe dos Apóstolos. A Vitória, o Manoel e a Itália.

A estrada geral cruzava ao pé da casa. O povoado distava poucos quilômetros. A paróquia otimamente atendida pelos zelosos capuchinhos franceses, desde 1901. Estes ardorosos missionários, aos quais se deve a conservação da fé no meio dos imigrantes em várias colônias, haviam fundado um seminário em Conde d'Eu. Em 1902, o seminário foi transferido para aqui. Em 1905 e 1906, fruto de um voto para debelar o flagelo da seca e dos gafanhotos, surgiu a milagrosa gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Os anos foram desfilando. A colônia progredindo. A Roça Reiúna, o Paese Novo, passou a denominar-se Alfredo Chaves; D. Isabel, Bento Gonçalves; Conde d'Eu, Garibaldi; Campo dos Bugres, Caxias; Capoeira, Nova Prata. Emanciparam-se desmembrando-se de Montenegro. Os filhos dos imigrantes frequentavam escolas de língua portuguesa. Os dialetos italianos enriqueceram-se com novos vocábulos crioulos, fruto do ambiente e da evolução dos tempos. Nomes de plantas, animais, utensílios de uso comum. Os aperos do cavalo: pelego, carona, badana... Carijo, barbaquá. Expressões gauchescas começaram a colorir a linguajar italiano. D. Fiorinda já entendia o português e engrolava algumas palavras. Os filhos adquiriram costumes novos. Vestiam bombachas. Tomavam chimarrão. Comiam churrasco.

Por volta de 1910, um acontecimento extraordinário verificou-se na colônia: a inauguração da estrada de ferro em Caxias. E em 1919, em Bento Gonçalves. Caetano não perdeu a oportunidade de assistir a magna festa. E novo surto de progresso agitou a zona da serra nordestina. Agora as tropas e as carretas não viajariam até São João de Montenegro e São Sebastião do Caí. A dolorosa odisséia dos carreteiros encurtou.

O governo viera ao encontro dos anseios e das prementes necessidades de expansão da colônia. Os próprios imigrantes construíram a ferrovia. A produção se escoava livremente. A indústria criou asas. O

vinho. A madeira. O trigo. Muitos outros cereais. Produtos suínos. Tecidos. A erva-mate...

O trigo lourejava nas encostas. Os vinhedos perfumavam os ares. O vinho transbordava das pipas nas cantinas das casas. Às vésperas da nova safra, abriam-se os vitamos e o precioso líquido jorrava em borbotões formando rios de sangue, para deixar lugar ao novo. Ninguém tomava água. Só vinho. Nas festas e noitadas, comendo pinhão, jogando a *mora*, a alegria cantava. Cantava tão vibrante que nas salas os lampiões se apagavam ao som das vozes de vigorosos peitos.

O excesso criava abusos. Dai bebedeiras e blasfêmias. O vício da blasfêmia imperava desbragado. D. Fiorinda sofria. Nenhum de seus filhos ousava profanar a língua com a blasfêmia. Recomendava-lhes que, ao passar pela casa do carreteiro Bernardo Índio, o famoso blasfemador que no fim da vida se converteu e fez morte santa, não olhassem para ela. Dizem que ele tem parte com o diabo, acrescentava a mãe.

Levas de imigrantes continuavam a chegar da Itália. Agora sofriam menos. Encontravam parentes que os recebiam e os amparavam nos primeiros dias. As colônias se expandiam com rapidez. De Caxias passavam a povoar Nova Trento, Antônio Prado, São Marcos, Vacaria, Guaporé, Silveira Martins, Júlio de Castilhos, Santa Maria e muitos outros núcleos prosperavam a olhos vistos.

Na Europa explodiu a Grande Guerra. A imigração paralisou. Cessaram as notícias dos parentes de além-mar. Só os jornais falavam da tremenda catástrofe que sacudia o orbe espalhando o terror e a destruição durante quatro longos anos.

Até o início da guerra, haviam entrado no Rio Grande cerca de 76.000 italianos. Os filhos casavam e emigravam para outras zonas do Estado. E começou então o segundo capítulo da epopeia. O desbravamento das matas nos municípios nordestinos.

O pai-de-família, com um ou dois filhos, deixava a casa e seguia em busca de novas aventuras através do sertão desconhecido. Armados

de facção, abriam um pique na selvatiquez da floresta. Arrostavam mil perigos e a própria morte que andava à espreita na beira dos precipícios, na correnteza dos rios caudalosos, na boca da cascavel. A desmatação abre uma clareira. Constrói-se um rancho. Faz-se a roçada. A queimada. A plantação do milho. Vem a família toda.

Surgem, então, novos núcleos, como Paraí, Nova Bassano, Araçá, São José do Carreiro, hoje Ibiraiaras, Cacique Doble, Sananduva, Paim Filho, São José do Ouro, Maximiliano de Almeida, Tapejara, Marau, Erexim, Getúlio Vargas, Gaurama, Aratiba, Espumoso, Não-Me-Toque, Tapera, Dourados, Sarandi, Colorado, Barril, hoje Frederico Westphalen, e uma infinidade de outras colônias.

Uns, em vez de penetrar na mata, meio haraganos e xucros, pulavam a cerca da internada da colônia e rompiam campo fora. Montavam o pingo fogo. Vestiam o ponche e viravam gaúchos largados. Em quatro paletadas, o gringo velho estava um fazendeiro macanudo, laço nos tentos, abudo chapéu de barbicacho, guaiaca empanzinada de dinheiro, "trinta e oito" na cintura, reboleando a arreador, tocando boiada. E na imensa campanha rio-grandense, o sangue do bandeirante caldeou-se com o sangue de outro herói: o pioneiro italiano, alterando a fisionomia do nativo, branqueando a tez morena, colorindo a monótona nomenclatura portuguesa com a suavidade dos sobrenomes da maviosa língua de Dante.

Terminada a guerra, a imigração recomeçou. Com os imigrantes, veio a terrível "espanhola" que deixou após si espantosa mortandade.

No dia de finados, a família Dolzan foi ao cemitério da cidade. Frei Rufino, jovem e valoroso capuchinho francês, proferiu comovente oração. Concluída a prática, rezou com a multidão uma Ave-Maria pelo primeiro que fosse sepultado naquele campo santo. E, estranha coincidência, no dia 26 de novembro daquele ano de 13, Frei Rufino recebia o sufrágio dessa Ave-Maria. Era a primeira vítima da "espanhola" em Alfredo Chaves.

Os calçados Dolzan gozavam de densa fama. Caetano, com os filhos Antônio e Guilherme, iam de carretinha até Lagoa Vermelha.

Vendiam botas em troca de queijo. Um par de botas valia 17\$00. A arroba de queijo, 2\$000.

João Gazola, de Bento Gonçalves, namorava Emília, quando teve início a colonização de Sananduva. O rapaz era construtor. Começou a edificar casas do novo núcleo colonial. Casou e ficou morando por lá mesmo.

Amável consorciou-se com João Fracasso, fabricante de carretas, e Maria, com o comerciante Adolfo Giordani. Antônio e Guilherme, ainda solteiros, foram morar em Sananduva. No ano seguinte, em 1921, para lá se transferia toda a família.

No futuroso centro da incipiente colônia, a sapataria Dolzan desenvolveu-se. Os filhos aprenderam a arte e auxiliavam os pais. Além disso, quatro empregados trabalhavam continuamente. Os calçados Dolzan ganharam fama, trazendo prosperidade.

A revolução de 1923 também varreu Sananduva e levou todos os calçados da casa Dolzan.

Com o rolar dos anos, afluíam imigrantes de Antônio Prado, Caxias, Alfredo Chaves, Garibaldi, Bento Gonçalves. A indústria da madeira derrubava os imensos pinheirais. As famílias prolíferas enchiam as picadas de loiras crianças. A mocidade casa e deseja expandir-se. Começa, então, outra odisseia - a penetração nas selvas dos municípios do norte e do vizinho Estado. Uma avalanche de famílias. Durante longos anos, dezenas de casais de colonos passam, em pesados carretões, diariamente, para Santa Catarina.

Antônio desposa Irma Zimmermann, de Erexim, e vai morar em Concórdia, onde se estabelece com firma comercial. Guilherme, casado com Miguelina de Sousa, e Pedro, com Alice Mota, abrem forte casa comercial na cidade de Lagoa Vermelha, sede do município. Vitória une-se em matrimônio com Lilita Rosa e vem juntar-se aos dois irmãos. Manoel professa na Ordem dos Frades Capuchinhos com o nome de Frei Mateus. Mais tarde, ordenado sacerdote, transforma-se em zeloso apóstolo e

vigário de projeção em paróquias importantes, como Vacaria, Imaculada de Caxias do Sul, Soledade. Em Lagoa Vermelha construiu a belíssima igreja matriz de Santo Antônio.

Apareceram os caminhões inaugurando nova era de prosperidade, derrotando as carretas que teimavam, a princípio, em derrotar o caminhão.

Em 1940, Caetano muda-se para Lagoa Vermelha onde os filhos, com duas lojas de comércio, marchavam de vento em popa, na época do progresso, insuflado pela exploração da madeira que há pouco se iniciara.

Um dia, sobrevém uma desgraça. Violento incêndio destrói num instante toda a loja, a casa mais importante, sobrando apenas o armazém. Terrível baque! Parecia tudo perdido. Mas não seriam os filhos dos pioneiros da imigração italiana, dos intrépidos heróis que venceram a aspereza selvagem que iriam sucumbir. Não. A luta recomeçou. Ansiedades. Sacrifícios. E das cinzas Fênix renasce mais linda. No centro da Capital do Pinho, pompeia soberba a nova Casa Dolzan, a maior da cidade até o advento da Casa Elite, de Bonotto & Comiran, dos irmãos Orlando e Guilherme Comiran, filhos da Vitória, cujo marido faleceu no segundo ano de casado.

Explode a segunda guerra mundial. Traz prejuízos e vantagens. Surge o rendoso negócio do contrabando de pneus para a Argentina, rocambolesca aventura de *far west*. O *far west* mais fantástico que já passou pela mente do mais arrojado cineasta. Centenas de possantes caminhões, abarrotados de pneumáticos, desfilam dia e noite, rumo da fronteira, enfrentando aqui cerrado tiroteio da polícia, atalhando ali campos e lavouras, penetrando acolá o espesso negror da floresta. Prisões. Crimes. Mortes. Desastres. O inferno. E, envolvendo comerciantes aventureiros e autoridades policiais, surgiram desse mercadeio ilícito mirabolantes fortunas.

Pedro arregalava os olhos, com água na boca. O sangue italiano, quente por natureza, lhe fervia nas veias, numa ambição insaciável. Ia jogar-se na arriscada aventura, quando Fiorinda, a mãe vigilante e prudente, alçou a voz, enérgica:

- Não, meu filho. Não quero ver-te longe de casa, entre bandoleiros e contrabandistas. Deus me livre!

A custo, permitiu-lhe a mãe que ele fosse a Buenos Aires para visitar o tio, que encontrou passando bem, junto com numerosa e ilustrada família.

Em 1943, a grande família Dolzan festejava solenemente as bodas de ouro de Caetano e Fiorinda. Cinquenta anos, longos e trabalhosos, a serviço do Brasil.

Dois anos mais tarde, Caetano adormecia no beijo do Senhor, indo receber no céu o merecido prêmio de 75 anos de fadigas e benemerências.

D. Fiorinda, mais forte que cerne de guajuvira, vai aguentando firme os trompaços da vida. Alegre, vivaz, ligeira, aposta carreira com os filhos. Possui a lucidez, a vista e o ouvido dos netos. Criada na aspereza da vida inclemente, dormindo em jirau, alimentando-se de morango, milho verde e polenta, afeiçoou-se ao sacrifício. E hoje, quando os filhos, netos, bisnetos e trinetsos ainda dormem, ela sai de casa, todas as manhãs, quando as estrelas ainda brilham no firmamento, vai a igreja orar e comungar pela felicidade de seus descendentes que beiram a casa dos duzentos.

De vez em quando, passa uma semana em casa das filhas em Sananduva, onde seus genros e netos, Boaretto, Gazola e Fracasso, açambarcam metade do comércio.

Assiste, agora, a emigração dos netos para o leste do Paraná, Mato Grosso, Goiás e Brasília. A filha Angela, casada com Pedro Sartori, reside em Pato Branco. Por lá os gaúchos, rebentos afastados dos imigrantes italianos, fundam cidades as dezenas.

Eduíno, o neto acadêmico, narra a bondosa avozinha a história mais trágica que já ouviu nos 85 anos de existência. História de muitos imigrantes gaúchos nos sertões do Paraná.

Nos municípios de Pato Branco, Francisco Beltrão, Santo Antônio, Capanema, Cascavel, Barracão e outros, os rio-grandenses sofreram crudelíssima perseguição de desalmados bandidos.

Num lar, assim conta o neto, caçaram o pai de família. A esposa foge com duas crianças. Abatem-na a tiros. Roubam-lhe a criança dos braços. Um dos malvados atira o filhinho ao alto e outro bandido o recebe com a ponta do facão afiado. Deitam fogo à casa. Espetam o corpo da criança numa vara. Assam-na na fogueira e cravam no pátio o espeto com o anjinho queimado...

Noutra casa, abrem o peito da mulher, arrancam-lhe o coração palpitante que suspendem com um barbante a soleira da porta.

O neto continua a narrar outras incríveis barbaridades de que são vítimas os abnegados colonos gaúchos, enquanto desbravam o sertão do Paraná.

D. Fiorinda sofre e reza.

Volta e meia, encontra uma patrícia, pioneira como ela da imigração.

Conversam longamente. Recordam o passado. D. Itália Salomoni Scalabrin, cuja neta, a professora Corina, casou com o neto de D. Fiorinda, o comerciante Gentil Gazola, numa de suas visitas a Lagoa Vermelha, conta:

"Eu tinha sete anos quando cheguei da Itália. De São Sebastião do Caí fomos a pé até a Feliz. Aqui o pai comprou um cavalo por treze mil-réis, cavalo arreado, com freio de prata. Passamos pelo Barracão de Nova Milano. Através da picada chegamos a Campo dos Bugres. Daqui o pai foi abrindo o pique a facão até o nosso lote. Armou uma barraca de galhos de árvores. Começou a cortar o mato. O primeiro pinheiro caiu em cima do rancho. O pai não conhecia a arte de cortar pinheiros. Em vez de abrir um talho de um lado e outro na outra parte oposta mais no alto, cortava tudo em redor. Durante alguns meses vivemos praticamente só de pinhão. Se não fosse o pinhão, teríamos morrido de fome."

D. Teresa Morelato palestra longamente com D. Fiorinda. Aquela descreve-lhe um dia a sua vinda para o Brasil. Na Itália, conta D. Teresa, meu pai foi para a guerra. Nossa casa incendiou-se. Minha mãe não podia me sustentar. O pároco me dava todos os dias um prato de comida. Finda a guerra, meu pai voltou para casa. Pouco depois morria minha mãe. Eu caí doente. Não havia mais cura. Recorreram ao Papa Pio X, o Papa das crianças. Curei-me assim milagrosamente por intercessão daquele grande santo. Emigramos para o Brasil, onde tínhamos um tio. Ao passar por Porto Alegre, a família Cauduro queria que eu ficasse com ela, como empregada. Eu não quis. Fui para Garibaldi, onde morava o tio. Passei misérias. Quase morri de fome. Trabalhava para ganhar um pedaço de pão duro. Só tinha um misero vestidinho. Uma vez, indo a cavalo, passei por uma carreta carregada de barras de ferro. Uma barra bateu-me na cabeça. Derrubou-me do cavalo. Abriu-me um talho na nuca. O sangue jorrava, empapando a roupa. Era um martírio. Resolvi aceitar o convite da família Cauduro. Fui recebida como filha. Curei-me da dor de cabeça, extraindo todos os dentes. Fui operada. Aprendi a ler. Sou muito grata àquela família que me salvou.

Um dia o filho Vitório foi à Festa da Uva em Caxias do Sul e levou a mãe no seu lindo Chevrolet hidramático. Passaram por Veranópolis, antiga Alfredo Chaves. Por Bento Gonçalves. Na Paulina, D. Fiorinda reviu irmãos e irmãs. No cemitério orou no túmulo do querido pai Valentim e da estremecida mãe Arcângela. Coitados! Já estão no céu gozando o prêmio de seu martírio.

D. Fiorinda observava tudo, deslumbrada diante da prodigiosa transformação. A ponte sobre o rio das Antas. Maravilhosas estradas. Todos os colonos possuem automóvel, jipe, caminhão ou camioneta. Aos domingos vão todos a missa de carro, num instante. As casas bonitas, com luz elétrica e rádio tocando o dia inteiro. No meu tempo só se ouvia música uma vez por ano, na sagra de Santo Antônio em D. Isabel. As cidades esplendorosas, com milhares de indústrias, arranha-céus. Campo dos Bugres tomou-se uma das mais lindas, ricas e importantes cidades do Estado. A Festa da Uva um esplendor. Chorou ao contemplar o

monumento ao Imigrante. O gigantesco bronze de Caringi, representando o marido ao lado da esposa com a criança ao colo, a mão espalmada sobre os olhos, perscrutando o mistério da floresta, na lonjura... D. Fiorinda recordava-se da chegada da Itália. Do pai, da mãe...

Vendo a multidão de pessoas na festa, aquele fantástico deslumbramento, recordou-se das proféticas palavras do velho tio Marcos: nossos filhos se multiplicarão como as folhas destas matas. Quantos filhos, netos, bisnetos e trinotos eu tenho? Quase duzentos. O pai teria hoje cerca de dois mil descendentes. Os cem mil italianos chegados ao Rio Grande já devem ter dado mais de um milhão de cidadãos brasileiros. Andam esparramados como filhotes de perdiz por todo o Estado. Em Santa Catarina. No Paraná. Em São Paulo. Mato Grosso. Rio de Janeiro. Brasília...

Filhos ilustres na política, nas artes, nas letras. Governadores, ministros, senadores, deputados, grandes médicos, engenheiros, advogados, bispos, sacerdotes. Milhares de religiosos. Frei Mateus, o meu filho, um grande padre. Graças a Deus. O que me dá mais alegria na família. Frei Gaspar, o meu neto, Diretor da Rádio Cristal, de Soledade. O meu filho candidato a prefeito. Os meus netos acadêmicos de Medicina, de Direito...

Olhava os possantes caminhões. Milhares deles, substituindo o cargueiro e a carreta. Sim, era bem verdade o que anunciava o tio: daqui surgirá uma grande nação. Nossos filhos se multiplicarão como as folhas destas árvores...

D. Fiorinda voltou para Lagoa Vermelha completamente deslumbrada. E vive recordando o passado, confrontando-o com o presente. Hoje está tudo mudado. Tudo diferente. As dificuldades desapareceram. O dinheiro rola como água. E no meu tempo não havia dinheiro para comprar uma vaquinha de leite. Ah! Não morremos porque Deus não quis. No meu tempo, eu recebia na festa do Natal duzentos réis. Hoje os meus filhos dão para os seus filhos cem cruzeiros cada domingo. Parece até um abuso. Ah! Essas mães modernas não sabem o que seja

sacrifício. Elas danam a alma de seus filhos.

O filho Pedro então explica:

- Mãe, mas a senhora não vê que os tempos são outros? O dinheiro não tem mais o mesmo valor. Quanto trigo é que plantava por ano o avô, hem, mãe?

- Oh! Pouco, muito pouco. Por aí, meio saco.

- Pois, agora nós plantamos acima de mil sacos.

É verdade, os filhos de D. Fiorinda, ultimamente, deram de comprar e arrendar campo e semear trigo, aproveitando o novo surto de progresso que trouxe a lavoura mecanizada. Maravilhosos trigais, ondulando a cálida brisa primaveril. Três enormes granjas, zelosamente cuidadas por Domingos Fiorini e seus quinze filhos. Moderna e imensa granja de porcos e galinhas.

Os descendentes dos imigrantes italianos são como as pombas migratórias. Longe, muito longe, descobrem granjas de trigo, de arroz. E para lá se tocam, num prisco. Surgiu a notícia da fertilidade das terras do alto Paraná. As terras mais férteis do mundo. Até vinte metros de profundidade, o solo possui humo. Os cafezais rebentam do chão com espantosa rapidez. Milhares de gaúchos tomaram de assalto aquela promissora zona.

Os filhos de D. Fiorinda não perderam tempo. Compraram dezenas de lotes coloniais. Plantaram milhares de pés da saborosa rubiácea. Hoje colhem os primeiros grãos.

A exploração da madeira de pinho no norte do Estado, em Santa Catarina e Paraná, fabulosa Fonte de renda, causadora da fundação de inúmeras vilas e cidades no seio do sertão brasileiro, atrai os laboriosos filhos dos desbravadores do planalto rio-grandense. Na arrojada aventura da penetração através dos negros e infinitos pinheirais, na implantação de serrarias, na derrubada das gigantescas araucárias, no transporte das toras e das tábuas em possantes caminhões de reboque, andam empenhados tenazmente os netos e bisnetos da pioneira D. Fiorinda.

E a intrépida vovozinha dá graças a Deus porque seus descendentes vão bem. Todos trabalhadores incansáveis e espertos, dignos continuadores da obra benemérita de seus pais e avôs.

Às vezes, em suas longas meditações sobre a transformação da vida moderna, lamenta a demasiada liberdade dos costumes atuais. As modas escandalosas. A falta de fé no povo. Mesmo os italianos que chegam agora, já não tem a mesma fé de antigamente, nem espírito de sacrifício. Querem enriquecer num momento, sem muito esforço.

No dia da inauguração do aeroporto da cidade, viu o avião de perto. Seus bisnetos voaram no aparelho. Depois divertiam a *nonna* descrevendo a fantástica aventura. As vacas, *nonna*, diz a Nanete, pareciam galinhas. Os autos eram de brinquedo...

No dia 13 de setembro de 1958, Giovanni Gronchi, Presidente da Itália, visitou Caxias do Sul. Nos grandes jornais de Porto Alegre, no "Correio Rio-Grandense", o seu querido jornal que sempre leu, no "Eco Lagoense", da sua cidade, apareceu extenso artigo intitulado: "Epopéia italiana no Rio Grande". Era a vida de D. Fiorinda, uma pioneira da imigração, apresentada ao Presidente da Itália.

D. Fiorinda recordou-se dos sonhos da mocidade, no ardor juvenil do noivado. Sonhara ir a Itália contar ao rei, e ao Papa a obra gigantesca dos italianos no Brasil. Ela não pode ir à Itália. Mas o seu supremo mandatário, o que substitui o rei, veio pessoalmente ver o mundo que os italianos criaram no Rio Grande do Sul. Viu o presente. Mas viu também o passado, reeditado na modesta vida de uma velhinha de 85 anos - D. Fiorinda Merlo Dolzan - modelo vivo do heroísmo imortal do imigrante italiano, autor de um dos mais sublimes poemas cantando a colonização do Brasil.

* * *

D. Fiorinda veio a falecer no dia 10-5-1959. Seu filho Frei Mateus Dolzan faleceu em Vespasiano Correa, no dia 11-11-1979, e foi sepultado em Lagoa Vermelha. Vitorio Sílvio Dolzan faleceu 4-10-1982. Vitória

Dolzan Comiran faleceu em 33-7-1984. Pedro Atílio Dolzan, em 10-7-1991, Guilherme Dolzan em 9-3-1986.

O bisneto de D. Fiorinda, Antônio Carlos Dolzan, um dos maiores granjeiros do nordeste do Estado e distribuidor de sementes de soja, construiu em 1995 o maior edifício da cidade de Lagoa Vermelha - Edifício Vila Vicenza, com 9 andares, subsolo, 4 coberturas, salão de festas, 15 apartamentos com 3 dormitórios, 5 com 2 dormitórios, todos com sacadão e churrasqueira, elevador e porteiro eletrônico, 8 salas comerciais, 10 lojas, 42 unidades de qualidade e conforto, distribuídas em 4.600 m² de edificação.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão-cheia...
e faz o povo pensar!

Fidélis Dalcin Barbosa está chegando aos 80 anos: um jovem de 80 anos que, como poucos no sul do país, no dizer de Castro Alves, semeou livros à mão-cheia. São 300 edições e cerca de 1,5 milhões de volumes entregues ao povo. Muitos de seus leitores leram apenas suas obras, e nada mais; souberam o que é um livro, aprenderam a pensar sobre um texto, abrindo as páginas da linguagem castiça deste homem simples, que nunca pensou disputar mercado com grandes autores, assim como também jamais quis ser vulgar para encontrar quem o lesse. *Semblantes de Pioneiros* é o volume comemorativo do octogésimo aniversário. Relançada, após sete lustros, a obra não é apenas a história dos pioneiros da colonização italiana em solo gaúcho: é também uma obra pioneira na forma de aproximar-se da problemática da imigração, no modo de abordar temas que ainda não se haviam estruturado para a narrativa, na capacidade de captar fisionomias até então ignoradas. Um misto de lírico e de épico, nos diversos textos que compõem o volume, faz com que a elegância literária, por vezes, quase encubra o árduo trabalho de pesquisa histórica neste livro que após tantos anos, após o centenário da imigração italiana, após centenas de volumes que desde então se escreveram sobre o assunto – continua com o frescor da data de publicação e revela, mais que qualquer outro, o *Semblante de um Pioneiro*...

LUIA A. DE BONI



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

